

LUCAS CARREGARI CARNEIRO

**“DE MIM SAIU VIRTUDE”: ESPIRITUALIDADE E COMPETÊNCIA MORAL EM
GRUPOS DE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA**

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO
E SOCIOECONÔMICAS – ESAG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LUCAS CARREGARI CARNEIRO

“DE MIM SAIU VIRTUDE”: ESPIRITUALIDADE E COMPETÊNCIA MORAL EM
GRUPOS DE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Acadêmico de Administração, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração.

Orientador: Maurício C. Serafim

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

C289d Carneiro, Lucas Carregari
“De mim saiu virtude”: espiritualidade e competência moral em grupos de
formação empreendedora / Lucas Carregari Carneiro. - 2017.
175 p. il.; 29 cm

Orientador: Maurício C. Serafim

Bibliografia: p. 133-145

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas, Programa de Pós-
Graduação em Administração, Florianópolis, 2017.

1. Administração de empresas. 2. Habilidades sociais. 3. Religiosidade.
4. Espiritualidade. I. Serafim, Maurício C. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD: 658 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

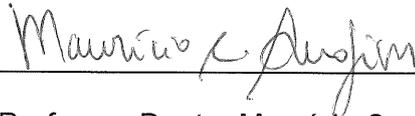
LUCAS CARREGARI CARNEIRO

“DE MIM SAIU VIRTUDE”: ESPIRITUALIDADE E COMPETÊNCIA MORAL EM GRUPOS DE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Acadêmico de Administração, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração.

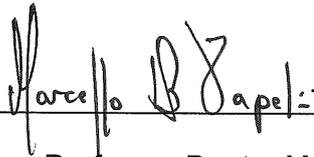
Banca Examinadora:

Orientador:



Professor Doutor Maurício Custódio Serafim
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Professor Doutor Marcello Beckert Zapellini
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Professora Doutora Patrícia Unger Raphael Bataglia
Universidade Estadual Paulista

Florianópolis, 25/09/2017

Dedico este trabalho àqueles que, mesmo com medo de ir em direção à incerteza, caminham no desvendar do complexo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e toda minha família pela inspiração, incentivo e participação ativa em meu processo de desenvolvimento acadêmico. Dedico este trabalho a vocês.

Agradeço aos meus amigos, em especial ao Felipe e Eduardo, pelas discussões informais, reflexão atenta e parceria em momentos de descontração, tão importantes para o desenvolvimento saudável deste trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Estado de Santa Catarina, a todos os professores, servidores e colegas desta jornada.

Agradeço ao professor orientador Maurício Serafim, por construir junto comigo este trabalho, fornecendo bases sólidas de reflexão e interessantes caminhos de desenvolvimento.

Agradeço à professora Patrícia Bataglia por acreditar neste trabalho, pela solicitude ao fornecer um dos instrumentos necessários para o estudo, assim como seus valiosos *insights*.

Agradeço ao professor Marcello Zapellini, pelas contribuições estruturais desta pesquisa, sempre disposto a compartilhar seus materiais e conhecimentos.

Agradeço ao Núcleo de Inovações Sociais na Esfera Pública (NISP), e aos integrantes do projeto de pesquisa “Na prática a ética é outra: Compreendendo os dilemas morais vivenciados na gestão pública”, em especial a Laís e Maria Clara, pelo acolhimento e companheirismo.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte dado durante o período de realização deste mestrado.

Agradeço às instituições e aos participantes da pesquisa; sem esses aceites, não seria possível acessar o fenômeno e buscar contribuições à compreensão deste.

Por fim, agradeço a Deus, aquele que é impossível definir ou limitar.

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou excluí.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis, 14/2/1933

RESUMO

A relação entre ética e espiritualidade nas organizações têm encontrado resultados controversos ao longo da História; se, por um lado, estudos dizem que a religiosidade influi diretamente no comportamento ético nas organizações, outros argumentam que há uma fraca relação. Essa divergência foi chamada de forma análoga a um passeio de montanha-russa (HOOD et al, 2009). Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo investigar como a espiritualidade pode influenciar a competência moral em participantes de espaços de formação empreendedora. Para acessar o fenômeno, utilizaram-se como base as orientações da motivação religiosa (ALLPORT; ROSS, 1967) e a teoria de desenvolvimento moral (KOHLBERG, 1981; 1984), num método de pesquisa misto, sequencial exploratório, envolvendo etapas quantitativa e qualitativa (CRESSWELL; PLANO CLARK, 2013). Encontrou-se que a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, influencia positivamente a competência moral do empreendedor em formação, quando acompanhada de uma capacidade reflexiva desenvolvida e preferência por justificativas éticas principialistas. Conclui-se também que a inclinação para respostas socialmente aceitas, somada com a terceirização da reflexão diante de dilemas morais, não favorecem a competência moral e dificultam o desenvolvimento de virtudes por meio da prática espiritual.

Palavras-chave: Espiritualidade. Religiosidade. Competência Moral. Empreendedorismo. Espaços de formação.

ABSTRACT

The relationship between ethics and spirituality in organizations studies has found controversial results through History. If one hand the studies say that religiosity directly influences ethical behavior in organizations, others argue that there is a weak relation. This divergence was known as a roller coaster ride (HOOD et al, 2009). This study aims to investigate how spirituality can influence moral competence in participants of entrepreneurial forming spaces. To access the phenomenon was elected to use religious motivation orientations (ALLPORT; ROSS, 1967) and the moral development theory (KOHLBERG, 1981; 1984). Methodology strategy is the sequential exploratory involving mix methods of quantitative and qualitative research (CRESSWELL, CLARK PLAN, 2013). It was found that spirituality expressed in religiosity is positively related to moral competence if the forming entrepreneur developed reflexive capacity and preference for deontological ethical justifications. The research also concludes that the preference for socially accepted answers and outsourcing of moral reflection when are situations of moral dilemmas doesn't favor moral competence and the development of virtues through spiritual practice.

Keywords: Spirituality. Religiosity. Moral Competence. Entrepreneurship. Formation spaces.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Hipótese da Relação entre a Orientação da Motivação Religiosa e Competência Moral.....	32
Figura 2: Frequência dos artigos em relação ao ano de publicação.....	47
Figura 3: Distribuição da abordagem de pesquisa.....	49
Figura 4: Nuvem de palavras com as palavras-chave dos artigos.....	51
Figura 5: Ficha do grupo focal para Bloco 1	81
Figura 6: Ficha do grupo focal para Bloco 2	81
Figura 7: Ficha do grupo focal para Bloco 3	82
Figura 8: Teste de Kruskal Wallis e igualdade entre medianas no C-Score e orientações da motivação religiosa.....	99
Figura 9: Boxplot do C-score nos grupos do levantamento	100
Figura 10: Teste de Kruskal Wallis para os dilemas	101
Figura 11: Boxplot do dilema do médico.....	102
Figura 12: Boxplot dilema do juiz.....	103
Figura 13: Boxplot orientação religiosa intrínseca	104
Figura 14: Boxplot orientação religiosa extrínseca social	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência das publicações nos journals 2005/2015	45
Tabela 2: Distribuição dos países de origem dos artigos 2005/2015.....	48
Tabela 3: Procedimentos metodológicos	87
Tabela 4: Composição dos grupos do levantamento	89
Tabela 5: Frequência de gênero da amostra	90
Tabela 6: Distribuição do grau de escolaridade da amostra	90
Tabela 7: Composição etária da amostra	90
Tabela 8: Frequência de denominação religiosa da amostra	91
Tabela 9: Grau de religiosidade da amostra	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descritores de Pesquisa	40
Quadro 2: Resultado da Pesquisa nas Bases de Dados e os Filtros Utilizados.	41
Quadro 3: Amostra dos Artigos Seleccionados	43
Quadro 4: Tamanho e natureza das amostras das pesquisas quantitativas.....	50
Quadro 5: Temas e autores	51
Quadro 6: Tempo de respostas ao pré-teste	83
Quadro 7: C-Score dos grupos de levantamento.....	92
Quadro 8: Motivação da orientação religiosa dos grupos de levantamento.....	94
Quadro 9: Testes de Normalidade	98
Quadro 10: Correlação c-score total versus orientação intrínseca	106
Quadro 11: Correlação c-score dilema trabalhadores versus orientação intrínseca	107
Quadro 12: Correlação c-score dilema médico versus orientação intrínseca ...	107
Quadro 13: Correlação c-score dilema juiz versus orientação intrínseca	108
Quadro 14: Correlação c-score total versus orientação intrínseca no grupo vinculado à inst. religiosa.....	109
Quadro 15: Correlação c-score total versus orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa.....	109
Quadro 16: Correlação c-score dilema dos trabalhadores versus orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa	110
Quadro 17: Correlação c-score dilema do médico versus orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa	110

Quadro 18: Correlação c-score dilema do médico versus orientação intrínseca no grupo vinculado à inst. religiosa	111
Quadro 19: Correlação c-score dilema trabalhadores versus orientação extrínseca pessoal no grupo da extensão	112
Quadro 20: Correlação c-score dilema trabalhadores versus orientação extrínseca pessoal no grupo da graduação	112

LISTA DE ABREVIATURAS

- CELESC Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.
- CSED Centro de Estudos do Desenvolvimento Ético
- DIT Defining Issues Test
- EGC Engenharia do Conhecimento
- LED Laboratório de Ensino a Distância
- MCT Moral Competence Test
- MJT Moral Judgement Test
- NISP Núcleo de Pesquisa e Extensão em Inovações Sociais na Esfera Pública
- PUB Propensity to Engage in Unethical Behavior Scale
- RMO Religious Motivation Orientation
- RMO E Extrinsic Religious Motivation Orientation
- RMO I Intrinsic Religious Motivation Orientation
- SPSS Statistical Package for the Social Sciences
- SROM Socialmoral Reflection Objective Measure
- UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina
- UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	27
1.1 Problema de Pesquisa.....	27
1.2 Pergunta de Pesquisa.....	31
1.3 Hipótese.....	31
1.4 Objetivos.....	33
1.5 Justificativa.....	34
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	37
2.1 Estudo bibliométrico da relação entre ética, espiritualidade e religiosidade nas organizações.....	37
2.1.1 Pesquisas antecedentes.....	38
2.1.2 Procedimentos metodológicos.....	40
2.1.3 Análise e discussão.....	42
2.2 Estudo dos conceitos centrais à pesquisa.....	55
2.2.1 Componente metafísico.....	55
2.2.2. Componente Moral.....	58
2.2.3. Componente Empreendedorismo.....	66
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	71
3.1 Caracterização da pesquisa.....	71
3.2 Sujeitos pesquisados.....	73
3.3 Instrumentos de coleta de dados.....	75
3.3.1 Mensuração da competência moral.....	76
3.3.2 Mensuração da espiritualidade/religiosidade.....	79
3.3.3 Roteiro do grupo focal.....	80

3.4 Aplicação do pré-teste.....	82
3.5 Aplicação do questionário	83
3.6 Aplicação do grupo focal	84
3.7 Análise e interpretação dos dados	85
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	89
4.1 Análise: Etapa Quantitativa	89
4.2 Análise: Etapa Qualitativa	113
4.3 Discussão.....	126
5. CONCLUSÃO	131
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE.....	147
APÊNDICE A – Estatísticas descritivas separadas da composição das amostras.....	149
APÊNDICE B – Estatísticas descritivas dos escores da competência moral por grupo em cada dilema.....	155
APÊNDICE C – Resultados complementares dos testes de correlação entre c- score e motivações da orientação religiosa	159
ANEXOS	169
ANEXO A – Enunciados dos dilemas morais contidos no questionário do MCT	171
ANEXO B – Escala da orientação da motivação religiosa	173
ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido	175

1 INTRODUÇÃO

No passado, em uma região árida, entre desertos e oásis, viviam povos marcados por guerras, disputas por terras e recursos. Naquele tempo, nações estavam sendo subjugadas por uma potência recém-chegada. Lideranças antes estabelecidas estavam cada vez mais longe de sua raiz, voltando suas atenções para a manutenção do poder em meio à opressão invasora. Nesse cenário, um povo clama por redenção, a qual sua tradição tanto ensinava de geração em geração.

Não distante do epicentro de uma dessas nações sob jugo estrangeiro, um líder às avessas surge da base. Não por armas, mas por compaixão ele liberta pessoas, não nações. Em uma peregrinação a uma cidade distante, é recebido por uma turba faminta de sentido existencial e aflições, sendo empurrado e achacado por todos os lados, devido à sua crescente fama. Em meio à confusão, foi tocado em vários pontos, mas um toque em específico chamou sua atenção. Alguém ali encontrou sua essência, e dali saiu virtude.

Essa cena foi descrita no texto bíblico. O episódio é curioso na medida que, segundo a narrativa, embora Jesus fosse acessado por todos os lados, ninguém conseguia tocá-lo de maneira notável e compreender sua natureza, até o momento em que uma mulher o toca de maneira virtuosa e acessa sua essência. O resgate desse episódio é pertinente, pois leva à reflexão sobre o motivo por que a virtuosidade não se dá na mesma medida nas diferentes situações vividas. A presente pesquisa se debruça sobre essa questão sob a ótica das orientações da motivação religiosa e sua relação com a competência moral no mundo do trabalho.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O viver humano pode ser compreendido como uma trama complexa de relações de ação e consequência. Da raiz latina *actio*, a ação tem sua instância mais tangível nos atos. Esses atos podem ser respostas imediatas ao ambiente, diretamente ligadas à emoções primárias, tais como a alegria, surpresa, raiva, medo,

nojo e tristeza (DAMASIO, 2004). Por outro lado, as ações podem se valer de processos de cognição muito mais elaborados, como, por exemplo, quando o indivíduo compreende que está envolvido em um dilema moral (BIAGGIO, 2002).

Os dilemas morais surgem quando há um conflito entre dois cursos de ação. Esse conflito também pode se dar na tomada de decisão e suas consequências no contexto em que, ao optar por um caminho de ação em detrimento de outro, o ator incorre no risco de prejudicar ou beneficiar outrem de forma consciente. Os dilemas também ocorrem quando um curso de ação se choca com princípios éticos universais assumidos pelo tomador de decisão, ou mesmo pela organização (KIDDER, 2007). Essas decisões frequentes acabam por formar padrões de conduta. Esses padrões podem entrar em conflito com padrões de outras pessoas ou das próprias organizações, gerando estresse, dissociação de personalidade e perda da integridade (BIRD, 1996).

Um caminho para melhor compreender os dilemas morais no mundo do trabalho é a aproximação de outros campos do conhecimento, tais como a Psicologia. Um instrumento consolidado que pode oferecer uma perspectiva interessante para esse avanço é a Teoria do Desenvolvimento Moral de Kohlberg (1981, 1984). Esse autor cunhou o conceito de competência moral como sendo “a capacidade de tomar decisões e emitir juízos morais (baseados em princípios internos) e agir de acordo com tais juízos” (1964, p. 425).

Suas pesquisas aprofundaram os trabalhos iniciados por Piaget, contribuindo para a consolidação do cognitivismo (BATAGLIA; MORAIS; LEPRE, 2010). Em seus trabalhos, a dimensão ética não é apenas mera internalização de valores morais do grupo social, tal como o behaviorismo tende a sustentar. Seus estudos indicam a existência de princípios básicos universais, tais como o respeito à vida humana, que podem ser apreendidos e desenvolvidos ao longo do tempo, o que também não exclui que vários princípios morais não sejam meramente culturais (BIAGGIO, 1975).

Ao analisar o comportamento dos indivíduos expostos a dilemas morais, Kohlberg vislumbra que, muito além das respostas em si, a competência moral do sujeito se baseia na justificativa dada pelo pesquisado. Dessa forma, privilegia-se o raciocínio do indivíduo mais do que sua decisão (BIAGGIO, 2002). Dentre os diversos elementos constituintes desse raciocínio destaca-se a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, o que tem chamado a atenção de importantes pesquisas,

como Bataglia, et al. (2002a), Bataglia, et al. (2002b) e Schillinger (2006), que observam o evidente efeito da religiosidade em relação a diferentes tipos de dilemas morais.

Ao longo da História, a relação entre a religião e a vida econômica foi objeto de estudo dos pioneiros da sociologia, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Em Marx e Engels (1977, 2003), a religião foi considerada uma forma de ideologia ou falsa consciência que serviria como uma legitimação e justificativa das ações, poder e privilégio burguês, enquanto para o proletariado a religião seria o “ópio das massas”, ou seja, se apresentaria com uma falsa aparência de natureza divina da desigualdade social e da recompensa no pós-morte, para encobrir a verdadeira face da opressão (WUTHNOW, 2005). Durkheim (1978), por sua vez, não empreendeu uma investigação direta sobre a relação entre religião e vida econômica, mas o seu legado proporciona ferramental conceitual importante para essa abordagem. Para o sociólogo francês, a religião possui um papel importante na coesão social devido à sua capacidade de representação simbólica da coletividade. O legado de Durkheim para esse tema está na abordagem do simbolismo, ritual e cultura (WUTHNOW, 2005).

Weber (2002, 2004) talvez tenha apresentado a maior contribuição entre os clássicos para o entendimento da relação entre religião e vida econômica, despontando, assim, como o mais relevante para os estudos organizacionais nesta temática, principalmente em seu estudo sobre a ética religiosa do protestantismo ascético e sua “afinidade eletiva” com a racionalidade da cultura capitalista moderna. Para o autor, a moderna organização racional capitalista (empresarial) do trabalho livre é fruto da separação da empresa da economia doméstica, criação de uma contabilidade racional e o avanço da tecnologia; contudo, ele entende que esses fatores são insuficientes para explicar a ascensão do capitalismo. Houve a necessidade de incluir a existência de um estilo e concepção de vida compartilhados pela sociedade, cuja condução de suas vidas era conformada por um *ethos* (ordem normativa internalizada) formado por máximas éticas baseadas na crença em valores cujo descumprimento era considerado como uma falta grave ao dever. Essa ética social coloca ênfase num dever em especial: o profissional. Esse dever constitui-se em relação ao conteúdo da atividade profissional – realizada de maneira metódica e sistemática – e seu bom cumprimento é traduzido pelo resultado econômico obtido, por ser um indicador contabilizável e, por isso, palpável. Dessa forma, o resultado se

transforma no objetivo de vida e o ganho econômico deixa de ser um meio de satisfação das necessidades materiais para se transformar em um objetivo em si mesmo (LÓPEZ-RUIZ, 2004).

Especificamente no campo dos estudos organizacionais, é apenas a partir da década de 1960 que a temática da moral adentra de forma sistemática. São marcos desse movimento os artigos de Baumhart (1961) com *How Ethics Are Businessmen?*, publicado na Harvard Business Review, *Can ethics be taught?* de Derek Bok (1976), publicado no periódico Change: The Magazine of Higher Learning, e Robin e Reidenbach (1987) com *Social responsibility, ethics, and marketing strategy*, publicado no Journal of Marketing.

Dentre os fatores analisados para melhor compreender a competência moral nas organizações, a espiritualidade e a religiosidade despontam como fatores associados ao julgamento e à ação ética no trabalho (WALKER et al., 2011; CORNER, 2009; KOLODINSKY et al., 2008).

Entende-se religiosidade como crença em Deus acompanhada do comprometimento com princípios que se acredita terem sido definidos pelo próprio Deus (MCDANIEL; BURNETT, 1990). Já a espiritualidade é compreendida como a busca por significado, unidade, conexão com a natureza, humanidade e o transcendente (EMMONS, 1999). A espiritualidade e religiosidade, embora distintas, se sobrepõem e estão extremamente conectadas (VITELL, 2009).

Estas são as definições de religiosidade e espiritualidade que concernem esta pesquisa. Especifica-se, contudo, que, para fins de operacionalização do estudo, a religiosidade e espiritualidade podem ser utilizadas uma como sinônimo da outra, sendo a primeira considerada uma manifestação tangível da segunda.

A religiosidade também desempenha um papel de estabelecer e disseminar preceitos morais e orientações éticas, o que pode oferecer uma base prática de conduta nos negócios (BRAMMER et al., 2007). Porém, a relação dos elementos da espiritualidade e religiosidade com a competência moral nas organizações aparenta ser mais complexa do que à primeira vista se pode inferir. Por exemplo, tanto os CEOs da Enron quanto os da Worldcom, ambos julgados culpados em esquemas de corrupção, autodeclararam-se cristãos (WONG, 2008). Se, por um lado, pesquisas apontam que espiritualidade e religiosidade influenciam diretamente o comportamento

ético nas organizações (TERPSTRA et al, 1993; LONGENECKER et al, 2004; BLOODGOOD et al, 2008), outras argumentam que há uma fraca relação (GORSUCH; MCPHERSON, 1989; CLARK; DAWSON, 1996; CONROY; EMERSON, 2004).

Essa divergência na literatura foi chamada de forma análoga como um passeio de montanha-russa (HOOD et al, 2009). Mais uma vez, percebe-se que a busca espiritual e a prática religiosa, como no episódio narrado na introdução, não se traduz uniformemente em virtude. Então, o problema da presente pesquisa se dá no âmbito dessa zona cinzenta, diante da qual busca-se contribuir com uma luz na perspectiva das orientações da motivação religiosa e sua relação com a competência moral no mundo do trabalho.

1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

A fim de compreender quais elementos podem privilegiar a ação virtuosa na formação empreendedora, surge a questão: De que forma a espiritualidade influencia a competência moral do empreendedor?

1.3 HIPÓTESE

Dentre os estudos que se propõem a decompor essa complexidade e compreender quais são os fatores mais importantes na relação entre a competência moral e espiritualidade, destacam-se aqueles sobre a motivação da orientação religiosa (ALLPORT; ROSS, 1967; MEADOW; KAHOE, 1984; WEAVER; AGLE, 2002; SINGHAPAKDI, 2013). Para esses estudos, a motivação da orientação religiosa é de dois tipos, extrínseca e intrínseca. A religiosidade extrínseca pode ser percebida através da motivação utilitarista de atitudes religiosas, como, por exemplo, quando se toma ação a fim de receber aceitação social, conforto e segurança. Já os indivíduos que apresentam religiosidade intrínseca costumam tratar sua crença como um fim em si mesma, comprometida com objetivos espirituais e princípios vividos no dia a dia.

Pessoas motivadas extrinsecamente usam sua religião, enquanto pessoas motivadas de forma intrínseca vivem sua religião (ALLPORT; ROSS, 1967).

O desenvolvimento da competência moral pode ser relacionado à orientação da motivação religiosa intrínseca. Considera-se que essa orientação é voltada a princípios internos que se traduzem em ações, ao invés de preceitos externos que impõem restrições às mesmas, características últimas mais próximas da orientação extrínseca.

Tendo em vista essa possível aproximação de conceitos, propõe-se averiguar a hipótese de que há uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral, por meio do instrumento *Moral Competence Test Extended* (BATAGLIA, 2010), assim como a existência de uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa extrínseca e escores mais baixos de competência moral. Verifica-se essa hipótese no estudo por meio de questões de abordagem quantitativa, especificamente dentro de um levantamento.

Figura 1: Hipótese da Relação entre a Orientação da Motivação Religiosa e Competência Moral



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Uma outra hipótese de estudo é que a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, desenvolve virtudes, melhor preparando as pessoas para identificar e resolver dilemas morais. Entendem-se as virtudes como qualidades pessoais que

orientam os comportamentos para o bem comum, ou forças que qualificam a existência, ou mesmo hábitos que se expressam na ação de uma forma autêntica e convicta, perseguindo finalidades valorosas (ARJOON, 2000; CUNHA, REGO 2015).

Desde MacCracken e Shaw (1995), estudos acadêmicos têm dado atenção à inserção das virtudes éticas no processo decisório. Ao perceber limitações na filosofia moral deontológica, assim como na utilitarista, os autores se valeram das virtudes éticas de Aristóteles para uma compreensão mais ampla do agente moral e de sua racionalidade. A partir de então, a ideia de que os estudos sobre ética não lidam apenas com as ações, consequências e princípios, mas, principalmente, com as escolhas e a forma adequada de se tomar decisões ganhou força no campo organizacional (FERRERO; SISON, 2014).

De forma mais delimitada, o estudo sobre espiritualidade e virtudes no mundo do trabalho de Cavanagh e Bandsuch (2002) relata que executivos de sucesso creditam à sua prática espiritual o desenvolvimento de bons hábitos morais. Se compreendermos tecnologia como “conjunto de normas operacionais e de instrumentos através dos quais se consegue que as coisas sejam feitas” (RAMOS, 1989, p.157), pode-se dizer que o *éthos* religioso contribui para que empreendedores desenvolvam práticas e atuem nas organizações utilizando recursos e comportamentos baseados em sua prática espiritual, conceito denominado por Serafim e Feuerschutte (2015) como uma tecnologia religiosa.

Sendo assim, a prática religiosa pode estar associada ao estímulo de virtudes e desenvolvimento de hábitos que influenciam as preferências e escolhas dos agentes (HARTMAN, 1998). Então, o presente trabalho busca averiguar a hipótese de que a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, desenvolve virtudes, melhor preparando as pessoas para identificar e resolver dilemas morais. Verifica-se essa hipótese no estudo por meio de questões de abordagem qualitativa, especificamente dentro de um grupo focal.

1.4 OBJETIVOS

Como objetivo geral, pretende-se averiguar de que forma a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, influi na competência moral dos empreendedores,

dentro de uma amostra de indivíduos participantes de diferentes espaços de formação empreendedora presentes em Florianópolis.

Especificamente, busca-se:

- Levantar abordagens sobre ética, espiritualidade e religiosidade no mundo do trabalho, a fim de desenvolver uma base teórica para compreensão dos fenômenos estudados;
- Buscar metodologias de coleta de dados relacionadas à competência moral, espiritualidade e religiosidade, a fim de escolher aquela que melhor se adapta ao objetivo do estudo;
- Identificar a relação entre motivação da orientação religiosa com a competência moral dos empreendedores, a fim de verificar as hipóteses do estudo;
- Compreender percepções e experiências individuais acerca do fenômeno, a fim de enriquecer a discussão e propor caminhos de interpretação.

1.5 JUSTIFICATIVA

As decisões do dia a dia no trabalho não apenas constroem resultados organizacionais, mas também influenciam o desenvolvimento moral de toda uma sociedade. As decisões são, em última instância, ações de indivíduos imbuídas de uma ética. Nesse sentido, estudos apontam que a espiritualidade e sua expressão na religião podem influir significativamente no desenvolvimento de uma ação virtuosa (FERRERO; SISON, 2014). Por outro lado, a literatura internacional também encontra resultados que colocam em dúvida essa relação, divergência que foi chamada de forma análoga a um passeio de montanha-russa (HOOD; HILL; SPILKA, 2009). Sendo assim, o presente estudo se justifica ao buscar contribuir para a resolução desse impasse.

Serafim, Martes e Rodriguez (2012) apontam que a literatura nacional da relação entre as esferas econômica e religiosa é escassa. Por outro lado, ao levar em conta o âmbito internacional, o tema é presente e profícuo. Por exemplo, o *Journal of Management, Spirituality and Religion*, criado em 2004 (BIBERMAN; ALTMAN, 2004) que aborda especificamente esse tema. Já o multidisciplinar *Journal of Business Ethics*, com classificação A1 no Qualis Capes 2014 (SJR 1.36; H Index 98), trabalha o tema de forma recorrente em suas publicações (CALABRETTA et al, 2011;

COLLINS, 2000). Pesquisas de natureza bibliométrica também demonstraram a relevância do tema, tal como a análise de Gundolf e Filser (2013), que encontraram 215 artigos tratando do tema e 7.968 referências estruturais. Dessa forma, a presente dissertação se justifica ao tratar dessa lacuna entre a literatura nacional e internacional acerca do tema, visando contribuir no crescimento da bibliografia brasileira e até mesmo incentivar novas incursões nesse sentido.

No âmbito pessoal, o pesquisador vinculou-se a esse tema após compreender por meio de experiências próprias que a dimensão espiritual, quando central na vida de uma pessoa, é intrinsecamente associada a toda a sua visão de mundo. E a prática religiosa vem para fortalecer essa centralidade, proporcionando espaços e relações que catalisam vícios em virtudes. Ele acredita nesse caminho e desenvolve um estudo que busca compreender a questão no contexto de sua profissão, sob a ótica contemporânea dos dilemas morais.

Todavia, o que achou que era regra, ao longo do trabalho, figurou como exceção. Então, mais motivado ainda, continuou a jornada para compreender os meandros e proporcionar outros vislumbres sobre o fenômeno.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo atende ao objetivo específico de levantar abordagens sobre ética, espiritualidade e religiosidade no mundo do trabalho. Esse esforço tem como fim desenvolver uma base teórica para compreensão dos fenômenos estudados. Para tal, foi realizada uma revisão bibliométrica (item 2.1) e um estudo dos conceitos centrais à pesquisa (item 2.2).

2.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA RELAÇÃO ENTRE ÉTICA, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS ORGANIZAÇÕES¹

De modo a melhor compreender essa relação nos estudos mais recentes do tema, realizou-se uma pesquisa bibliométrica sobre ética, espiritualidade e religiosidade nas organizações. Objetiva-se identificar os artigos, publicações e autores mais influentes no tema, assim como conhecer a evolução do campo científico e as principais perspectivas de análise. O método envolve uma pesquisa bibliométrica de artigos científicos sobre o tema, abrangendo os anos de 2005 a 2015, em três importantes bases internacionais de dados – EBSCO Host, Scopus e Web of Science. Os dados são analisados de forma exploratória e com estatísticas descritivas.

A escolha da análise bibliométrica tem respaldo em Pilkington e Meredith (2009), que a definem como sendo: (a) o emprego de padrões de escrita, publicações e de literatura pela aplicação de diversas análises estatísticas; e (b) a técnica de investigação que tem por fim a análise do tamanho, crescimento e distribuição da bibliografia num determinado campo do conhecimento. Nesse sentido, Fersht (2009) reforça a escolha metodológica quando sustenta que o progresso na ciência é monitorado por meio das publicações em periódicos científicos avaliados por pares, nos quais novas ideias e desenvolvimentos recentes da ciência são evidenciados.

¹ Uma versão do texto do item 2.1 do presente capítulo foi apresentada e publicada nos anais do XL Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração. Referência em CARNEIRO, L. C.; SERAFIM, M. C. Uma Análise Bibliométrica da Relação entre Ética e Espiritualidade/Religiosidade nas Organizações. In: XL Encontro da ANPAD, 2016, Costa do Sauípe, BA. Anais do XL Encontro da ANPAD, 2016.

A seguir, apresentam-se os estudos antecedentes que, de alguma forma, são análogos ao proposto, seguidos de uma descrição detalhada do método de busca, seleção e análise dos artigos, para então apresentarmos os resultados e contribuições.

2.1.1 Pesquisas antecedentes

Gundolf e Filser (2013) conduziram uma extensa análise de citações sobre pesquisas em negócios e religião. Motivados por não encontrarem até então nenhuma pesquisa dessa natureza sobre o tema, eles selecionaram 215 artigos e 7.968 referências para desenvolver uma análise estrutural. A partir dos dados, foram identificadas três áreas de concentração da pesquisa: 1) Melhores práticas e desempenho, predominantemente de abordagem normativa, a qual busca compreender os fatores de performance associados a religião e espiritualidade. Alguns dos trabalhos mais citados são Fry (2003) sobre liderança espiritual e Senge (1990) com seus tipos de organização. 2) Religião no trabalho, envolvendo estudos que buscam compreender a espiritualidade no ambiente de trabalho e como se dá essa conexão nas relações sociais, discutindo o conceito, diferenças culturais e consequências da abordagem. O clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber aí se incluiu. 3) Influência da religião no comportamento ético, com pesquisas predominantemente empíricas, que buscam compreender a percepção dos dilemas éticos dos indivíduos e como eles decidem dentre as alternativas.

Outro resultado da pesquisa de Gundolf e Filser (2013) é um ranqueamento dos 20 trabalhos mais influentes (mais citados) considerando o período de 1934 a 2004. Os cinco primeiros títulos são *A spiritual audit of corporate America: a hard look at spirituality, religion, and values in the workplace* de Mitroff e Denton (1999), *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* de Weber (1930), *Right from Wrong: The Influence of Spirituality on Perceptions of Unethical Business Activities* de Giacalone e Jurkiewicz (2003), *Religiosity As an Influence on Ethical Behavior in Organizations: A Theoretical Model and Research Agenda* de Weaver e Agle (2002) e *A framework for accommodating religion and spirituality in the workplace* de Cash e Gray (2000). Esse estudo permite conhecer quais são os trabalhos clássicos sobre o tema.

Um segundo estudo quantitativo relevante é a pesquisa de Ferrero e Sison (2014) sobre virtude ética nos negócios. Eles analisaram os autores, escolas e desdobramentos da virtude ética nos periódicos científicos de administração de 1980 até 2011. Alguns achados são, por exemplo, o autor mais produtivo, com Geoff Moore escrevendo 7 artigos, e os autores mais citados com um único artigo, com Robin e Reidenbach (1987) no trabalho *Social responsibility, ethics, and marketing strategy: Closing the gap between concept and application*. Os pesquisadores também construíram uma série histórica do número de publicações no tema por ano, revelando uma tendência de crescimento, destacando o maior número entre 2005 e 2009, com 51 artigos.

Complementando os dados quantitativos, os autores apresentam uma cronologia de desenvolvimento dos principais temas da virtude ética nos negócios. O tema da virtude nas relações entre indivíduos e instituições como agentes morais foi o mais popular, e apareceu em 36 artigos (27%). O segundo mais popular foi a virtude ética como modelo de ensino de ética nos negócios, com 33 artigos (25%). Em terceiro, tem-se a virtude na psicologia moral, processo decisório e liderança, com 29 artigos (21%). Por fim, em quarto lugar, com 10 artigos (7%) estão os estudos empíricos e quantitativos sobre virtude ética (FERRERO; SISON, 2014).

Outros dois estudos chamam a atenção em relação à pergunta de pesquisa: Poole (2009), com sua revisão de literatura no tema da espiritualidade organizacional, e Vitell (2009), também com uma revisão de literatura, sobre o papel da religiosidade na ética dos negócios e do consumidor. Ambos os trabalhos apresentam uma abordagem descritiva das principais obras e artigos sobre o tema. Enquanto Poole (2009) busca evidenciar como a literatura sustenta a posição de que a espiritualidade fornecer valor às pessoas e organizações, Vitell (2009) apresenta um panorama das pesquisas empíricas sobre o tema.

Em detalhe, Poole (2009) examina os 24 trabalhos mais influentes sobre a espiritualidade nas organizações, apresentando seus achados em ordem cronológica de publicações. Tem-se, por exemplo, o clássico de Peters e Waterman (1982) sobre excelência; apesar de esses autores não usarem o termo espiritualidade para descrever “o senso de missão” evidenciado em seus estudos, demonstram que esse senso é incorporado pelas empresas bem-sucedidas que foram analisadas. Nessa mesma linha da espiritualidade manifestada no trabalho como fonte criadora de

sentido, tem-se o livro *A spiritual audit of corporate America*, de Mitroff e Denton (1999), encontrado também por Gundolf e Filser (2013) como um dos 20 estudos mais influentes sobre o tema. Essa percepção da espiritualidade nas organizações é transversal no artigo de Poole (2009), visto que os valores de causa, comunidade, empoderamento e ética no trabalho são descritos como facetas fundamentais da espiritualidade nesse ambiente, tendo forte influência na performance organizacional.

Por sua vez, Vitell (2009) explora a relação entre religiosidade e ética nos negócios, apresentando os principais estudos empíricos sobre o tema. Seu trabalho segue dois cortes de análise, a saber: 1) O impacto da religiosidade na filosofia moral, sua intensidade e normas; 2) O impacto da religiosidade na intenção, comportamento e julgamento ético. A conclusão geral é que há um impacto positivo nessa relação. Porém, a religiosidade é multidimensional, abrangendo, por exemplo, aspectos intrínsecos e extrínsecos. Dessa forma, trabalhos que enfocam apenas um elemento da religiosidade tendem a propor explicações menos abrangentes sobre essa relação.

2.1.2 Procedimentos metodológicos

Para encontrar as palavras-chave que fornecem a busca ideal, foi realizada uma pesquisa inicial exploratória em mais de 70 artigos sobre o tema, escolhidos por conveniência. Após uma inspeção no *abstract* e palavras-chave, chegou-se à conclusão de que os descritores da pesquisa deveriam envolver três componentes do estudo. O resultado são os seguintes descritores:

Quadro 1: Descritores de Pesquisa

Componentes do Estudo	Palavras Utilizadas
Metafísico	Spirit* Religio*
Organizacional	Organi?ation Workplace Business
Comportamental	Ethic* Moral Virtue

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Foram utilizadas três bases de artigos que são referência em ciências sociais aplicadas – EBSCO, Scopus e Web of Science – delimitadas para o período de janeiro

de 2005 a janeiro de 2016. Devido às especificidades de cada base de dados, pequenas alterações de busca foram necessárias. A seguir é apresentado em detalhes cada etapa de busca nas bases.

A base de dados da EBSCO foi acessada por meio do portal CAPES, no qual se optou por pesquisar nos acervos Business Source Complete e Search Premier. Os descritores de “título” foram *spirit** OR *religio**, adicionados (AND) aos descritores de “abstract” *organi#ation** OR *worplace* OR *business*, e (AND) os descritores de “tema” *ethic** OR *moral* OR *virtue*. Os resultados foram delimitados para “texto completo em revistas acadêmicas e periódicos científicos”, resultando em 87 artigos.

Na Scopus, a pesquisa foi delimitada para “artigos” nas áreas de ciências sociais e humanidades. Os descritores de “título” foram *spirit** OR *religio**, adicionados (AND) como “título-abstract-keywords” as palavras *organi?ation* OR *workplace* OR *business*, e (AND) como “palavras-chave” *ethic** OR *moral* OR *virtue*. Foram encontrados 139 artigos.

Já na Web of Science, o algoritmo de busca consistiu em três pesquisas independentes e uma quarta pesquisa correlacionando as três primeiras. A primeira buscou as palavras *spirit** OR *religio** no título, a segunda as palavras *organi?ation** OR *workplace* OR *business* como “tópico”, e a terceira as palavras *ethic** OR *moral* OR *virtue* também em “tópico”. A quarta busca inseriu a operação AND entre os resultados de cada uma das pesquisas, chegando assim ao algoritmo desejado. Foram selecionados apenas os “artigos e reviews”, totalizado 223 resultados válidos.

O Quadro abaixo apresenta o resultado de pesquisa nas bases e os filtros utilizados para chegar à amostra final para a leitura completa.

Quadro 2: Resultado da Pesquisa nas Bases de Dados e os Filtros Utilizados.

Etapas	Descrição	Nº de Artigos
Coleta Base de Dados	Scopus, Web of Science & EBSCO	449
1º Filtro	Não Duplicados	347
2º Filtro	Artigos Completos Disponíveis	211
3º Filtro	Ao menos 10 citações	103
4º Filtro	Leitura dos Títulos	84
5º Filtro	1ª Leitura Inspeccional	47

Fim	Amostra de Artigos para leitura completa	28
-----	--	----

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Ao total foram encontrados 449 artigos. A próxima etapa consistiu em identificar e retirar da amostra os trabalhos duplicados, chegando a 347 artigos. Então, foram selecionados apenas os artigos completos dessa amostra; dos 347 iniciais, um total de 136 não foram encontrados, resultando em 211 artigos válidos para a pesquisa. As operações de retirar duplicados e encontrar os textos completos foram feitas por meio da ferramenta Endnote® e conferidas de forma manual.

Para dar validade e melhor contribuição a esta pesquisa, delimitou-se como forma de seleção a captura de artigos que possuíssem ao menos 10 citações. Assim, de 211 artigos, a amostra reduziu-se a 103 trabalhos. O próximo filtro consistiu na leitura dos títulos, que eliminou 19 trabalhos fora do escopo proposto pelo estudo. Os 84 artigos restantes foram submetidos a uma leitura do abstract, com a qual foi possível eliminar os artigos que não apresentavam de forma clara os três componentes do estudo (metafísico, organizacional e moral). A amostra passou, então, para 47 artigos, os quais foram contemplados com uma leitura inspeccional (cf. ADLER; VAN DOREN, 2011), analisando, além do abstract, a introdução, método e conclusão dos estudos. Realizou-se, então, uma nova leitura, com maior atenção a partes específicas do texto; como resultado, foram eliminados aqueles que não apresentavam de forma clara os três componentes do estudo, restando apenas artigos dentro do escopo. Procurou-se eliminar também os artigos de abordagem predominantemente prescritiva, optando por aqueles que buscam observar e explicar o fenômeno. A partir destes critérios, foram selecionados 28 artigos que demonstraram fortes indícios de contribuição efetiva à temática da espiritualidade/religiosidade e ética nas organizações.

2.1.3 Análise e discussão

A análise bibliométrica começa apresentando uma síntese dos artigos, com título do estudo, ano de publicação, *journal* veiculado e autor principal, apresentados no

Quadro 1 **Erro! Fonte de referência não encontrada..**

Os artigos estão ranqueados por influência (número de citações). Para se conhecer o número de citações, utilizou-se a ferramenta de busca da plataforma

Google Scholar (<https://scholar.google.com>), a qual fornece o número de citações das publicações referidas.

A seguir, são apresentados os principais *journals* sobre o tema, a evolução do número de publicações ao longo do tempo, os principais países de origem dos estudos, as abordagens de pesquisa utilizadas, os temas trabalhados e as palavras-chave relacionadas.

Quadro 3: Amostra dos Artigos Selecionados

Título	Ano	Journal	Autor Principal	Citações
Religion and Attitudes to Corporate Social Responsibility in a Large Cross-Country Sample	2007	Journal of Business Ethics	Brammer, S.	190
Ethical attitudes of future business leaders: Do they vary by gender and religiosity?	2006	Business and Society	Albaum, G.	111
Nurturing the whole person: The ethics of workplace spirituality in a society of organizations	2006	Journal of Business Ethics	Sheep, M. L.	110
Spiritually-informed management theory – Toward profound possibilities for inquiry and transformation	2005	Journal of Management Inquiry	Steingard, D. S.	86
Do gender, educational level, religiosity, and work experience affect the ethical decision-making of U.S. accountants?	2007	Critical Perspectives on Accounting	Keller, A. C.	77
The influence of ethics instruction, religiosity, and intelligence on cheating behavior	2008	Journal of Business Ethics	Bloodgood, J. M.	71
Religiousness, love of money, and ethical attitudes of Malaysian evangelical Christians in business	2008	Journal of Business Ethics	Wong, H. M.	71
The role of religiosity in business and consumer ethics: A review of the literature	2009	Journal of Business Ethics	Vitell, S. J.	65
Religion, Spirituality, and the Workplace: Challenges for Public Administration	2007	Public Administration Review	King, S. M.	64
The Effect of Culture and Religiosity on Business Ethics: A Cross-cultural Comparison	2008	Journal of Business Ethics	Rashid, M.	58

The relationship between religiousness and corporate social responsibility orientation: Are there differences between business managers and students?	2008	Journal of Business Ethics	Ibrahim, N. A.	50
The effects of commitment to moral self-improvement and religiosity on ethics of business students	2008	Journal of Business Ethics	Kurpis, L. V.	40
Spirituality and Strategic Leadership: The Influence of Spiritual Beliefs on Strategic Decision Making	2012	Journal of Business Ethics	Phipps, K.	39
Effects of Nationality, Gender, and Religiosity on Business-Related Ethicality	2010	Journal of Business Ethics	Peterson, R.	38
Religion in Strategic Leadership: A Positivistic, Normative/Theological, and Strategic Analysis	2005	Journal of Business Ethics	Worden, S.	35
Business dilemmas and religious belief: An explorative study among dutch executives	2006	Journal of Business Ethics	Graafland, J.	35
The Effects of Religiosity on Ethical Judgments	2011	Journal of Business Ethics	Walker, A. G.	31
Morality in the financial market? A look at religiously affiliated mutual funds in the USA	2011	Socio-Economic Review	Peifer, J. L.	24
From Preaching to Investing: Attitudes of Religious Organisations Towards Responsible Investment	2012	Journal of Business Ethics	Louche, C.	24
The relationship between spiritual well-being and ethical orientations in decision making: An empirical study with business executives in Australia	2010	Journal of Business Ethics	Fernando, M.	23
Religion, opportunism, and international market entry via non-equity alliances or joint ventures	2008	Journal of Business Ethics	Li, N.	21
Importance of Religious Beliefs to Ethical Attitudes in Business	2010	Journal of Religion & Business Ethics	Emerson, T. L. N.	19

Ethics, spirituality and self: managerial perspective and leadership implications	2010	Business Ethics-a European Review	Rozuel, C.	19
Spirituality and national culture as antecedents to ethical decision-making: a comparison between the United States and Norway	2012	Journal of Business Ethics	Beekun, R.	19
Religion, the Nature of Ultimate Owner, and Corporate Philanthropic Giving: Evidence from China	2014	Journal of Business Ethics	Du, X.	16
An interpretive mixed-methods analysis of ethics, spirituality and aesthetics in the Australian services sector	2011	Business Ethics: A European Review	Issa, T.	13
The Influence of Love of Money and Religiosity on Ethical Decision-Making in Marketing	2013	Journal of Business Ethics	Singhapakdi, A.	13
The Bright and Dark Sides of Religiosity Among University Students: Do Gender, College Major, and Income Matter?	2013	Journal of Business Ethics	Chen, Y.-J.	12

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Foi possível encontrar o *journal* de maior referência no tema: de 28 artigos analisados, 20 foram publicados no *Journal of Business Ethics*. Esse achado está em conformidade com Gundolf e Filser (2013), quando encontram o mesmo *journal* como mais influente em sua análise de citações sobre pesquisa em administração, espiritualidade e religiosidade. A mesma conclusão em relação ao periódico é encontrada por Ferrero e Sison (2014) em seus estudos quantitativos sobre ética, virtude e administração.

Tabela 1: Frequência das publicações nos *journals* 2005/2015

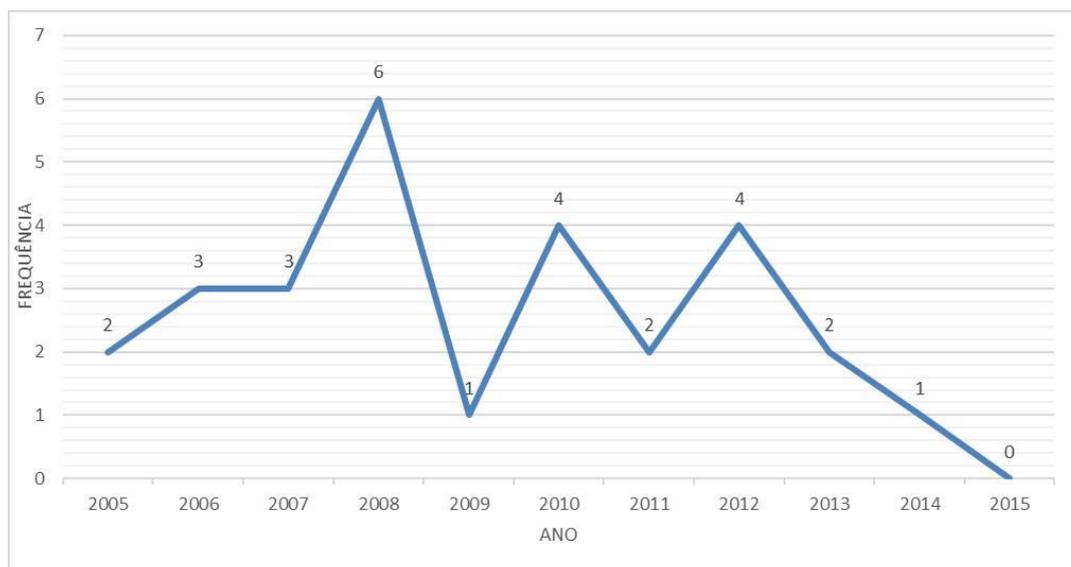
Journal	Nº de Artigos	
	Frequência	Frequência Acumulada %
Journal of Business Ethics	20	71
Business Ethics: A European Review	2	7
Business and Society	1	4

Critical Perspectives on Accounting	1	4
Journal of Management Inquiry	1	4
Journal of Religion & Business Ethics	1	4
Public Administration Review	1	4
Socio-Economic Review	1	4
Total	28	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

O período de publicação dos artigos encontrados é apresentado na Figura abaixo numa série histórica. Constata-se um pico em 2008 e uma frequência decrescente a partir de 2012. Para melhor compreender essa evolução, é necessário se valer do contexto empresarial no início dos anos 2000. Escândalos envolvendo fraudes em grandes corporações americanas tomaram a mídia (IBRAHIM et al., 2008). As notícias, tal como o caso da falência da Enron, da Worldcom, a destruição de documentos na Arthur Andersen, apenas para citar alguns exemplos, motivaram considerável interesse no estudo da ética empresarial (STEINGARD, 2005; ALBAUM; PETERSON, 2006; BRAMMER et al., 2007; RASHID; IBRAHIM, 2008; BLOODGOOD et al., 2008; WONG, 2008). Podemos supor que em 2008 ocorreu o auge da resposta acadêmica, no contexto americano, aos escândalos corporativos evidenciados no início da década. Por outro lado, também é de se esperar menor frequência nos últimos anos, devido ao pouco tempo de maturação para se tornar um artigo de maior relevância (FERREIRO; SISON, 2014).

Figura 2: Frequência dos artigos em relação ao ano de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Não foi encontrado concentração de autores nas publicações, dado que nenhum pesquisador assinou como contribuinte principal em mais de um artigo da amostra. Apenas Gerald Albaum e Scott J. Vitell foram autores principais e assinaram uma vez mais em coautoria em outro artigo. A fim de compreender outras formas de concentração ligadas aos autores, buscou-se observar a origem dos artigos. Uma forma encontrada foi levantar a nacionalidade das instituições de ensino. A Tabela 2 apresenta os países de origem dos artigos. O critério de origem foi o país da universidade em que o autor principal assina o artigo. Percebe-se predominância das universidades americanas, com 19 artigos (67,9%), seguido das universidades da Ásia-Oceania (Austrália, Malásia, China e Nova Zelândia), com seis artigos (21,4%) e Europa (Bélgica, Holanda e Reino Unido), com três artigos (10,7%). Chama atenção a ausência de universidades latino-americanas na amostra, levantando uma possível lacuna do tema nessa porção do globo.

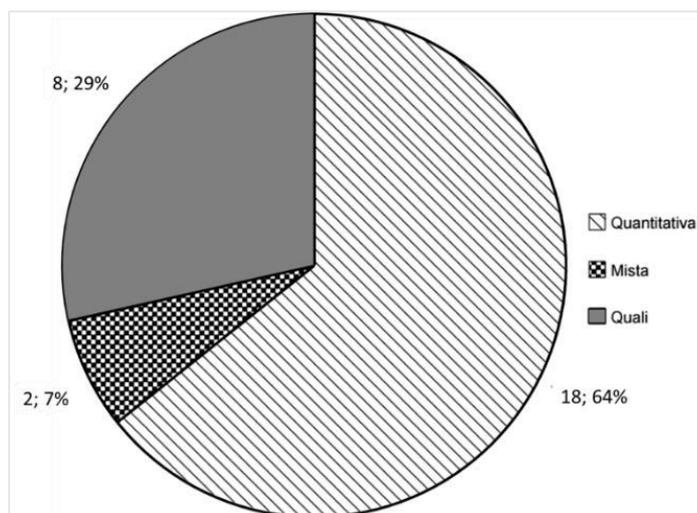
Tabela 2: Distribuição dos países de origem dos artigos 2005/2015

Nº de Artigos		
País	Frequência	Frequência Acumulada %
EUA	19	68
Austrália	2	7
Malásia	2	7
Bélgica	1	4
China	1	4
Holanda	1	4
Nova Zelândia	1	4
Reino Unido	1	4
Total	28	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Para analisar a abordagem dos artigos quanto ao método de pesquisa, utilizaram-se as definições de Cresswell (2010) de pesquisa qualitativa, quantitativa e mista. A pesquisa qualitativa é aquela que explora e busca compreender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. Usualmente, o processo de pesquisa envolve entrevistas em profundidade, observação participante e revisão de literatura; as análises costumam ser indutivas e há grande influência do autor na interpretação dos dados. A pesquisa quantitativa é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis; suas análises costumam ser dedutivas e buscam delimitar a influência do autor na interpretação dos dados. Por fim, a pesquisa de métodos mistos combina as formas qualitativas e quantitativas. Envolve, por exemplo, desenvolvimento de uma teoria com o uso de abordagem qualitativa, seguida de testes quantitativos para validar ou refutar a teoria proposta.

Figura 3: Distribuição da abordagem de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

De acordo com tais parâmetros, os artigos da amostra são predominantemente quantitativos (64,29%), seguidos dos qualitativos (28,57%) e mistos (7,14%). Percebe-se que os estudos empíricos – que envolvem planejamento de instrumentos de pesquisa e coleta de dados, usualmente de abordagem quantitativa – predominaram nos artigos dos últimos 10 anos. É interessante observar que, na pesquisa de Gundolf e Filser (2013) sobre as 20 publicações mais influentes no tema, apenas três foram de natureza empírica, sugerindo possível desequilíbrio entre as abordagens qualitativas e quantitativas.

Levantou-se o tamanho e a natureza da amostra das pesquisas com abordagem quantitativa, incluindo duas mistas. Todos esses trabalhos utilizaram estatísticas descritivas e análises fatoriais. Isso se deu porque grande parte dos instrumentos de coleta de dados observados utilizam escalas. Ao todo, 15 pesquisas (75%) utilizam teste de hipóteses, sendo que 10 (50%) avançam em modelos de regressão.

O quadro abaixo destaca uma grande variedade no tamanho da amostra utilizada pelos artigos selecionados. Não levando em conta as amostras dos estudos mistos, que envolveram grupo focal e entrevistas em profundidade, as amostras variam de 149 até 17.243. Autores apontaram uma limitação no que diz respeito à generalização dos achados de pequenas amostras para toda uma população. Dessa forma, houve uma resposta por meio do aumento do tamanho das amostras, suprimindo

essa limitação (AGLE; VAN BUREN, 1999; BRAHMER et al., 2006; EMERSON; MCKINNEY, 2010).

Quadro 4: Tamanho e natureza das amostras das pesquisas quantitativas

Primeiro Autor	Ano	Tamanho da amostra	Natureza da amostra
Graafland, J.	2006	20*	Gestores
Brammer, S.	2006	17243	Gestores
Albaum, G.	2006	2942	Estudantes
Keller, A. C.	2007	171	Gestores e estudantes
Li, N.	2008	22156	Outros**
Ibrahim, N. A.	2008	917	Gestores e estudantes
Rashid, M.	2008	767	Estudantes
Wong, H. M.	2008	300	Gestores
Kurpis, L. V.	2008	242	Estudantes
Bloodgood, J. M.	2008	230	Estudantes
Peterson, R.	2010	6331	Estudantes
Emerson, T. L. N.	2010	2415	Gestores
Fernando, M.	2010	1910	Gestores
Issa, T.	2011	223 (survey) e 20* (focus group)	Gestores
Peifer, J. L.	2011	7635	Outros**
Walker, A. G.	2011	220	Gestores e estudantes
Beekun, R.	2011	149	Estudantes
Chen, Y.-J.	2013	359	Estudantes
Singhapakdi, A.	2013	205	Gestores
Du, X.	2014	1288	Outros**

*mista; **outros: empresas, alianças internacionais e fundos de investimento
 Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Em relação à natureza da amostra, foram identificados sete estudos com amostras exclusivas de estudantes, sete de gestores, três com ambos e outros três de natureza diversa, a saber: empresas, alianças internacionais entre empresas e fundos de investimentos. Muitos estudos em ciências sociais aplicadas são feitos com estudantes pela facilidade de coleta de dados. Porém, as questões éticas nas organizações costumam surgir com maior frequência na experiência prática, o que pode ser considerado como fator limitante de parte dos estudos (IBRAHIM et al., 2008).

Em relação às palavras-chave, a amostra apresentou 129 ao total, sendo 97 distintas umas das outras. A média foi de aproximadamente cinco palavras-chave por artigo. A Figura a seguir apresenta uma nuvem de texto – uma forma de visualização

O tema **espiritualidade e ética nas organizações** predominou na amostra, com 15 artigos. Desses, Wong (2008) observa a relação entre o envolvimento em atividades religiosas, componente da religiosidade, e a decisão ética nos negócios. Seu trabalho se destaca ao propor uma escala chamada “amor ao dinheiro”, que modera a relação entre a religiosidade e ação ética. Singhapakdi et al. (2013) também utiliza a escala “amor ao dinheiro” proposta por Wong (2008) e a relaciona com a tomada de decisão ética no *Marketing*. Tanto Singhapakdi et al. (2013) quanto Walker et al. (2011) e Chen e Tang (2013) observam a motivação da religiosidade, dividindo-a em fatores de qualidade intrínseca e extrínseca. Por intrínseca se entende uma motivação *per se*, isenta de uma busca por recompensas externas, enquanto a extrínseca envolve uma relação instrumental, teleológica, da religiosidade como meio para um fim (ALLPORT; ROSS, 1967). Nesse sentido, Chen e Tang (2013) vão além e propõem o fator “maquiavelismo” como mediador dessa relação entre religiosidade (intrínseca e extrínseca) no engajamento em ações não éticas.

Por sua vez, Albaum e Peterson (2006) focam na influência de gênero (masculino e feminino) na religiosidade e escolha ética. Assim como Albaum e Peterson (2006), Emerson e Mckinney (2010) e a quase totalidade de trabalhos no tema utilizam cenários hipotéticos que suscitam questões éticas no respondente, seguidos de escala *Likert* para escolha do nível de concordância com a situação apresentada. Apenas Bloodgood (2008) se diferencia dos demais estudos, ao propor um experimento prático, no qual observa o comportamento ético dos estudantes em uma situação real, envolvendo possível benefício financeiro para o comportamento não-ético. Bloodgood (2008) relaciona também a influência do ensino da ética, religiosidade e inteligência no comportamento evidenciado.

Fernando e Chowdhury (2010) estudam o bem-estar espiritual e a influência na decisão ética, numa amostra de gestores australianos. Issa e Pick (2011) também partem de uma amostra de australianos, especificamente no setor de serviços, e abordam de forma mista (grupo focal e *survey*) a questão da espiritualidade e estética como geradoras de novas perspectivas para compreensão da ética nos negócios. Ainda numa abordagem qualitativa, Graafland et al. (2006) evidenciam, por meio de entrevistas em profundidade com executivos, a relação entre crença religiosa, padrões internalizados e dilemas nos negócios.

Keller et al. (2007) apresentam um trabalho com foco no universo da contabilidade, profissão na qual os dilemas éticos são vividos com intensidade no dia a dia. O trabalho discute se a influência de gênero, graduação, religiosidade e experiência de trabalho influem no comportamento ético dos contadores.

Kurpis et al. (2008) relaciona o comprometimento com autoaperfeiçoamento moral e a religiosidade na identificação de questões éticas e intenções de comportamento. Nessa linha, Rozuel e Kakabadse (2010) buscam elucidar a influência da autopercepção no comportamento moral. Esses autores utilizam modelos de autorrealização e a teoria de Carl Jung no embasamento de sua proposição, e buscam defender que as diferentes percepções de espiritualidade afetam de forma distinta o comportamento moral.

Outros trabalhos com abordagem conceitual e amplamente citados por outros artigos no tema são Steingard (2005) e Vittel et al. (2009). O primeiro propõe uma teoria abrangente de integração da espiritualidade na administração, já o segundo desenvolve de forma teórica o papel da religiosidade na ética do consumidor e dos negócios.

O tema **religião e responsabilidade corporativa** apresenta quatro artigos (14,29%). Os estudos de Ibrahim et al. (2008) abordam a relação entre religiosidade e ações de responsabilidade corporativa, discutindo as diferenças entre estudantes e gestores. Já Brammer et al. (2007) estuda a relação entre denominação religiosa e atitudes individuais de responsabilidade corporativa. A pesquisa se destaca pelo tamanho de sua amostra: 17.243 indivíduos e abrangência de 20 países.

Os outros dois estudos desse subtema utilizam dados secundários para examinar as relações entre religião e responsabilidade corporativa. Du et al. (2014) examina o impacto da religião na filantropia corporativa na China com dados da *China Stock Market and Accounting Research*. Li (2008) se vale de um aspecto da responsabilidade corporativa que diz respeito a alianças entre parceiros, buscando compreender a influência da religião nas decisões éticas no contexto de parcerias para entrada em mercados internacionais.

O tema **religião, cultura e ética nas organizações** contempla três artigos que abordam estudos que buscam observar as diferenças entre culturas e religiões. Beekun e Westerman (2012) pesquisam estudantes de administração americanos e

noruegueses, observando a influência da nacionalidade, pressão entre pares e espiritualidade nas decisões éticas. Peterson et al. (2010) expande o escopo ao coletar aspectos semelhantes em americanos e compará-los com dados de outros 35 países. Já Rashid e Ibrahim (2008) examinam o efeito da origem cultural de estudantes malaios, chineses e indianos em relação à religiosidade e percepção ética nos negócios.

No que tange ao tema **religião e investimentos responsáveis**, os fatores religiosos e éticos são tratados por Louche et al. (2012) em um levantamento de práticas de investimentos de organizações religiosas, as quais foram pioneiras em investimentos de impacto, ou seja, aquele que visa a transformação socioeconômica positiva. Por sua vez, Peifer (2011) analisa 7.635 fundos de investimento de organizações religiosas e seculares, observando performance financeira e volatilidade dos valores de mercado. Por meio de análises de regressão estatística, Peifer (2011) estabelece uma relação entre orientação moral de investidores e seu comportamento no mercado financeiro, evidenciando maior estabilidade em fundos de investimentos de organizações religiosas.

O tema **espiritualidade e liderança** aqui proposto é convergente com os trabalhos que Gundolf e Filser (2013) classificam em seu estudo de citação, compreendendo os fatores de desempenho e decisão estratégica em relação à espiritualidade nas organizações. Nesse sentido, Worden (2005) sustenta a religião como valor estratégico, envolvendo custos e benefícios, propondo um nível ótimo de integração da religião com a performance organizacional. Por sua vez, Phipps (2012) desenha um modelo que abrange diferentes expressões da espiritualidade nas organizações para fundamentar uma teoria multifacetada de espiritualidade e liderança. O modelo busca compreender como as crenças espirituais dos líderes afetam seu processo de decisão e de que forma se pode tirar o melhor proveito desse fator metafísico.

Por fim, **espiritualidade no ambiente de trabalho** é o tema principal em dois artigos. Sheep (2006) discute a relação entre dilemas éticos e a espiritualidade no trabalho. Seu artigo conceitual propõe a perspectiva “pessoa-organização” como forma da espiritualidade no trabalho a ser estudada, enfatizando preferências humanas sobre adequações gerenciais. O autor defende uma pesquisa multiparadigmática, de forma que não seja privilegiado um único aspecto – como, por

exemplo, instrumentalidade, ou realização pessoal, ou bem-social – em detrimento dos demais. King (2007) também examina o papel e o impacto da espiritualidade/religiosidade no ambiente de trabalho, porém com enfoque na gestão pública. Ele analisa processos jurídicos e, por meio deles, evidencia fraca incorporação da expressão religiosa no setor público. Ao fim, propõe um modelo de relação de espiritualidade/religiosidade no ambiente público baseado no “Modelo Integrativo” de Nash e McLennan (2001), utilizado em empresas privadas.

As análises propostas evidenciam a ampla abrangência e relevância do tema da ética e espiritualidade/religiosidade nas organizações. Importantes revistas internacionais se dedicam sistematicamente a essa pesquisa, tal como o *Journal of Business Ethics* (H Index 87; SJR 1,11). Outras ainda organizam edições especiais sobre o tema: o *Journal of Organizational Change Management* (H Index 42; SJR 0,33), no seu volume 12, n. 3 de 1999 e volume 16, n. 4 de 2003, e a *Leadership Quarterly* (H Index 88; SJR 3,43), no seu volume 16, n. 5 de 2005. Adicionalmente, foi criada em 2001 a divisão acadêmica/grupo de interesse intitulada “*Management Spirituality and Religion*” (ver <<http://bit.ly/1TINinO>>), com origem na *Academy of Management*. Sendo assim, os achados dessa pesquisa nos levam a destacar que o tema possui relevância internacional, apesar de sua incipiência no Brasil.

2.2 ESTUDO DOS CONCEITOS CENTRAIS À PESQUISA

Passa-se, agora, ao aprofundamento teórico de três componentes de estudo: I) Metafísico, desenvolvendo os conceitos de espiritualidade e religiosidade; II) Componente Moral, contendo toda conceituação pertinente à ética, virtudes e competência moral; III) Empreendedorismo, conceituando o lócus e sujeito de estudo.

2.2.1 Componente metafísico

Conforme definido no Dicionário de Oxford (SIMPSON; WEINER, 1989), espírito é a parte imaterial, intelectual ou moral do homem. Para Panzini et al (2007), o termo espiritualidade envolve questões quanto ao significado da vida e à razão de viver, não limitados a tipos de crenças ou práticas; contudo, estão extremamente conectados aos últimos tipos (VITELL, 2009). Peres et al (2007) corrobora essa

conceituação, quando declara espiritualidade como busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente.

Essa transcendência pode repercutir de tal forma na vida das pessoas, que o experimentado não se explica apenas por forças contidas na interioridade dos indivíduos; então, a espiritualidade acaba por ser manifesta de forma religiosa. Conforme já visto, entende-se religiosidade como crença em Deus acompanhada do comprometimento com princípios que se acredita terem sido definidos pelo próprio Deus (MCDANIEL; BURNETT, 1990), enquanto a espiritualidade é compreendida como a busca por significado, unidade, conexão com a natureza, humanidade e o transcendente (EMMONS, 1999). A espiritualidade e a religiosidade, embora distintas, se sobrepõem e se conectam (VITELL, 2009).

Sendo assim, a junção da busca pelo transcendente, quando somada ao aspecto prático, por vezes institucional e doutrinário, caracteriza-se como religiosidade. Por exemplo, Bjarnason (2007) resume religiosidade em três componentes: a afiliação religiosa, atividades religiosas e crenças religiosas. Outro clássico é o trabalho de Allport e Ross (1967) que, a partir de sua publicação, estabeleceu as bases do conceito da motivação religiosa composta por dois fatores:

2.2.1.1 Religiosidade intrínseca

Essa religiosidade é composta de uma fé bem amadurecida, a partir da qual o sujeito vive de acordo com os princípios doutrinários em que acredita, harmonizando suas necessidades e interesses, ao mesmo tempo em que atribui significado à sua vida (ALLPORT; ROSS, 1967).

A religiosidade pode estar condicionada a um contexto antropológico e cultural; porém, sua forma prescreve unidade, não sendo composta de atos isolados, mas sim uma progressiva e dinâmica orientação da pessoa num todo de valores, gerando a integração das motivações religiosas dentro do próprio eu (JEREZ, 1995).

Quando à religiosidade intrínseca, esta predomina no indivíduo que costuma tratar sua crença como um fim em si mesma, intimamente ligada a um valor absoluto, substantivo, comprometido com objetivos espirituais e princípios vividos no dia a dia. A frequência de oração pessoal, por exemplo, é um sinal significativo de religiosidade intrínseca (MALTBY, 1999).

2.2.1.2 Religiosidade extrínseca

A religiosidade extrínseca pode ser melhor compreendida sob o ponto de vista de William James (1985), o qual declara que a religiosidade é fruto de resoluções pessoais positivas, geradas pela vivência no sistema sociocultural do seu mundo particular. Sendo assim, a religiosidade extrínseca individual tem sua origem na família e, mais tarde, na escola, no bairro e, por fim, em todo o meio em que se vive.

Conclui-se que a religiosidade extrínseca é inseparável da condição social. Essa religiosidade é presente de forma clara quando a religião é utilizada como um meio para atingir benefícios externos, por exemplo, status social, segurança, relacionamentos afetivos, distração, divertimento, entre outras finalidades a partir das quais as pessoas se voltam ao sagrado (ou a Deus), mas sem desapegar-se do *self*. Ela é percebida através da motivação utilitarista de atitudes religiosas (SINGHAPAKDI, 2013). Conforme já visto, pessoas motivadas extrinsecamente *usam* sua religião, enquanto pessoas motivadas de forma intrínseca *vivem* sua religião (ALLPORT; ROSS, 1967).

Dentro do campo das organizações, o artigo de Rego et al (2007) define a espiritualidade nas organizações como a existência de oportunidades na organização para realizar trabalho com significado, no contexto de uma comunidade, com um sentido de alegria e de respeito pela vida interior. Outros trabalhos também compreendem que há uma certa espiritualidade nas organizações, que é alicerçada no reconhecimento de que o trabalhador possui uma vida interior que precisa ser nutrida por um trabalho com significado e um senso de pertencimento à comunidade (ASHMOS; DUCHON, 2000).

Todavia, não é sobre esse senso de significado e pertencimento que o presente trabalho se debruça, mas sim sobre a espiritualidade expressa em atitudes, práticas espirituais e estruturas de pensamento. Dessa forma, busca-se acessar espiritualidade, por meio da religiosidade, uma faceta tangível desse fenômeno metafísico.

Para fins de delimitação conceitual do estudo, compreende-se espiritualidade como a relação do homem com o sagrado, com aquilo que transcende o físico, podendo, contudo, ser manifestada através dele. Em consonância, compreende-se religiosidade como atitudes, práticas espirituais e estruturas de pensamento que

ordenam essa relação com o sagrado. Esses conceitos serão operacionalizados por meio do questionário da orientação da motivação religiosa de Allport e Ross (1967), com atualizações teóricas (KIRKPATRICK, 1989) e tradução à língua portuguesa (LINARES, 2012).

2.2.2. Componente Moral

Como explicitado, esta pesquisa compreende moral como o componente conceitual que abarca os conteúdos relacionados à ética, virtude e competência moral. O conceito de ação é fundamental para discutir o componente moral. Ações são eventos de mudanças de certo tipo, iniciadas por um agente (LECLERC, 2014). O que é dito moralmente bom ou ruim, de modo originário, são ações, pois “pessoas, governos, leis [...] são moralmente louváveis ou condenáveis porque realizam ações [...] ou conduzem as pessoas a realizar certas ações” (LECLERC, 2014, p. 88).

Para Jaegwon Kim (1976), a ação tem três constituintes essenciais: um agente, um momento no tempo e uma propriedade instanciada que determina o tipo de ação realizada. Além desses elementos, uma ação compreendida como racional leva em conta uma volição. Deve haver uma relação entre a intenção, ação direta e efeito causal. Sendo assim, Zingano (2013) conclui que a discussão racional, justificada, da moral e seus juízos de valor no campo das ações humanas é elemento comum para todas as filosofias morais.

Dentre as diversas filosofias morais existentes, três são destacadas para o estudo. A **ética principialista**, cujo principal expoente é Kant, a **ética consequencialista**, representada principalmente pelos utilitaristas, e a **ética das virtudes**, com enfoque em Aristóteles.

De forma sucinta se apresenta cada uma delas, começando pela **ética principialista**. O conjunto de princípios ou regras de conduta e deveres é chamado de deontologia, e daí deriva sua ética. Immanuel Kant (1724-1804) foi o pensador de maior destaque dessa linha filosófica. Nessa filosofia, as regras morais devem ser universais ou, pelo menos, generalizáveis para todas as situações. Seu conceito central é o imperativo categórico, que diz: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne universal” (KANT, 1974, p. 223). Na deontologia de Kant, todo ato bom deve efetivamente alcançar o fim desejado, ao mesmo tempo que pode ser universalizado (SCHNEEWIND, 2009).

Porém, tal posição ideal gera paradoxos se duas regras morais entram em conflito na ação humana. Por exemplo, imagine a situação em que um refugiado pede abrigo numa casa para se esconder do exército de um regime autoritário que o persegue. Ele é aceito, movido pelo dever da solidariedade; porém, o exército bate à porta e pergunta sobre o fugitivo, colocando quem recebeu o refugiado entre o dever de dizer a verdade ou de proteger uma vida, ou até mesmo de fazer justiça. É necessário optar por um em detrimento de outro. Para Kant, a resolução desse e de outros paradoxos análogos se dá pela hierarquia dos deveres. No exemplo, o dever de dizer a verdade pode passar a um segundo plano e ficar dependente do de preservar a justiça ou a humanidade, considerado mais nobre que o primeiro (ZINGANO, 2013).

Relacionada ao princípalismo, temos a Teoria do Desenvolvimento Moral (TDM) de Kohlberg, cuja ideia de moralidade está no respeito aos indivíduos, se aproximando do imperativo categórico de Kant e sua essência de moralidade deontológica (DA COSTA, 2015). Para Kohlberg (1992, p.232), o desenvolvimento moral é “um raciocínio de justiça, não de emoções, aspirações ou ações”.

A TDM foi desenvolvida pelo psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg em seu doutoramento. A partir das teorias de Jean Piaget e do conhecido dilema de Heinz, Kohlberg identificou seis estágios de desenvolvimento moral que considerou invariante, ou seja, todas as pessoas passam pela mesma sequência e na mesma ordem, embora nem todas atinjam os estágios mais elevados (BIAGGIO, 2002).

Segundo Piaget, a criança desenvolve suas capacidades e sua moralidade por meio de uma construção cognitiva em interações com o ambiente. Nesta construção há estágios de desenvolvimento, do mais simples ao mais complexo (GRIESSE, 2003). Os seis estágios de desenvolvimento moral são agrupados em três níveis: Pré-Convencional, Convencional e Pós-Convencional. O primeiro nível contempla dois estágios. O estágio 1, fase em que a moralidade é externa, imposta por autoridade por meio de normas e ameaças de punição. Outra característica deste nível é o egoísmo, em geral o indivíduo nesta fase não pensa no próximo, apenas em cumprir as regras e livrar-se da punição – representação da moral para a pessoa. É um estágio, portanto, marcado pela orientação para a punição e a obediência, sendo sua moralidade definida em termos de suas consequências físicas para o agente. Nesse

sentido, se a ação é punida ela está moralmente errada e se não for punida, está moralmente correta (SERAFIM ET AL, 2016).

No estágio 2 o indivíduo consegue perceber os anseios do próximo, mas age conforme seus interesses, em geral por meio de acordos e trocas, quando há conflito de interesses. Nesse estágio, também chamado de “hedonismo instrumental relativista”, a moralidade é definida em termos do prazer ou da satisfação das necessidades da pessoa, ou seja, ela evita infringir regras que acarretem punições. Normalmente crianças até os nove anos de idade se encontram neste nível (BIAGGIO, 1997; GRIESSE, 2003; AZEVEDO, 2004 *apud* SERAFIM ET AL, 2016).

No nível Convencional, o indivíduo reconhece que participa de um grupo maior, com normas sociais estabelecidas e válidas. Refere-se ao nível de internalização das normas por excelência. Nele o indivíduo acredita no valor daquilo que julga como certo, seja em nome da amizade e da aceitação pelos companheiros (estágio 3), seja do respeito à sociedade, ao bem-estar do grupo e às leis estabelecidas pelo grupo (estágio 4). No estágio 3 a pessoa se preocupa em desenvolver habilidades, comportamentos e papéis sociais considerados bons pela sociedade e o grupo social ao qual pertence. Marcado pelo “bom mocismo”, da aprovação social e das relações interpessoais, a moralidade é definida pelo fato de obter a aprovação de outros. Surge, assim, a concepção de equidade por meio da qual há a concordância de que é justo dar mais a uma pessoa mais desamparada. No estágio 4 a percepção de pertencimento amplia-se para um sistema social maior, incluindo instituições e a preocupação de cumprir o seu dever para o bem-estar geral. Neste estágio, da orientação para a lei e a ordem, o respeito pela autoridade se dá por regras fixas e pela manutenção da ordem social. A justiça está relacionada com a ordem social estabelecida e o indivíduo situado nesse estágio compreende e aceita as regras da sociedade. Nesse nível estão, em geral, pessoas na pré-adolescência e muitos adultos. (BIAGGIO, 1997; GRIESSE, 2003 *apud* SERAFIM ET AL, 2016)

O terceiro nível – Pós-Convencional – inclui os indivíduos capazes de realizar julgamentos sobre a própria sociedade, de uma perspectiva exterior, baseado em fundamentos universais. O questionamento das leis estabelecidas e o reconhecimento de que elas podem ser injustas e, assim, alteradas encontra-se no nível pós-convencional. É nesse nível que se tem a modificação de leis ou a criação de novas leis. No estágio 5 as leis são analisadas e o indivíduo a apoia ou não com base em

sua coerência com os princípios de justiça, contratos sociais, direitos fundamentais e processos democráticos. Nesse estágio, em que se inaugura o nível Pós-convencional, a moralidade está orientada pelo contrato social democrático e as leis e costumes podem ser questionados quando considerados injustos. Tem-se a consciência de que as pessoas defendem diferentes valores e opiniões e que grande parte dos valores e das regras são específicos de um determinado grupo, embora devam ser respeitados afim de se garantir a imparcialidade ou isenção, até porque fazem parte do contrato social (SERAFIM ET AL, 2016).

No estágio 6 os princípios transcendem as sociedades e culturas e o indivíduo percebe que devem ser apoiados independentemente de normas, leis ou convenções, mas de acordo com a própria consciência, regida pelos princípios fundamentais universais (GRIESSE, 2003). Dessa forma, as decisões morais corretas vão além do âmbito sócio-legal, pautando-se na consciência de direitos baseados em princípios éticos universais (SHIMIZU, 2005). Sendo o estágio dos “princípios universais de consciência”, o indivíduo reconhece os princípios morais universais da consciência individual e age de acordo com eles. Nesse sentido, existe resistência às leis consideradas injustas mesmo que elas não possam ser modificadas. As pessoas passam a seguir princípios éticos por elas escolhidos. Esse nível é geralmente possível a partir do início da fase adulta, embora Kohlberg tenha admitido que poucas pessoas conseguem chegar a tal nível de desenvolvimento moral (CARVALHO, 2003 apud SERAFIM ET AL, 2016).

Outra filosofia moderna que tem espaço consolidado na discussão ética é o **consequencialismo**. Segundo essa filosofia, uma atitude moral visa sobretudo gerar o maior bem possível para o maior número de pessoas. São as consequências dos atos que determinam seu juízo de valor. Dentre as versões dessa filosofia, o utilitarismo de Bentham (1748-1832) e o de Stuart Mill (1806-1873) foram aqueles que receberam maior destaque. É possível compreender mais dessa filosofia ética através do princípio da utilidade.

As ações são certas na proporção em que tendem a promover a felicidade, e erradas na proporção em que tendem a produzir o reverso da felicidade. Por felicidade entende-se prazer, e a ausência de dor; e, por infelicidade, dor e a privação do prazer. (MILL, 2000, p. 555)

Sob esse conceito, compreende-se que a utilidade é baseada num cálculo de consequências que busca a maximização do prazer. Bentham compartilha dessa

concepção de Mill e endossa o hedonismo como visão de moralidade, tendo o prazer e a dor como base inclusive para se legislar (MULGAN, 2012).

É importante destacar que a busca pela maximização do prazer não é inocente e inconsequente. Bentham escreve boa parte de sua filosofia para tomadores de decisão. Há claro reconhecimento de que as pessoas falham em perceber que os prazeres ou as dores no futuro distante (longo prazo) são tão importantes quanto os prazeres e as dores imediatos (curto prazo), sendo parte da função do legislador intervir e orientar as pessoas a agirem de acordo com os seus reais interesses (MULGAN, 2012).

Como visto, tanto o princípalismo quanto o consequencialismo tem sua avaliação moral centrada no ato. Em detalhe, no princípalismo o ato é bom ou mau devido à sua observância de preceitos morais, enquanto no consequencialismo o julgamento se dá pelas consequências desse ato. Diferentemente dessas filosofias éticas, a **ética da virtude** privilegia não mais o ato praticado, mas sim o sujeito que o pratica: “[...] ela põe o foco não no fato do ato ser bom, mas na natureza e no caráter do agente que está na origem desses atos” (ZINGANO, 2013, p. 30).

Dentre os clássicos, Platão (427-347 a.C.) estabelece que a vida ética é gradativamente mais elevada pela adequação desta vida às ideias superiores (*eide*), análogas à forma do Bem. Sendo assim, “a vida exige um exercício constante do homem para alcançar essa base superior, que consiste na imitação dos valores mais altos, única via capaz de assegurar a felicidade” (SANTOS, 1959, p.122). Partindo de Platão, Aristóteles (384-322 a.C.) afirma que “o fim do homem é a felicidade temporal da vida em conformidade com a razão, e que a virtude é o caminho dessa felicidade, e esta implica, fundamentalmente, na liberdade” (SANTOS, 1959, p.122).

Para melhor compreender a ética das virtudes, é relevante adentrar no conceito de alma de Aristóteles. O que difere os seres animados dos inanimados é a presença da alma – o princípio que lhes dá vida. O corpo natural tem vida em potência (matéria), enquanto o ato (forma) é a realização desse corpo, ou seja, a alma – agora apurando o conceito para “princípio inteligível que, estruturando o corpo, faz com que ele seja aquilo que deve ser” (REALE, 2012 p.96).

A faculdade mais primitiva da alma é a vegetativa, responsável por fenômenos como geração, crescimento e nutrição. Também tem-se a alma sensitiva, a qual

governa as sensações, apetites e movimentos, da qual fazem parte os nossos cinco sentidos e a integração destes. A fim de compreender essas duas faculdades da alma, se vale da doutrina metafísica do ato e potência, a qual permeia a obra de Aristóteles. Nela, a sensação é a realização de uma potência de faculdade sensitiva, é o avanço de alguma coisa para si mesma, sua atualização que a faz ser sentida. Exemplifica-se por diferenciação: na faculdade vegetativa da alma, a matéria pode ser assimilada num processo de nutrição, já na faculdade sensitiva, apenas a forma é assimilada, como ao selar uma carta com um anel – apenas sua impressão é assimilada, sem, contudo, aderir o ferro e o ouro (REALE, 2012).

As almas são dadas em níveis de complexidade distintos e acumulativos, sendo o primeiro sempre pré-requisito do sucessor. Então, para existir as faculdades da alma racional, que é o terceiro e mais elevado nível, é necessário coexistir uma alma vegetativa e outra sensitiva. Ainda tem-se que a alma racional não é apenas o ápice destas, mas também exclusividade dos seres humanos. Essa é a faculdade com a qual a alma conhece e raciocina, que acolhe a forma e torna-se, em potência, semelhante à coisa, mas não efetivamente a própria coisa (REALE, 2012). Na íntegra:

A inteligência, de per si, é a capacidade e potência de conhecer as formas puras; as formas, por sua vez, estão contidas em potência nas sensações e nas imagens da imaginação. É necessário, portanto, que alguma coisa traduza essa dupla potencialidade em ato, de modo que o pensamento se atualize, apreendendo a forma em ato, e a forma contida na imagem se converta em conceito apreendido e possuído em ato. (REALE, 2012 p. 106).

Ou seja, há um intelecto em potência e outro em ato. Para Aristóteles, o duplo intelecto vem de fora, é divino, transcendente e proclama o que há de diferente em nós. É uma dimensão suprassensível, espiritual e a única capaz de proporcionar a felicidade plena (*eudaimonia*). Mas o que é essa felicidade?

Segundo Aristóteles, para a maioria a felicidade é o prazer, o gozo, o que acaba por nos tornar semelhantes aos escravos, em uma vida digna dos animais. Para outros seria o prestígio, a honra, o ser bem-sucedido, o que colocaria nossa felicidade em situação sempre de dependência do outro. Ou, ainda, estaria a felicidade no acúmulo de bens, que acaba por configurar uma inversão do meio pelo fim buscado. Não encontrando a felicidade nas alternativas apresentadas, sua conclusão é de que a verdadeira felicidade consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, no atributo que nos diferencia de todas as outras criaturas: a razão (SANTOS, 1959).

Para atingir a felicidade é necessário submeter os apetites da alma sensitiva – impulsos e desejos – à razão, por meio das virtudes éticas. As virtudes éticas derivam em nós do exercício contínuo de ações e comportamentos sistemáticos, os **hábitos**. Os seres humanos são potencialmente capazes, por natureza, de formar tais virtudes e, por meio do exercício, traduzir essa potencialidade em ato. Por exemplo, realizando sucessivos atos justos, ele se torna justo, ou seja, adquire-se a virtude da justiça, a qual depois permanece nele de maneira estável, como um *habitus* que, mais tarde, irá ajudá-lo a realizar atos de coragem (REALE, 2012, p. 117).

Já as virtudes da alma racional são chamadas de **dianoéticas**. Como são duas as funções da alma racional – a razão prática e a razão teórica – duas também são suas virtudes. A virtude típica da razão prática é a sensatez (*phrónesis*²), enquanto a virtude típica da razão teórica é a sabedoria (*sophía*). A **sensatez** é virtude *mater*, pois é base para o desenvolvimento das demais virtudes. Ela operacionaliza a capacidade de deliberar e optar, de se fazer a boa escolha. É uma capacidade prática que aponta meios capazes de atingir os fins verdadeiros, sem, contudo, determinar quais são esses fins (ABBA, 2008).

Apreende-se desse aprofundamento que “a obra humana se cumpre pela sensatez e pela virtude ética; a virtude aponta a retidão dos propósitos, enquanto a sensatez torna os meios corretos” (REALE, 2012, p. 121). Sendo assim, não é possível ser virtuoso sem ser sensato, ou ser sensato sem a virtude ética. A partir desse entendimento, a temática da virtude tem adentrado de forma sistêmica na discussão ética no campo das organizações. Como citado na bibliometria apresentada, Ferrero e Sison (2014) encontraram 135 artigos sobre tema em recente análise nos principais *journals* de administração. Porém, antes de retomar a intersecção profícua entre a ética das virtudes e o mundo do trabalho, considera-se os principais pontos levantados pelos filósofos escolásticos, com destaque para Tomás de Aquino.

Santos (1959, p. 134) diz.

² *Phrónesis* ou *prudéntia* se refere ao conhecimento prático, sendo traduzida diversas vezes como prudência (ABBA, 2008). É importante salientar que, ao tratá-la como prudência, não nos referimos ao sentido comum associado à cautela – conforme o dicionário Priberam da Língua Portuguesa – mas sim ao sentido aristotélico de cultivar uma disposição para a excelência, enriquecendo a finalidade última das atividades por meio de julgamentos e pensamentos informados por essa virtude prática (CUNHA E REGO, 2015).

Por ser a ética uma especulação filosófica sobre as normas invariantes; e a Moral, a especulação e a sistematização das normas variantes na sua ligação com o invariante, tem ela suas relações íntimas, não só com a Filosofia, mas também com a religião.

Sobre essa relação, Santos (1959) expõe que há quem defenda que a religião é o fundamento da moral. Já outros colocam que as normas religiosas encontram seu fundamento em normas éticas, ontologicamente consideradas, no contexto de uma interdependência da metafísica e a da moral. Independentemente da natureza da relação, a moral teológica deve ser considerada nos estudos que pretendem abranger o fenômeno, principalmente quando o enfoque é na filosofia ética das virtudes.

Tomás de Aquino segue um caminho referenciado em Aristóteles, propondo que um ato é razoável quando é apto, por sua natureza, para obter o fim que intente a razão, que é a felicidade (SANTOS, 1959). Mas o filósofo vai além. Sua concepção do divino postula que Deus é aquele que governa o homem à vida beata, porém, o indivíduo humano é autor voluntário, o qual pratica hábitos virtuosos que permite realizar atos de uma vida beata. A virtude é a excelência de atos humanos; são hábitos operativos que aperfeiçoam e preparam as potências para emitirem os atos excelentes requeridos pela vida beata. Conforme Abba (2008) expõe, esta concepção não é mais a aristotélica, embora se sirva copiosamente dela.

Como vimos, na filosofia ética das virtudes “não é porque um agente bom faz tal coisa que isso é bom. Na verdade, é o contrário: ele é um agente bom porque faz atos bons” (ZINGANO, 2013 p. 31). O foco está no agente, porque é exclusivamente dele essa faculdade de compreender o que é moralmente adequado ou relevante em uma dada situação. (ZINGANO, 2013). Essa particularidade não pode ser dissociada do hábito, e as experiências bem-sucedidas podem refinar e apurar o exercício moral.

Apesar do predomínio das éticas modernas – sobretudo as consequencialistas e principialistas – uma crítica possível a ser feita é que elas se concentram demasiadamente sobre as regras ou normas, e acabam por descuidar do caráter do sujeito agente ou da continuidade da conduta, não levando em conta sua natureza (ANSCOMBE, 1958). Ganham mais terreno as apreciações da ética das virtudes, revisitando a filosofia clássica e escolástica. Ao descartar seus elementos contextuais e atentar para a proposta de filosofia prática, válida ainda hoje, encontrou-se potencialidade para superar a profunda crise do pensamento e da *práxis* moral

vigente, conforme desenvolve Abba (2008). São nomes relevantes desse ressurgimento Elizabeth Anscombe, Leo Strauss, Eric Voegelin, Hannah Arendt, Alasdair MacIntyre, Philippa Foot, assim como outros ainda em consolidação.

Vale recordar, contudo, que os questionamentos às filosofias modernas têm se apresentado ao longo da História. Tais questionamentos proveem de autores como G. E. Moore, que iniciou em 1903 uma vertente bastante significativa de crítica à filosofia moral em *Principia Ethica* (1993). A metaética e a filosofia analítica da moral, por exemplo, derivam dos argumentos apresentados por Moore.

Conclui-se, neste breve ensaio, que as filosofias éticas consequencialista e principialista são norteadoras para a compreensão das ações e justificativas dos sujeitos de estudo. Elas se somam à perspectiva da ética das virtudes, que privilegia o agente, aproximando-nos de uma compreensão multifacetada da competência moral. O seguinte arquétipo do alvo confirma o exposto e finaliza esta seção:

Há um centro no alvo e ele é visado; portanto, há um acerto absoluto. Mas há também uma zona próxima do alvo, considerada zona de acerto, bem como há zonas mais distanciadas do alvo, as zonas de erros; há zonas de acerto e zonas de erro. É possível assim transitar entre uma e outra. O que define em que zona o agente está é a habilidade que ele demonstra em deliberar sobre as circunstâncias à luz das informações então disponíveis e sua capacidade de incorporar à busca dos meios mais apropriados para a obtenção de seus próprios fins aqueles meios que respeitam os fins que as outras pessoas buscam. (ZINGANO, 2013, p. 37)

2.2.3. Componente Empreendedorismo

O homem da sociedade contemporânea vive no mundo das organizações (DRUCKER, 2009). A verificação descompromissada dessa constatação através da autorreflexão pode ser reveladora e confirmatória. Desde que se vem ao mundo, com o registro da certidão de nascimento, até nosso fim, na certidão de óbito, se estabelecem relações com as organizações e seus processos. Cartórios, família, prefeitura, grupos de assistência social, companhias aéreas, equipe de canoagem, são algumas formas, propósitos e funções dentre tantos que as organizações exercem.

Na evolução dessa sociedade, aquele que inova através da introdução de novos métodos, institui organizações, influi fluxos de mercado e propõe novas perspectivas – o empreendedor – é fundamental para o desenvolvimento das organizações. Os primeiros esforços teóricos de interpretação da função específica

do empreendedor foram elaborados por Richard Cantillon (1680-1734), cujas contribuições incluem enfatizar a característica de disposição ao risco e à incerteza inerente às suas atividades (HISRIC; PETERS, 2004 *apud* FEUERSCHÜTTE; SERAFIM, 2015).

Outro precursor de estudos sobre o empreendedorismo foi Jean-Baptiste Say (1767-1832), que, assim como Richard Cantillon (1680-1734), reconhecia o empreendedor como o sujeito que, em função de qualidades pessoais típicas expressas em um comportamento inovador, busca oportunidades que resultam em lucro, mesmo sob o risco e a incerteza (CARLTON; HOFER; MEEKS, 1998 *apud* FEUERSCHÜTTE; SERAFIM, 2015).

Schumpeter (1883-1950), clássico autor do tema, compreende que empreendedor é aquele que inova através da introdução de um novo método de produção, através da abertura de um novo negócio e entrada num novo mercado, através da conquista de uma nova fonte de matéria-prima ou de produtos semiacabados, ou até mesmo através de um novo modelo de gestão organizacional (SCHUMPETER, 1961).

Na continuidade do século XX, o fortalecimento das corporações a partir da década de 50 muda o ambiente do empreendedorismo. Já não tão atraente à pesquisa acadêmica, a função do empreendedor perde destaque para os quadros técnicos corporativos. As ferramentas de planejamento estratégico estão em evidência e a exploração de novas oportunidades são agora funções atribuídas aos departamentos de pesquisa e desenvolvimento (LÓPEZ-RUIZ, 2004).

Então, a partir da década de 1980, o empreendedorismo volta a ter um papel de destaque na configuração da sociedade globalizada. A atividade empresarial foi se deslocando da produção de bens para a produção de serviços, ocorrendo o declínio do emprego tradicional. Com isso, houve um aumento da mobilização dos profissionais em busca de novos espaços para exposição de seus talentos, aliado às oportunidades surgidas da sociedade baseada na informação (CASTELLS, 1999).

Como o conceito de empreendedor/empreendedorismo também é estudado sob diferentes enfoques, tornou-se necessária essa breve digressão histórica. A influência das áreas do conhecimento que tratam do tema, como a econômica, sociológica e psicológica, justifica diferentes interpretações sobre o

empreendedorismo. Isso posto, o conceito de empreendedor de que este estudo se vale é o do agente que busca e explora oportunidades que resultam na abertura de novas organizações.

Compreende-se que esse agente está em constante interação com os ambientes, sendo simultaneamente imerso no contexto institucional do capitalismo de mercado, no contexto cultural e nas redes de relações sociais (MARTINELLI; JOYAL, 2004). Dentre esses ambientes, o presente trabalho enfoca os espaços de formação empreendedora.

Serafim, Martes e Rodriguez (2012), através de observação não participante, entrevistas em profundidade e análise de dados secundários, encontraram três categorias-chave capazes de classificar/sintetizar as ações de apoio e promoção do empreendedorismo: espaços de informação, formação e motivação.

Os espaços de informação auxiliam na identificação de oportunidades de negócio (SHANE; VENKATARAMAN, 2000), sendo mais profícuos através da interação social, recurso proporcionado em abundância em organizações que promovem o empreendedorismo entre seus membros (SERAFIM; MARTES; RODRIGUEZ, 2012).

Já os espaços de formação fornecem o conhecimento para análise e aproveitamento das oportunidades, sendo potencializados quando ocorrem em fóruns formais ou informais de discussão (FELIN; ZENGER, 2009).

Por fim, os espaços de motivação são esferas de interação que propiciam o início das atividades de exploração das oportunidades, etapa que exige, acima de tudo, esforços na mobilização de recursos para implementação (SIRMON; HITT, IRELAND, 2007 *apud* SERAFIM; MARTES; RODRIGUEZ, 2012).

Acredita-se que, ao proporcionar espaços de formação empreendedora, os espaços de informação e de motivação acompanham o próprio desenvolvimento da formação, através das relações sociais. Conforme Serafim, Martes e Rodriguez (2012) encontraram, as atividades desenvolvidas no âmbito do espaço de formação empreendedora de duas instituições religiosas forneceram informações e suporte efetivo aos seus membros empreendedores. Seminários sobre plano de negócios, promoção de *networking* entre os participantes, *workshops*, criação e desenvolvimento de polo empresarial, cursos, palestras técnicas e eventos

relacionados ao empreendedorismo e mundo do trabalho são exemplos de atividades de formação empreendedora evidenciadas por esses autores.

Os diferentes contextos e delimitações institucionais do espaço de formação empreendedora podem influenciar a natureza da ação empreendedora. Se, de um lado, a ação pode ser influenciada pelas relações formais, que propiciam recursos econômicos, sociais e informacionais (MARTES; RODRIGUEZ, 2004), por outro lado, a ação pode ser influenciada por aspectos culturais, como, por exemplo, a aprovação do grupo a determinadas atividades econômicas e a aceitação de valores e princípios comunitários (DIMAGGIO, 2003).

Nesse sentido, Feuerschütte e Serafim (2015) encontram em seu estudo sobre empreendedores ligados a instituições religiosas que parte dos membros creem que há uma relação diretamente proporcional entre a condução moral de acordo com os princípios religiosos, e a observação de rituais e o fato de ser financeiramente bem-sucedido. Já para outros, a introdução de valores se dá por meio da função de transformar sua empresa em um instrumento de justiça social, em uma comunidade na qual deve estar presente a espiritualidade da unidade.

Uma vez que as delimitações institucionais podem influenciar a ação empreendedora, reforça-se a ideia de que não é possível separar a pessoa do empreendedor de seu contexto, de suas relações cotidianas e dos recursos de que dispõe para atingir seus propósitos. A partir desse ponto, o presente trabalho busca compreender como os espaços de formação empreendedora de diferentes naturezas – tais como um espaço ligado a uma instituição religiosa e outros dois a instituições de ensino superior de diferentes características – podem influenciar a ação do empreendedor, ou mesmo o desenvolvimento de sua competência moral.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo responde ao objetivo específico da pesquisa de estudar metodologias de coleta de dados relacionadas à competência moral, espiritualidade e religiosidade. Ao longo deste capítulo, a pesquisa é caracterizada no que tange à sua abordagem, método e objetivo. Além disso, a população e amostra de estudo são delimitadas, e se apresentam as justificativas das escolhas dos instrumentos de coleta de dados. Por fim, discorre-se sobre os caminhos da análise e interpretação dos dados obtidos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A espiritualidade e a religiosidade, assim como a moral, são fenômenos complexos demais para que, ao tratá-los, se possa confiar em simples escalas (PARBOTEEAH et al, 2008). Issa e Pick (2011) argumentam que a espiritualidade e a moral, como valores interiorizados, são difíceis de se compreender utilizando somente métodos de pesquisa quantitativos ou qualitativos de forma isolada. A fim de construir uma resposta de pesquisa consistente, o presente estudo se vale da abordagem de natureza mista.

Bryman (2008) considera a pesquisa mista capaz de produzir conhecimentos de modo mais completo e adequado do que usando apenas uma abordagem. Esse autor (2004) define pesquisa de métodos mistos (PMM) como a combinação das abordagens quantitativa e qualitativa numa única pesquisa. De forma mais completa, Cresswell (2015) define o método misto como a abordagem em que o pesquisador coleta dados fechados (quantitativos) e abertos (qualitativos), de forma a integrá-los e interpretá-los baseando-se nos pontos fortes combinados de ambos os conjuntos de dados para responder ao problema de pesquisa.

Tratando especificamente da pesquisa em questão, classifica-se como QUAN → qual, ou seja, o método quantitativo (prioritário) antecede o qualitativo. Sendo assim, a fase quantitativa identifica pontos de aprofundamento a serem dirimidos na pesquisa de campo qualitativa (GRAY, 2012). Cresswell e Plano Clark (2013)

nomeiam tal *design* de pesquisa como projeto sequencial explanatório, o qual ocorre em duas fases distintas. A primeira se refere à coleta e análise de dados quantitativos, resultantes da aplicação de questionários que identificam o grau de religiosidade, a orientação da motivação religiosa e a competência moral de grupos de indivíduos. A segunda fase, denominada qualitativa, é composta pela coleta e análise de dados qualitativos, a fim de coletar as percepções e experiências individuais acerca do fenômeno de estudo, que podem ser usadas para explicar, reforçar ou mesmo contrapor os resultados quantitativos inicialmente obtidos.

A abordagem de pesquisa mista proposta acima é classificada de forma dupla quanto ao método, sendo que, para sua natureza quantitativa, é eleito o método *survey* e, para a qualitativa, o grupo focal.

Freitas (2000, p. 105) descreve a pesquisa *survey* como:

obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicando como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente o questionário.

Tal definição vem ao encontro do problema de pesquisa, que visa averiguar a influência da religiosidade na competência moral.

É importante ressaltar que o método *survey* difere de um censo. Enquanto o censo faz o levantamento de toda a população, o *survey* busca enumeração por meio de uma amostra representativa da população (BABBIE, 2003).

Porém, enquanto os dados quantitativos podem gerar um conjunto de dados estatisticamente significativo, esses também podem faltar em detalhamento sobre a natureza precisa do fenômeno e sua relevância para situações práticas (ISSA; PICK, 2011). Essa questão pode ser tratada com uma análise exploratória, explicativa e de triangulação dos resultados, obtida, por exemplo, através de métodos qualitativos – em nosso caso, através do grupo focal.

Para efeito de conceituação, Powell e Single (1996) definem *focus group* como “um grupo de indivíduos selecionados e reunidos pelos pesquisadores para discutir e comentar, do ponto de vista de suas experiências pessoais, sobre temas referentes à pesquisa” (p. 499). O grupo focal permite que os pesquisadores obtenham dados relevantes e *insights* por meio de um grupo pequeno de discussão, num período curto de tempo (MORGAN; SCANNELL, 1998). Além de obter relatos sobre crenças,

opiniões e experiências das pessoas, o método também pode ser utilizado como pesquisa confirmatória (STEWART; SHAMDASANI, 1990).

Essa dupla função – de obter dados sobre as percepções e experiências individuais, ao mesmo tempo em que pode ser utilizado como pesquisa confirmatória – se amolda de forma pertinente ao problema de pesquisa proposto. Se, de um lado, a natureza subjetiva do fenômeno de estudo vista quantitativamente pode se precaver de divagações exaustivas e da falta de comprovação empírica, por outro lado, essa visão unilateral não leva em conta complexidade envolvida no fenômeno. Sendo assim, a metodologia do grupo focal se apresenta como uma solução para a questão.

Por fim, caracteriza-se a pesquisa como descritiva, pois tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecer relação entre variáveis (HERNÁNDEZ SAMPIERI et al., 2006). Tais objetivos são convergentes com a presente dissertação, a qual busca descrever em empreendedores o fenômeno da espiritualidade e da religiosidade, verificando uma possível relação com a competência moral.

Na continuidade, há mais delimitações de metodologia científicas pertinentes ao estudo proposto.

3.2 SUJEITOS PESQUISADOS

Ao observar o contexto de Florianópolis/SC, é possível perceber o florescimento de um ambiente empreendedor. A qualidade de vida presente na cidade, bem como suas diversas Instituições de Ensino Superior e redes de fomento ao empreendedorismo alçaram a capital ao primeiro lugar do Índice de Cidades Empreendedoras (ENDEAVOR, 2014). Dada essa realidade, e imbuindo-se de motivação para melhor compreender o fenômeno pesquisado, escolheu-se como população do estudo os empreendedores de Florianópolis. Como o conceito de empreendedorismo é amplo – abrangendo desde o microempreendedor individual até funcionários que propõem e implementam inovações em seu contexto de trabalho – o recorte amostral será efetuado de forma mais restritiva.

Dado que os espaços de formação empreendedora são fundamentais na disseminação e florescimento do empreendedorismo (HENRIQUE; CUNHA, 2008), o recorte amostral da presente pesquisa se dá em grupos que frequentam locais que oferecem formação profissional, tais como cursos de graduação de ensino superior, programas de extensão de universidades e redes de apoio ao empreendedorismo. Mediante a facilidade de acesso do pesquisador a alguns grupos, são realizados três levantamentos distintos por conveniência, apresentados a seguir.

O primeiro recorte foi em estudantes cursaram uma disciplina relacionada à ética no exercício de sua profissão, numa instituição de ensino superior, pública, catarinense, dentro de um centro referência em administração e gestão. Justifica-se essa escolha ao observar estudos correlatos, tal como o de Conroy e Emerson (2004), que aplicou questionários com estudantes e graduandos, encontrando que a religiosidade é um fator preditor para atitudes éticas. Semelhantemente, Bloodgood et al (2008) examinaram como a religiosidade modera a relação entre estudantes que participaram de uma disciplina de ética e seu comportamento ético. Outros estudos sobre o tema também utilizam estudantes em sua amostra (RASHID; IBRAHIM, 2008; ALBAUM; PETERSON, 2006; BEEKUN; WESTERMAN, 2012). Dessa forma, esse primeiro recorte visa tanto dialogar com os resultados de pesquisas predecessoras, quanto comparar os recortes amostrais sugeridos para esse estudo com aqueles que foram utilizados nos demais trabalhos.

Um segundo levantamento se dá com alunos de um programa de extensão de formação complementar em administração dessa mesma instituição de ensino superior. Dornelas (2002) afirma que tanto as universidades quanto outros espaços de formação já têm iniciado uma educação específica voltada ao empreendedorismo. No âmbito das universidades, isso já pode ser percebido nas oportunidades de formação em iniciativas de extensão, MBA's e pós-graduações em geral (HENRIQUE; CUNHA, 2008). Sendo assim, um recorte amostral com alunos participantes de grupos de extensão diversifica e enriquece a discussão do problema de pesquisa. Para tal, são aplicados questionários em uma turma do referido projeto de extensão, que tem como propósito oferecer formação complementar em Administração para pessoas com mais de 45 anos.

Por fim, tem-se também um recorte amostral em indivíduos participantes de uma rede cristã de empreendedores, ligada a uma instituição religiosa localizada em

Florianópolis. Além de justificar esse recorte pela aderência direta ao problema de pesquisa, pretende-se analisar os achados em comparação com estudos correlatos, como de Wong (2008), o qual analisa a relação entre religiosidade e atitudes éticas numa amostra de cristãos que atuam no mundo dos negócios, e de Serafim, Martes e Rodriguez (2012), para os quais as organizações religiosas que apoiam o empreendedorismo oferecem recursos organizacionais e simbólicos – dimensões do espaço de formação – que facilitam o desenvolvimento do processo empreendedor de identificação, avaliação e exploração.

Para a delimitação da amostra da etapa qualitativa, a presente pesquisa se vale da indicação de Plano e Clark (2013), segundo os quais, quando a intenção é explicar os resultados quantitativos, o pesquisador pode incluir procedimentos analíticos durante a primeira fase para ajudar a guiar a seleção dos participantes na segunda fase. Embora os participantes possam simplesmente se apresentar como voluntários, uma conexão mais forte pode ser feita quando os participantes são determinados mediante as informações que surgem da análise dos dados quantitativos.

Sendo assim, foram convidados aqueles que se destacaram com os melhores escores de competência moral nos questionários na turma da graduação e do grupo ligado à instituição religiosa. Não foi possível realizar esse mesmo recorte no grupo de extensão, pois os questionários não foram identificados com nomes, como ocorrido no levantamento dos dois outros grupos. Alternativamente, aqueles respondentes do grupo de extensão que demonstraram claro interesse de participação na pesquisa – através de perguntas e diálogos sobre o tema – foram os convidados.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pergunta de pesquisa pode ser inicialmente dirimida por meio de métodos de natureza quantitativa. Dentre os métodos de coleta de dados associados a essa vertente, o questionário é aquele mais comumente utilizado. Seu amplo uso pode ser justificado por suas vantagens (GRAY, 2012):

- Baixo custo e rápida aplicação, o que gera volume de dados rápidos de múltiplos indivíduos;

- Conveniência de horário e local, por exemplo, para o respondente;
- Análise de dados facilitada;
- Favorecimento do anonimato do respondente;
- Supre boa parte dos vieses do entrevistador, principalmente quando auto administrado.

Parizot (2015) reforça a escolha ao ver o questionário como um instrumento de pesquisa que permite reunir grande quantidade de informações factuais ou subjetivas junto a um número importante ou representativo de indivíduos. Usualmente, são adotados em pesquisas que buscam medir a frequência de características, situações, comportamentos, opiniões e atitudes numa população, com o intuito de analisar as relações entre tais características – ou seja, objetivos coerentes com a presente pesquisa.

A seguir, são apresentadas as escolhas de instrumentos de coleta de dados consolidados que buscam acessar o fenômeno e, conseqüentemente, responder à pergunta de pesquisa.

3.3.1 Mensuração da competência moral

Como exposto na introdução, a Teoria do Desenvolvimento Moral de Kohlberg (1981 e 1984) lançou bases para a criação de instrumentos de avaliação da competência moral. Desde sua publicação, vários instrumentos foram elaborados, tais como o Defining Issues Test (DIT), o Defining Issues Test 2 (DIT-2), o Socialmoral Reflection Objective Measure (SROM) e o Moral Competence Test (MCT), também chamado de Moral Judgment Test (MJT). Desses, o MCT, em sua versão estendida, foi aquele escolhido pela presente pesquisa para mensurar a competência moral dos grupos, conforme se argumentará a seguir.

Dois trabalhos recentes de dissertação vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Estado de Santa Catarina foram publicados utilizando como base a Teoria do Desenvolvimento Moral. Um deles buscou compreender como empreendedores econômicos e sociais lidavam com seus dilemas, enquanto o outro estudou o caso de uma organização do terceiro setor e o desenvolvimento moral de seus membros (AMES, 2015; DA COSTA, 2015). Ambos os trabalhos utilizaram o Defining Issues Test 2 (DIT-2). Esse instrumento foi criado

por Rest et al. (1999), no contexto do advento de pesquisas de abordagens neo-kohlberguianas.

A partir das conclusões dos estudos das dissertações, notam-se limitações quanto ao DIT-2. A primeira delas diz respeito à necessidade de envio dos questionários aplicados para o Centro de Estudos do Desenvolvimento Ético (CSED), na Universidade do Alabama (EUA), que detém exclusividade de análise. A metodologia para a definição dos escores não é divulgada, e há um custo envolvido para a realização dos cálculos. O CSED também solicita informações adicionais para análise dos dados, tais como a posição política dos entrevistados. Essa informação, em particular, apresenta outra fragilidade do instrumento, uma vez que as opções políticas oferecidas pelo CSED para resposta tomam como base a formação política norte-americana, polarizada entre liberais e conservadores, não refletindo o posicionamento político habitual do brasileiro (AMES ET AL, 2016).

Ainda sobre as limitações do DIT-2, em seu artigo, Ames et al (2016) relatam que a aplicação demonstrou-se complexa, demandando uma atenção prolongada e grande disponibilidade de tempo dos participantes. As dificuldades relatadas pelos respondentes referem-se ao entendimento dos conteúdos e sua forma de preenchimento. É possível concluir que o instrumento utilizado não se adaptou de forma plena ao contexto organizacional.

Em estudo aprofundado sobre os instrumentos de mensuração do desenvolvimento do raciocínio moral, Bataglia et al (2010) discorrem que o Teste de Competência Moral, elaborado por Georg Lind em 1977, se destaca ao tratar um aspecto não contemplado nos demais testes: a capacidade de o sujeito aplicar sua estrutura de juízo em diferentes situações, ou seja, sua competência moral. Lind (2010) observa que as pessoas geralmente usam seus princípios de raciocínio moral elevado, conforme a escala de Kohlberg, quando analisam os dilemas morais; porém, quando são confrontados com tais dilemas em suas vidas diárias, muitas vezes não agem de acordo com estes princípios, pois não têm competência moral para tanto (LIND, 2010).

O MCT também se destaca dos demais testes por não poder ter seus escores falsificados para melhor. Por exemplo, Nicolas Emler, Renwick e Malone (1983), em seus estudos experimentais, encontraram que os sujeitos poderiam simular ter uma competência superior, quando sugerido que eles deveriam responder aos dilemas

pensando serem filósofos. Concluiu-se que os escores do DIT não refletiam propriedades estruturais-cognitivas no juízo moral, mas antes, aspectos atitudinais ou ideológicos da moralidade. Vale ressaltar que estes experimentos não desmentem a teoria cognitivo-evolutiva, mas demonstram a inadequação das ferramentas de medida usadas (LIND, 2000).

A fim de contribuir para os avanços dos estudos na língua portuguesa, a Professora Patrícia Bataglia (2010) traduziu e validou o instrumento Teste de Competência Moral (MCT) para o contexto brasileiro, criando o MCTxt. Inicialmente, o teste confrontava o sujeito com dois dilemas morais, um relacionado ao roubo e outro à eutanásia; em cada um deles, solicitava a avaliação, por parte dos respondentes, dos argumentos a favor e contra a atitude da personagem principal envolvida no dilema. Todavia, na adaptação ao caso brasileiro, foi incluído mais um dilema. Tanto Moreno (2005) no México, quanto Bataglia (2001) no Brasil encontraram vieses culturais relacionados ao dilema da eutanásia. Os escores de competência desse dilema eram muito mais baixos quando comparados aos dos demais países latino-americanos. Dessa forma, foi adicionado um novo dilema que tratasse do mesmo tema – no caso, o valor da vida humana – mas sem envolver um valor religioso de forma explícita. O dilema inserido foi o do juiz, o qual aborda a questão da quantidade de vidas *versus* o respeito a uma vida, completando assim a versão estendida.

Tem-se, então, um instrumento contendo três dilemas morais. Após a leitura de cada um deles, o participante deve avaliar a decisão tomada pelos personagens envolvidos numa escala de *forte discordância* (-4) até *forte concordância* (+4). O próximo passo é avaliar seis argumentos em favor da decisão apresentada e seis contrários a ela. Esses argumentos foram elaborados para representar cada um dos seis estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg. O participante deve avaliar os argumentos de acordo com a sua aceitabilidade em uma escala de *eu rejeito completamente este argumento* (-4) até *eu aceito completamente esse argumento* (+4). Após completadas as repostas do primeiro dilema, o próximo é respondido e assim sucessivamente, até a conclusão do questionário.

A análise da consistência interna do MCT foi feita utilizando a técnica do *split-half*, na qual se divide os itens do teste ao meio, de modo que os resultados de ambas as partes sejam correlacionados (BATAGLIA, 2010). Os resultados iniciais foram

divergentes em relação ao teste original, conforme visto na questão cultural. Esse fato motivou uma investigação mais aprofundada e gerou o terceiro dilema, agora adaptado à realidade brasileira e com consistência interna equivalente à dos demais países.

3.3.2 Mensuração da espiritualidade/religiosidade

Diversas escalas para mensuração da religiosidade/espiritualidade já foram desenvolvidas. Por exemplo, Hill e Hood (1999) compilaram exatamente 126 escalas em seu livro intitulado *Measures of Religiosity*. Apesar da grande variedade de medidas, Vitell (2009), em sua revisão sistemática, encontra que a mais utilizada para o campo da ética nas organizações foi a escala da orientação da motivação religiosa de Allport e Ross (1967). Esse achado é condizente com a análise bibliométrica apresentada na contextualização teórica.

Na escala de Allport e Ross (1967), a religiosidade é mensurada por 14 itens, dos quais oito representam a religiosidade intrínseca e outros seis a extrínseca. Estudos antecessores encontraram coeficientes alpha satisfatórios para a escala, a saber, α de 0,83 para a mensuração intrínseca (BRIMHALL; BUTLER, 2007; BYRD et al, 2007; GORSUCH; MCPHERSON, 1989) e 0,65 para a mensuração extrínseca (GORSUCH; MCPHERSON, 1989). Recentemente, Walker et al (2011) encontram o coeficiente 0,69 e 0,88 para os componentes intrínseco e extrínseco, respectivamente.

Sendo assim, a presente pesquisa utiliza a escala da orientação da motivação religiosa em instrumento traduzido para a língua portuguesa, validado e documentado pela tese de doutoramento de Linares (2012) na Universidade de Lisboa. As respostas são dadas numa escala Likert de cinco pontos, de *discordo totalmente* (1) até *concordo totalmente* (5). É importante destacar que três itens têm pontuação invertida (itens 3, 10 e 14), a fim de confirmar a atenção às respostas dadas no questionário. Por fim, o escore de cada subescala é obtido pela soma das respostas aos itens respectivos, feita a adequação dos itens de pontuação invertida.

Os estudos de Kirkpatrick (1989) sugerem uma subdivisão da religiosidade extrínseca em duas: a) extrínseca pessoal (Ep) e b) extrínseca social (Es). A religiosidade extrínseca pessoal inclui os itens orientados para uma religião identificada como fonte de conforto e segurança, ao passo que a religiosidade extrínseca social configura os itens orientados para uma religião centralizada nos

ganhos a nível social (GORSUCH; MCPHERSON, 1989). Essa subdivisão foi incorporada ao presente estudo.

De forma complementar, Longenecker et al (2004), Albaum (2006) e Peterson (2010) mensuram o grau de religiosidade com apenas uma pergunta de múltipla escolha: “Eu me considero: a) muito religioso; b) um pouco religioso; c) nada religioso”. Mesmo que a literatura forneça várias maneiras de se mensurar a religiosidade (ROTH e KROLL, 2007), perguntas mais simples não são incomuns nos estudos relacionados a ética (ANGELIDIS e IBRAHIM, 2004; CONROY; EMERSON, 2004; LA BARBERA; GURHAN, 1997).

Baseado nos precedentes, o presente estudo toma duas vias para mensurar a religiosidade. Uma medida simples, que define o grau de religiosidade por meio da pergunta “Eu me considero: a) muito religioso; b) um pouco religioso; c) nada religioso” (LONGENECKER et al, 2004; ALBAUM, 2006; PETERSON, 2010) e outra via mais elaborada, discorrendo sobre a orientação da motivação religiosa (ALLPORT; ROSS, 1967), conforme apresentado.

3.3.3 Roteiro do grupo focal

A partir da análise preliminar dos dados obtidos nos questionários e conversas de orientação com professores pesquisadores, os seguintes blocos temáticos, objetivos e perguntas norteadoras foram desenhados para a condução do grupo focal:

Figura 5: Ficha do grupo focal para Bloco 1

BLOCO 1 – Dilemas Morais

- Vocês se lembram do dilemas propostos nos questionário? Então, nós vamos falar de cada um deles:
 - OPERÁRIOS
 - MÉDICO
 - JUIZ

objetivo: iniciar a discussão; chegar a um consenso de qual era a história;

- Perguntas exploratórias
 - O que vocês acham do dilema tal?
 - Vocês já passaram por situações semelhantes?
 - Quando vocês estão pensando nesse dilema, o que vocês levam em consideração? (repertório/elementos)

objetivo: explorar as percepções sobre os dilemas

TEMPO: 30'

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Figura 6: Ficha do grupo focal para Bloco 2

BLOCO 2 – ESPIRITUALIDADE E FATORES DE INFLUÊNCIA

- Vocês se lembram do questionário sobre espiritualidade e prática religiosa...
 - O que vocês entendem como espiritualidade e prática religiosa?
 - Pensando nos dilemas que discutimos, vocês acham que a espiritualidade influencia a decisão?

objetivo: compreender o fator espiritualidade (opiniões sobre a relação positiva, neutra ou negativa);

- Pensando em outros fatores de influência da decisão
 - A experiência de vida pode influenciar?
 - E o ensino? (imaginário/repertório)

objetivo: explorar demais fatores de influência

- Perguntas de apoio
 - De que forma?
 - Por quê?
 - Alguém tem um exemplo?

TEMPO: 30'

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Figura 7: Ficha do grupo focal para Bloco 3

BLOCO 3 – MUNDO DO TRABALHO E ESPIRITUALIDADE

- Vocês acham que a espiritualidade **pode** fazer parte do mundo do trabalho?
- Vocês acham que a espiritualidade **deve** fazer parte do mundo do trabalho?

objetivo: explorar a interface entre espiritualidade e o mundo do trabalho;

- Empreendedor e o mundo do trabalho
 - Quais são os possíveis dilemas que se pode viver no mundo do trabalho?
 - Como melhor preparar o empreendedor para esses dilemas?

objetivo: levantar outras questões para aprofundamento

- Perguntas de apoio
 - De que forma?
 - Por quê?
 - Alguém tem um exemplo?

TEMPO: 30´

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

3.4 APLICAÇÃO DO PRÉ-TESTE

Um dos componentes da pesquisa *survey* é a aplicação de pré-testes para identificar se as questões estão bem compreendidas (BABBIE, 2003). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), o pré-teste especificamente de questionários visa evitar possíveis falhas ou imprecisões na redação, testar a complexidade das questões, eliminar questões desnecessárias, perceber constrangimentos para o informante e o seu nível de exaustão.

Depois de formulado, o questionário da presente pesquisa foi testado por meio da aplicação de alguns exemplares em um pequeno grupo. Foram escolhidos membros participantes do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Inovações Sociais na Esfera Pública (NISP), que se insere na linha de administração pública e sociedade do Programa de Pós-graduação Acadêmico em Administração da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Essa escolha se deu dois motivos: 1) Por facilidade de acesso aos membros; 2) E pela experiência em pesquisas teóricas-empíricas dos mesmos, fator que contribui para o refinamento do instrumento de coleta de dados.

Após convocação por meio de mídias eletrônicas e convites pessoais, compareceram no dia 27/10/2016, quinta-feira, oito respondentes voluntários (n = 8). O local de aplicação foi o próprio espaço do NISP dentro da UDESC. A média de tempo de resposta do questionário completo foi de 17 minutos e 11 segundos, sendo o menor tempo de 13 minutos e 18 segundos e o maior de 23 minutos e 28 segundos.

Quadro 6: Tempo de respostas ao pré-teste

Participante	Tempo
1	23:28
2	22:05
3	16:35
4	16:09
5	16:00
6	15:25
7	14:28
8	13:18
n = 8	Média = 17:11

Fonte: Elaborador pelo autor (2017)

As sugestões de melhoria do grupo foram, principalmente: reescrever a introdução ao questionário, exemplificando como responder as questões; harmonizar as escalas de ambas as partes do questionário, sugerindo uma unificação de medidas, de forma a optar por cinco ou nove pontos na escala *likert* para todo o questionário; adicionar uma pergunta sobre denominação religiosa, incluindo a opção “ateu”. Outros comentários recomendaram a substituição de algumas palavras de difícil entendimento por sinônimos, assim como a apresentação do termo de consentimento de participação livre e espontânea à parte do questionário.

3.5 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

A primeira aplicação na amostra ligada à instituição religiosa foi realizada durante um congresso estadual dessa rede de empreendedores, no dia 12 de novembro de 2016. O evento contou com a presença de cerca de 100 pessoas, as quais receberam o questionário e a instrução de devolvê-lo preenchido ao final.

Desses, apenas 5 ($n = 5$) foram entregues de volta. Além de a amostra ser pequena e pouco representativa dos atendentes, os questionários foram invalidados devido a um erro de impressão na escala de religiosidade.

Dado essa primeira tentativa malsucedida, a estratégia de coleta de dados foi revista. Os questionários foram adaptados para a plataforma on-line do *surveymonkey.com*, e os convites foram realizados por e-mail e reforçados com uma ligação e/ou conversa pessoal sobre a importância da pesquisa. As questões ficaram abertas para resposta ao grupo ligado à instituição religiosa dos dias 31 de janeiro de 2017 até 19 de fevereiro de 2017. Ao todo, foram obtidas 20 respostas, das quais 4 foram excluídas por não pertencerem à instituição que o grupo representa e 16 ($n = 16$) foram validadas.

Para a amostra da turma da graduação, foi proposto responder parte do questionário como forma de reposição de aula, uma vez que o conteúdo abordado na disciplina de ética tem relação direta com o tema e, posteriormente, foi discutido com a turma dentro do conteúdo programático. Aqueles que gostariam de participar da pesquisa completa, além de responder ao questionário relacionado à competência moral (MCTxt) vinculado à reposição de aula, deveriam responder voluntariamente a segunda parte do questionário, relacionada à motivação da orientação religiosa (RMO). Sendo assim, a plataforma online do *surveymonkey.com* ficou aberta para respostas do grupo da graduação dos dias 18 de novembro de 2016 até o dia 25 de novembro de 2016. Ao todo, foram 38 respondentes ao MCTxt; desses, 29 responderam tanto ao MCTxt quanto ao RMO, sendo então validados como amostra do grupo ($n = 29$).

Já o grupo de extensão respondeu o questionário de forma física durante a parte final de uma aula sobre gestão de pessoas no dia 16 de novembro de 2016. De uma turma de 20 alunos, 19 responderam ($n = 19$) e tiveram seus questionários validados.

3.6 APLICAÇÃO DO GRUPO FOCAL

Para participar do *focus group* foram convidados 4 participantes de cada grupo, totalizando 12 convites, conforme os critérios apresentados no item 3.2 (sujeitos pesquisados), respeitando o número de participantes sugeridos pela literatura (MORGAN; SCANNELL, 1998). Desses, 7 foram confirmados e efetivamente participaram; sendo assim, o grupo focal foi composto por 4 alunos do grupo de extensão, 2 membros do grupo ligado à instituição religiosa e 1 aluno do grupo da graduação.

A discussão aconteceu no dia 5 de abril de 2017, numa quarta-feira à noite, das 20:00 às 22:00. A atividade foi realizada nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Laboratório de Ensino a Distância (LED) da Engenharia do Conhecimento (EGC), em uma sala projetada para esse tipo de atividade, com equipamento de gravação audiovisual e transmissão em tempo real para uma sala de controle. Ao todo foram duas horas, quatro minutos e oito segundos de discussões.

3.7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Essa etapa inicia-se com a preparação dos dados obtidos por meio da *survey*. É realizada uma conversão, de maneira que os dados brutos da pesquisa se converteram em dados passíveis de utilização em *software* estatístico (PLANO CLARK; CRESWELL, 2013). Então, no total 64 questionários válidos foram tabulados, codificados de forma a designar valores numéricos a cada resposta.

Seguiu-se, então, à exploração dos dados, na qual se aplicaram primeiramente as estatísticas descritivas e de tendência central (PLANO CLARK; CRESWELL, 2013). As naturezas das amostras foram analisadas em relação à distribuição do gênero, da faixa etária, da escolaridade, da denominação religiosa e do grau de religiosidade. Já as orientações de motivação religiosa foram analisadas pelos seus escores e com medidas de tendência central e de variabilidade dos dados.

A mensuração da competência moral se dá pelo *C-score*, o qual se baseia na análise do padrão total de respostas, e não sobre as respostas específicas, que, isoladamente, não são significativas (BATAGLIA et al, 2010). Esse resultado é

construído de tal forma que ele é nulo quando os indivíduos entrevistados não diferenciam entre os argumentos (aceitam tudo que corresponde à sua própria opinião, ou rejeitam tudo que apresenta uma posição contrária). O *C-score* é classificado de acordo com o seu valor: baixo, 1-9; médio, 10-29; elevado, 30-49; e muito alto, mais de 50 pontos. Seu cálculo é realizado de forma análoga à análise multivariada da variância – MANOVA (LIND, 2010).

Como segunda etapa de apreciação quantitativa dos dados, realizaram-se testes de normalidade para compreender a dispersão dos dados e subsidiar as escolhas dos testes estatísticos que pudessem responder às hipóteses de pesquisa. Para todos os exercícios estatísticos, utilizou-se o *software* IBM Statistical Program for Social Sciences 21.

A fim de ampliar as atividades de pesquisa utilizando mais de um método, a pesquisa foi triangulada a partir do método do grupo focal. Entende-se triangulação de acordo com o conceito de Zappellini e Feuerschütt (2015), o qual é

um procedimento que combina diferentes métodos de coleta e de análise de dados, diferentes populações/sujeitos (ou amostras/objetos), diferentes perspectivas teóricas e diferentes momentos no tempo, com o propósito de consolidar suas conclusões a respeito do fenômeno que está sendo investigado. (p. 246)

Dessa forma, utilizou-se como ponto de partida a *survey* e confrontaram-se os resultados obtidos por meio do método do grupo focal na mesma população alvo. No grupo focal, os sujeitos são entrevistados de forma coletiva, interativa, espontânea, mediada por um moderador, num grupo relativamente homogêneo de interesse para a pesquisa (VERGARA, 2005).

O material obtido no grupo focal foi transcrito, codificado e analisado segundo a análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006). A análise temática é um método interpretativo de análise de dados que identifica, analisa e descreve padrões ou temas, permitindo apresentar e organizar os dados de uma forma sintética, sem, contudo, perder sua essência contextual.

A análise temática é composta por tarefas como familiarizar-se com os dados, gerar códigos iniciais, procurar e rever temas, categorizar e produzir relatórios. Para cumprir essas tarefas, foi utilizado o *software* ATLAS TI 8, o qual permite análise qualitativa de dados textuais e audiovisuais.

Conforme já explicitado, essa pesquisa foi QUAN → qual, ou sequencial exploratória; sendo assim, a fase quantitativa identificou pontos de aprofundamento a serem dirimidos na pesquisa de campo qualitativa. Então, na fase qualitativa, foi coletadas percepções e experiências individuais acerca do fenômeno de estudo, analisadas sob o ferramental da análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006), podendo ser usadas para explicar, reforçar ou mesmo contrapor os resultados quantitativos inicialmente obtidos (GRAY, 2012; CRESSWELL; PLANO CLARK, 2013).

O quadro a seguir sintetiza os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa.

Tabela 3: Procedimentos metodológicos

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS						
ABORDAGEM	PROPÓSITO	MÉTODO		MÉTODOS DE COLETA	MÉTODOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	
Mista	Descritivo	Quanti	<i>Survey</i>	Questionário	Dados referentes à natureza da amostra (sexo, faixa etária, escolaridade etc.)	Estatísticas descritivas
					Pontuação das orientações da motivação religiosa	Medidas de tendência central, de variabilidade e medidas de associação
					Competência Moral (Escore do MCT)	Medidas de tendência central, de variabilidade e medidas de associação
		Quali	Entrevista	<i>Focus Group</i>	Transcrição, categorização e análise temática	

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE: ETAPA QUANTITATIVA

Inicia-se a análise dos dados com a apreciação exploratória dos dados quantitativos, na qual se aplicam estatísticas descritivas e medidas de tendência central. Na sequência, são realizados testes de normalidade, elegendo, assim, quais testes estatísticos são condizentes com a natureza da amostra. Por fim, medidas de associação são aplicadas para buscar compreender possíveis relações entre os dados e testar as hipóteses de pesquisa.

A tabela a seguir apresenta a composição dos grupos dos levantamentos em termos de frequência (n) e percentual.

Tabela 4: Composição dos grupos do levantamento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Grupo vinculado a instituição religiosa	16	25,0	25,0	25,0
	Grupo graduação	29	45,3	45,3	70,3
	Grupo extensão	19	29,7	29,7	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Os três grupos dos levantamentos totalizaram uma amostra de 64 questionários válidos (n = 64), sendo compostos por 16 respondentes do grupo ligado a instituição religiosa (25,0%), seguido de 19 respondentes alunos da turma do curso de extensão (29,7%) e 29 respondentes alunos da turma da graduação que cursaram a disciplina de ética (45,3%).

As tabelas a seguir apresentam a composição desses grupos de forma agregada em relação a gênero, grau de escolaridade, faixa etária, denominação religiosa e grau de religiosidade. De forma complementar, o apêndice 1 apresenta esses quadros separados por grupos.

Tabela 5: Frequência de gênero da amostra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	29	45,3	45,3	45,3
	Feminino	35	54,7	54,7	100,0
Total		64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Percebe-se que há certo equilíbrio entre gêneros, com 45,3% de homens e 54,7% de mulheres respondentes.

Tabela 6: Distribuição do grau de escolaridade da amostra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Básico até ensino médio	8	12,5	12,5	12,5
	Ensino superior incompleto	41	64,1	64,1	76,6
	Ensino superior completo	4	6,3	6,3	82,8
	Pós-graduação	11	17,2	17,2	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

No que diz respeito à escolaridade, predomina ensino superior incompleto, com 64,1% do total, seguido por pós-graduação, com 17,2%. Apenas 12,5% do levantamento nunca esteve inscrito no nível superior de ensino.

Tabela 7: Composição etária da amostra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	até 25 anos	30	46,9	46,9	46,9
	de 26 até 35 anos	7	10,9	10,9	57,8
	de 36 até 45 anos	5	7,8	7,8	65,6
	de 46 até 55 anos	14	21,9	21,9	87,5
	de 56 até 65 anos	6	9,4	9,4	96,9
	mais de 66 anos	2	3,1	3,1	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Aproximadamente metade dos sujeitos (46,9%) estão na faixa etária de até 25 anos, enquanto o restante (63,1%) se distribui nas demais categorias com idade superior a 25 anos.

Tabela 8: Frequência de denominação religiosa da amostra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cristão Evangélico	19	29,7	29,7	29,7
	Cristão Católico	23	35,9	35,9	65,6
	Espírita	15	23,4	23,4	89,1
	Religiões Orientais	1	1,6	1,6	90,6
	Ateu ou Agnóstico	3	4,7	4,7	95,3
	Outros	3	4,7	4,7	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

A denominações religiosas com maior frequência foram a católica (35,9%), seguida pelos evangélicos (29,7%) e espíritas (23,4%); somadas as três opções associadas totalizam 89,0% das respostas do levantamento. Esse achado conversa com a realidade brasileira onde 86,8% são cristãos, porém difere em proporção onde 64,6% são católicos e 22,2% são evangélicos (BRASIL, 2012).

Tabela 9: Grau de religiosidade da amostra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito religioso	20	31,3	31,3	31,3
	Um pouco religioso	42	65,6	65,6	96,9
	Nada religioso	2	3,1	3,1	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

No que tange ao grau de religiosidade, 65,6% dos sujeitos se consideram “um pouco religioso”, 31,3% “muito religioso” e apenas 3,1% “nada religioso”.

Em suma, pode-se dizer que a amostra é equilibrada em sua distribuição entre os grupos de levantamento e na distribuição de gênero. Os respondentes são jovens e adultos, qualificados em termos de escolaridade, autodenominados cristãos, e se percebem com algum grau de religiosidade.

O quadro a seguir apresenta estatísticas descritivas dos escores do MCT e das orientações da motivação religiosa, divididas em intrínseca, extrínseca social e extrínseca pessoal. A fim de compreender o desempenho dos grupos de forma distinta, o quadro é subdividido por amostra.

Quadro 7: C-Score dos grupos de levantamento

Grupos dos levantamentos		Statistic	Std. Error	
C-Score do MCT	Grupo vinculado a instituição religiosa	Mean	8,5119	1,96346
		Median	6,335	
		Variance	61,683	
		Std. Deviation	7,85383	
		Minimum	0,4	
		Maximum	24,1	
		Grupo graduação	Grupo graduação	
Median	15,29			
Variance	156,223			
Std. Deviation	12,49893			
Minimum	0,89			
Maximum	40,81			
Grupo extensão	Grupo extensão			Mean
		Median	4,87	
		Variance	111,948	
		Std. Deviation	10,58056	
		Minimum	2,05	
		Maximum	40,18	

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

Iniciando pelo C-Score do questionário de competência moral, temos que o grupo da graduação apresenta a maior média (18,11) e mediana (15,29); além disso, o maior escore individual também vem desse grupo (40,81). O desvio padrão é o maior dentre os grupos (12,49), o que se reflete na medida de variância (156,223).

Já o grupo ligado a instituição religiosa apresenta uma média de 8,51, aproximadamente um ponto abaixo da média do grupo de extensão (9,77). Esse comportamento se inverte em relação à mediana, em que o grupo ligado a instituição religiosa figura com 6,33 e o grupo de extensão com 4,87. Em relação às notas individuais, os mínimos e máximos do grupo de extensão (2,05 e 40,18) são superiores ao do grupo ligado a instituição religiosa (0,40 e 24,10).

De acordo com a literatura, os escores são classificados como baixo, 1-9; médio, 10-29; elevado, 30-49; e muito alto, mais de 50 pontos (BATAGLIA et al, 2010; LIND et al, 2010). Sendo assim, temos que o grupo ligado a instituição religiosa (8,51) e o grupo de extensão (9,77) apresentaram escores baixos, enquanto a turma da graduação apresentou um escore médio (18,11).

A competência moral mensurada no MCT tem forte ligação com o lado cognitivo, sendo relacionada com a qualidade e quantidade dos anos de estudo (LIND, 2000). Bataglia (2010), na validação do MCT, encontra indícios de confirmação dessa relação. Recente estudo sobre a relação entre capacidade reflexiva, crenças, valores e ambiente formador confirma parcialmente esses achados (FERREIRA, 2016).

Dado que o grupo da graduação é vinculado a um curso com nota máxima de avaliação em revista especializada (ABRIL, 2016), e está situado na 4ª melhor universidade estadual do país (MEC, 2014), infere-se que há um contexto de qualidade de ensino que pode ser acessada por esses alunos, sendo um possível fator de influência na média mais elevada em relação aos demais grupos.

Os escores baixos dos alunos da extensão podem estar relacionados à faixa etária mais madura do grupo. Se, por um lado, a experiência de anos de vida pode trazer uma bagagem mais completa, essa qualidade também pode reforçar um comportamento menos aberto a opiniões contrárias àquelas do sujeito, fenômeno que o questionário em questão aponta com baixo escore.

Da mesma forma, os escores mais baixos do grupo ligado à instituição religiosa também podem estar relacionados com a própria natureza do instrumento de coleta de dados.

No lugar de medir simplesmente a atitude moral do sujeito, o MJT propõe uma tarefa moral difícil, que é o reconhecimento da qualidade de argumentos contrários à opinião do sujeito. Isso pressupõe outra capacidade que naturalmente envolve a estrutura cognitiva, porém, mais do que isso, exige uma

postura não dogmática em relação à sua própria atitude (BATAGLIA, 2010, p. 30)

Uma vez que a espiritualidade, quando expressa por meio da religiosidade, pode tomar um caráter doutrinário (BJARNASON, 2007), as pessoas que assim o fazem podem viver de acordo com esses princípios, harmonizando suas necessidades e interesses (ALLPORT; ROSS, 1967), ou podem tomar posturas dogmáticas, sendo pouco abertas a diferenciar e compreender a qualidade dos argumentos, independentemente da preferência por um curso de ação ou outro, o que influi diretamente num baixo c-score no MCT (BATAGLIA, 2010). A fim de diferenciar as diferentes abordagens da religiosidade e compreender mais a fundo o fenômeno, foram levantadas as pontuações das orientações da motivação religiosa para cada grupo.

Quadro 8: Motivação da orientação religiosa dos grupos de levantamento

Score da pontuação na orientação intrínseca	Grupo vinculado à instituição religiosa	Mean	90,9375	2,60083
		Median	93,75	
		Variance	108,229	
		Std. Deviation	10,40332	
		Minimum	70	
		Maximum	100	
		<hr/>		
	Grupo graduação	Mean	61,4655	2,55035
		Median	62,5	
		Variance	188,624	
		Std. Deviation	13,73404	
		Minimum	32,5	
		Maximum	87,5	
		<hr/>		
	Grupo extensão	Mean	76,1842	2,85728
		Median	75	
		Variance	155,117	
		Std. Deviation	12,4546	
		Minimum	52,5	
		Maximum	95	

Score da pontuação na orientação extrínseca social	Grupo vinculado à instituição religiosa	Mean	42,4994	4,07668
		Median	40	
		Variance	265,909	
		Std. Deviation	16,3067	
		Minimum	20	
		Maximum	73,33	
	Grupo graduação	Mean	28,5062	1,74745
		Median	26,67	
		Variance	88,554	
Std. Deviation		9,41031		
Minimum		20		
Maximum		53,33		
Grupo extensão	Mean	38,2468	5,09409	
	Median	26,67		
	Variance	493,045		
	Std. Deviation	22,20461		
	Minimum	20		
	Maximum	86,67		
Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Grupo vinculado à instituição religiosa	Mean	70	4,12791
		Median	80	
		Variance	272,634	
		Std. Deviation	16,51163	
		Minimum	40	
		Maximum	86,67	
	Grupo graduação	Mean	67,1269	4,71326
		Median	66,67	
		Variance	644,23	
		Std. Deviation	25,38168	
		Minimum	20	
		Maximum	100	
Grupo extensão	Mean	80	2,97261	
	Median	80		
	Variance	167,891		
	Std. Deviation	12,95729		
	Minimum	53,33		
	Maximum	100		

Em relação à pontuação das motivações da orientação religiosa, o grupo ligado à instituição religiosa figurou com 2 das 3 maiores médias, assim como medianas. A exceção foi a média da extrínseca pessoal, com 70 pontos *versus* os 80 pontos do grupo de extensão. Em relação à pontuação intrínseca, a turma da graduação teve média e mediana inferiores ao grupo de extensão, 61,46 e 62,50 contra 76,18 e 75,00, respectivamente. Já para a extrínseca social, as medianas das turmas de graduação e extensão foram idênticas (26,67), enquanto a média apresentou uma diferença de aproximadamente 10 pontos da primeira em relação à segunda (28,50 contra 38,24).

Como visto, na orientação extrínseca pessoal, a turma de extensão se destaca das demais, com média e mediana de 80 pontos; suas notas individuais mínima (53,33) e máxima (100,00) também confirmam a alta pontuação nessa orientação. Ainda dentro da orientação extrínseca pessoal, a turma da graduação apresenta a maior dispersão do quadro, com um desvio padrão de 25,38 e consequente variância de 644,23.

Em geral, as pontuações seguem uma ascendência, iniciando com valores baixos para a graduação, subindo com o grupo de extensão e sendo mais altas no grupo vinculado a instituição religiosa. Pode-se interpretar que os jovens em geral, representados pelo grupo da graduação, pouco buscam questões relacionadas à espiritualidade, pouco conhecendo sobre sua autopercepção de orientação de motivação religiosa. Em relação aos alunos da extensão, que têm como característica comum serem adultos acima de 45 anos, sendo muitos deles já considerados membros da terceira-idade, pode-se interpretar que, nessa fase de suas vidas, eles estão mais abertos à busca espiritual, já com uma autopercepção acerca de sua motivação de orientação religiosa mais evidente. Por fim, é coerente o grupo ligado a instituição religiosa ter uma performance de pontuação superior aos outros grupos nas diferentes motivações; afinal, ele é aquele que tem em sua natureza amostral o vínculo direto com esse constructo.

Ao analisar em detalhe a performance das motivações dentro grupo vinculado à instituição religiosa, vemos que há uma forte preferência pela motivação intrínseca (90,93), aquela vinculada a fatores substantivos, universalista, altruísta e humanitária (VALLE, 1998). Há relativa aceitação da extrínseca pessoal (70,00), orientada para uma religião identificada como fonte de conforto e segurança, conveniente, que surge

em momentos de crise e necessidade (KIRKPATRIC; HOOD, 1990). E há uma baixa aderência à motivação extrínseca social (42,49), que diz respeito a uma religião centralizada nos ganhos em nível social, utilitária, a serviço de necessidades sociais (GORSUCH E MCPHERSON, 1989).

Esse achado começa a contestar nossa hipótese de pesquisa. A simples observação de que o grupo vinculado à instituição religiosa teve um alto desempenho na orientação da motivação intrínseca (90,93 de 100 pontos) e que teve um baixo desempenho na mensuração da competência moral (média de 8,51 de 100 pontos) vai de encontro com a hipótese colocada de que há uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral. A fim de investigar com mais propriedade essa constatação, foram realizados testes estatísticos.

Para subsidiar as escolhas de testes estatísticos, é necessário testar a normalidade dos dados e melhor compreender sua dispersão. Testaram-se as normalidades do C-Score Total da competência moral, assim como das três pontuações que compõem a orientação da motivação religiosa em cada um dos grupos.

Quadro 9: Testes de Normalidade

	Grupos dos levantamentos	Shapiro-Wilk	
		df	Sig.
C-Score do MCT	Grupo vinculado à instituição religiosa	16	,046
	Grupo graduação	29	,058
	Grupo extensão	19	,000
Score da pontuação na orientação intrínseca	Grupo vinculado à instituição religiosa	16	,005
	Grupo graduação	29	,845
	Grupo extensão	19	,233
Score da pontuação na orientação extrínseca social	Grupo vinculado à instituição religiosa	16	,232
	Grupo graduação	29	,000
	Grupo extensão	19	,001
Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Grupo vinculado à instituição religiosa	16	,006
	Grupo graduação	29	,045
	Grupo extensão	19	,329

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

Devido à natureza da amostra de cada grupo ser pequena ($n < 50$), empregou-se o teste de Shapiro-Wilk de normalidade (BARBETTA,2010). Conforme observado, nenhum dos resultados apresentou significância, ou seja, a dispersão desses dados não pode ser considerada normal. A partir dessa conclusão, a utilização de estatísticas não paramétricas se faz o melhor caminho de análise (BARBETTA, 2010). Outro ponto que reforça a escolha é que os dados analisados são, em última instância, de natureza qualitativa ordinal, fazendo-se adequada a utilização de testes não paramétricos (NORMANDO et al, 2010).

Como no presente estudo foram feitos três levantamentos de amostras independentes, é mister compreender se há diferenças entre essas. O teste não paramétrico de Kruskal-Wallis é utilizado nas situações onde há três ou mais amostras independentes, e indica se há diferença entre pelo menos duas delas (MARÔCO, 2011). A fim de confirmar o Kruskal-Wallis, também realizou-se o teste de igualdade entre as medianas. Os referidos testes são apresentados na figura a seguir.

Figura 8: Teste de Kruskal Wallis e igualdade entre medianas no C-Score e orientações da motivação religiosa

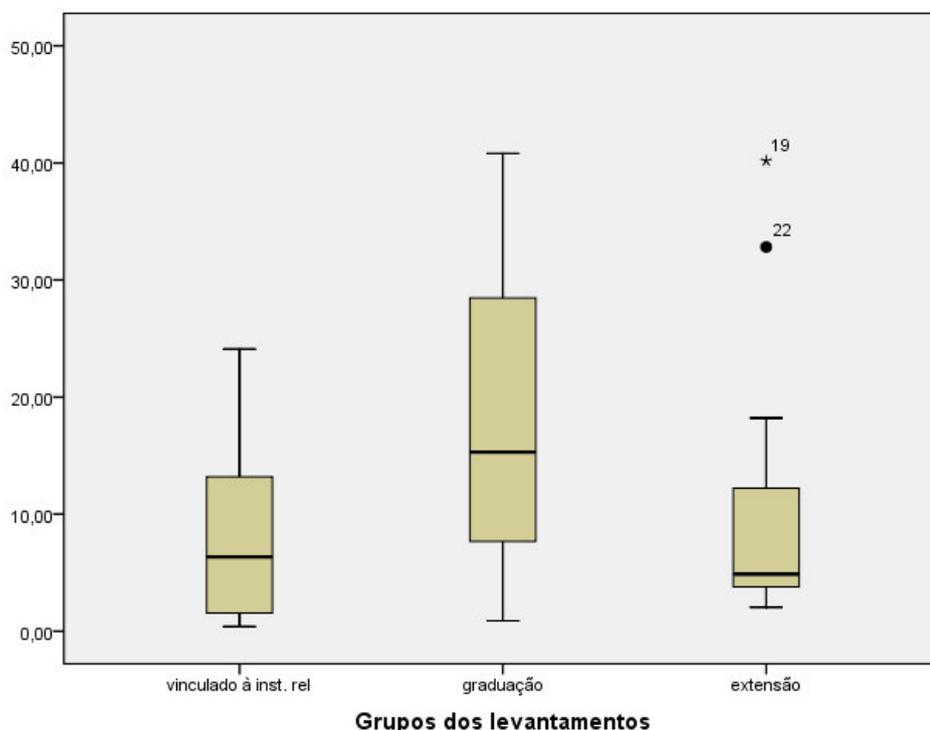
Hypothesis Test Summary				
	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The medians of C-Score do MCT are the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Median Test	,021	Reject the null hypothesis.
2	The distribution of C-Score do MCT is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,012	Reject the null hypothesis.
3	The medians of Score da pontuação na orientação intrínseca are the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Median Test	,000	Reject the null hypothesis.
4	The distribution of Score da pontuação na orientação intrínseca is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,000	Reject the null hypothesis.
5	The medians of Score da pontuação na orientação extrínseca social are the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Median Test	,009	Reject the null hypothesis.
6	The distribution of Score da pontuação na orientação extrínseca social is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,015	Reject the null hypothesis.
7	The medians of Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal are the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Median Test	,204	Retain the null hypothesis.
8	The distribution of Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,162	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is .05.

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

A hipótese nula para o teste é de que as amostras têm resultados iguais. Dentre os resultados dos testes, apenas a orientação extrínseca pessoal demonstrou igualdade; todas as demais métricas se apresentam com diferenças significativas entre os levantamentos, conforme a Figura acima destaca em grifo amarelo.

Para aprofundar a análise iniciada no Quadro 7 e Quadro 8, verificando de que forma se manifestam essas diferenças apontadas pelo teste de Kruskal-Wallis, recomenda-se observar os resultados de forma gráfica. Para tal, a técnica do *boxplot* espacializa os distintos resultados das amostras, sendo possível analisar diferenças e semelhanças entre os mesmos. Nela, uma reta que se estende verticalmente a partir da caixa indica a variabilidade fora do quartil superior e do quartil inferior, os valores atípicos são apresentados como pontos individuais e a mediana é representada pela linha perpendicular localizada dentro da caixa (BARBETTA, 2010).

Figura 9: *Boxplot* do C-score nos grupos do levantamento

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

A distribuição do escore total da competência moral para a amostra do grupo ligado à instituição religiosa tem como mediana o valor de 6,33, enquanto a amostra do grupo de extensão apresenta 4,87 e a do grupo da graduação 15,29. A distribuição da amostra do grupo da graduação se posiciona em valores superiores em aproximadamente 10 pontos dos demais, provável resultado que influenciou na significância apontada pelo teste de Kruskal-Wallis. Os possíveis indícios dessa diferença, como já discutido após o Quadro 7, são qualidade do ensino, experiência dos anos de vida e influência da religiosidade.

Mais a fundo, esse escore é a síntese de outros três dilemas distintos – dilemas dos trabalhadores, do médico e do juiz – sendo interessante analisar o desempenho de cada um deles de forma separada. Corroboram essa visão de análise os estudos de Bataglia (2001, 2010) que confirmam vieses culturais relacionados aos dilemas quando vistos individualmente. Sendo assim, novamente se aplica o teste de Kruskal-Wallis para observar de forma preliminar se essas diferenças entre os dilemas se

confirmam também no presente estudo, para então adentrar na análise gráfica daqueles que rejeitam a hipótese nula do teste.

Figura 10: Teste de Kruskal Wallis para os dilemas

Hypothesis Test Summary				
	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of C-Score do Médico is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,012	Reject the null hypothesis.
2	The distribution of C-Score Dilema Trabalhadores is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,084	Retain the null hypothesis.
3	The distribution of C-Score Dilema Médico is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,018	Reject the null hypothesis.
4	The distribution of C-Score Dilema Juiz is the same across categories of Grupos dos levantamentos.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,002	Reject the null hypothesis.

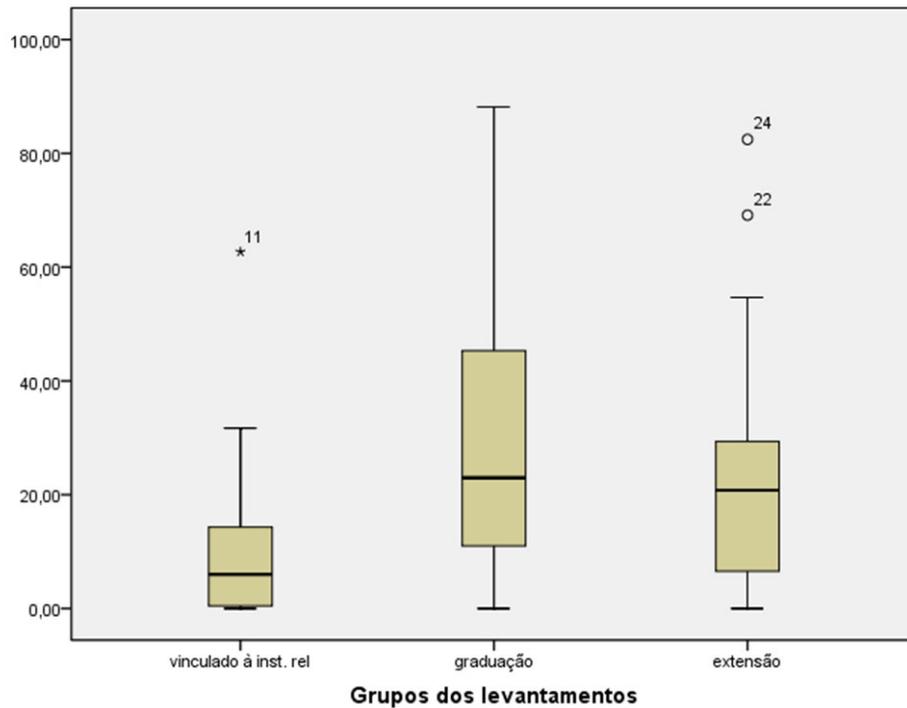
Asymptotic significances are displayed. The significance level is .05.

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

Dentre os resultados, apenas o dilema dos trabalhadores apresentou desempenho equivalente entre as diferentes amostras. Esse achado é condizente com a compreensão de que há uma interferência negativa no dilema do médico, e o do juiz acompanha, de componentes culturais latino-americanos, mas especificamente a influência da religião (BATAGLIA, 2010; FERREIRA, 2016). Todavia, esse fenômeno chamado de segmentação moral pode não estar ligado à baixa competência do julgamento moral, mas sim a uma influência restritiva de certas normas religiosas que se soma à adaptação do sujeito à cultura que o envolve.

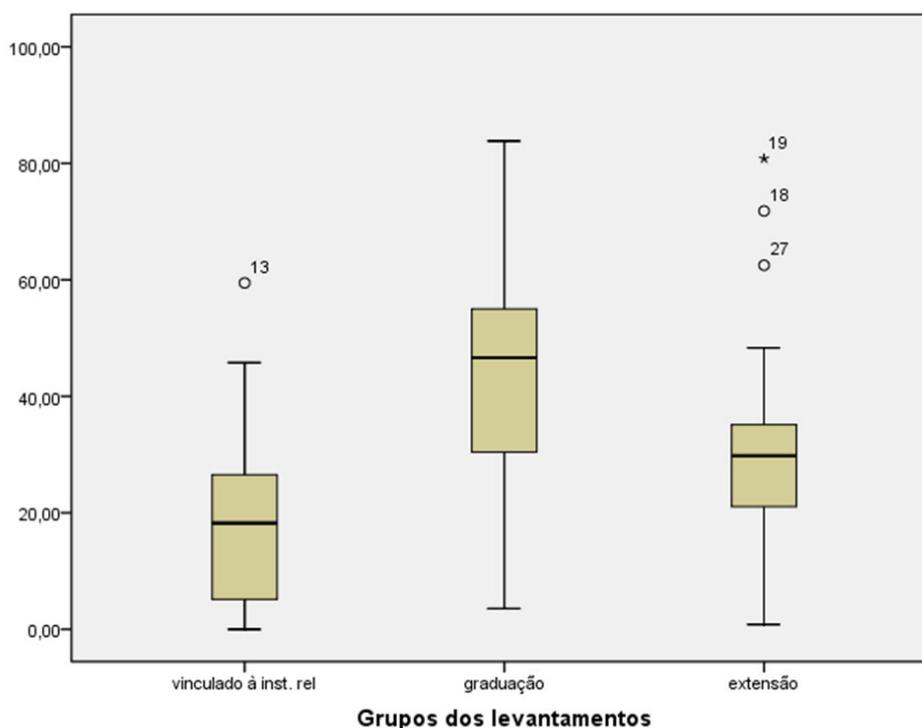
Então, um outro caminho que se pode propor é o da terceirização do julgamento moral. Nesse caminho, o sujeito evita refletir profundamente sobre a questão; ele absorve vereditos de outrem, os quais tem como referência – tais como autoridades eclesiais, figuras públicas, entre outros ícones de influência – e terceiriza seu julgamento, sem refletir plenamente sobre os diferentes posicionamentos.

Na continuidade, analisam-se as dispersões dos dilemas do médico e do juiz. O Apêndice 2 complementa as figuras com estatísticas descritivas completas.

Figura 11: *Boxplot* do dilema do médico

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

A menor mediana desse dilema é a do grupo ligado a instituição religiosa, com 6,00 pontos. A dispersão dos resultados desse grupo é mais concentrada, com um desvio padrão de 16,48 pontos e variância de 271,61. Foge à regra desse grupo amostral apenas o *outlier* de 62,70 pontos, representado pelo indivíduo 11. Já as amostras dos grupos de extensão e graduação têm comportamento distinto do grupo ligado à instituição religiosa e semelhantes entre si. Corroboram essa constatação os valores semelhantes das medianas (22,97 e 20,80), mínimos (ambos 0,00) e máximos (88,16 e 82,45).

Figura 12: *Boxplot* dilema do juiz

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

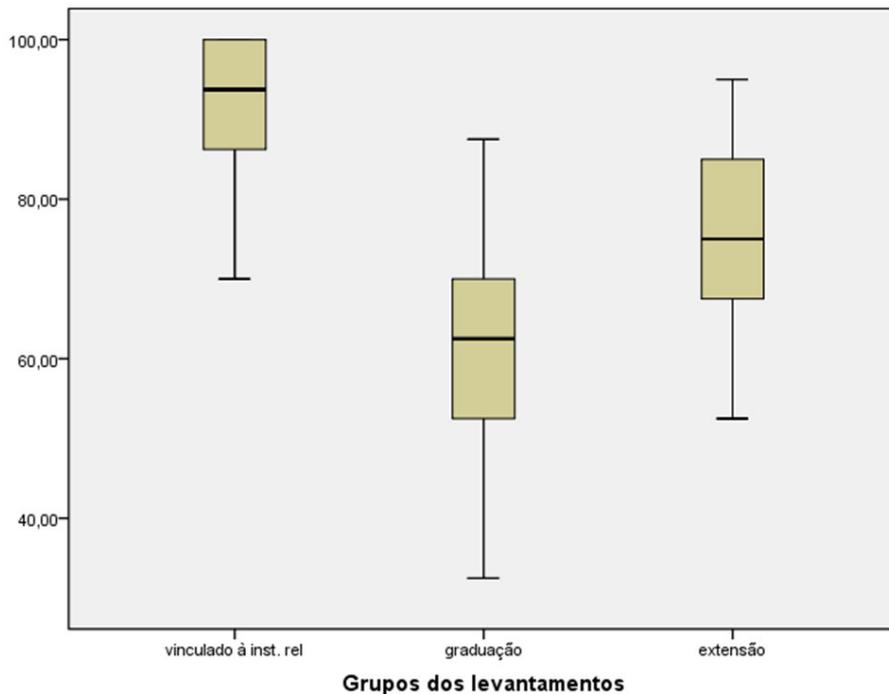
No dilema do juiz, há comportamentos distintos dos três grupos amostrais. Enquanto o grupo da graduação tem a maior mediana (46,61), esse também apresenta a maior distância entre quartis, numa composição gráfica mais alongada. Já o grupo da extensão tem uma mediana de 29,77 pontos, porém, figura com 3 *outliers* de desempenho superior a 60 pontos no referido dilema. Por fim, o grupo ligado a instituição religiosa tem um desempenho inferior aos demais (mediana de 18,22), assim como é o graficamente mais concentrado (desvio padrão de 16,85, o menor em relação aos outros grupos).

Mediante esses resultados, é possível inferir que o fenômeno da segmentação moral é presente, manifestando-se nos dilemas do médico e do juiz. O grupo vinculado a instituição religiosa é aquele com maior interferência do fenômeno, com provável inclinação à terceirização do julgamento, traduzida em abstenção de reflexão e consequente comprometimento do desempenho no c-score. Já para os grupos da extensão e graduação, o fenômeno pode estar mais associado à adaptação cultural, numa interferência religiosa de contexto mais amplo. Essas percepções são

investigadas com estatísticas de correlação do Quadro 10 ao Quadro 20 deste capítulo.

Na continuidade da análise gráfica das pontuações de orientação da motivação religiosa que apresentaram diferenças nos testes de Kruskal-Wallis (Figura 8), apresentam-se os *boxplots* da orientação intrínseca e o da extrínseca social.

Figura 13: *Boxplot* orientação religiosa intrínseca



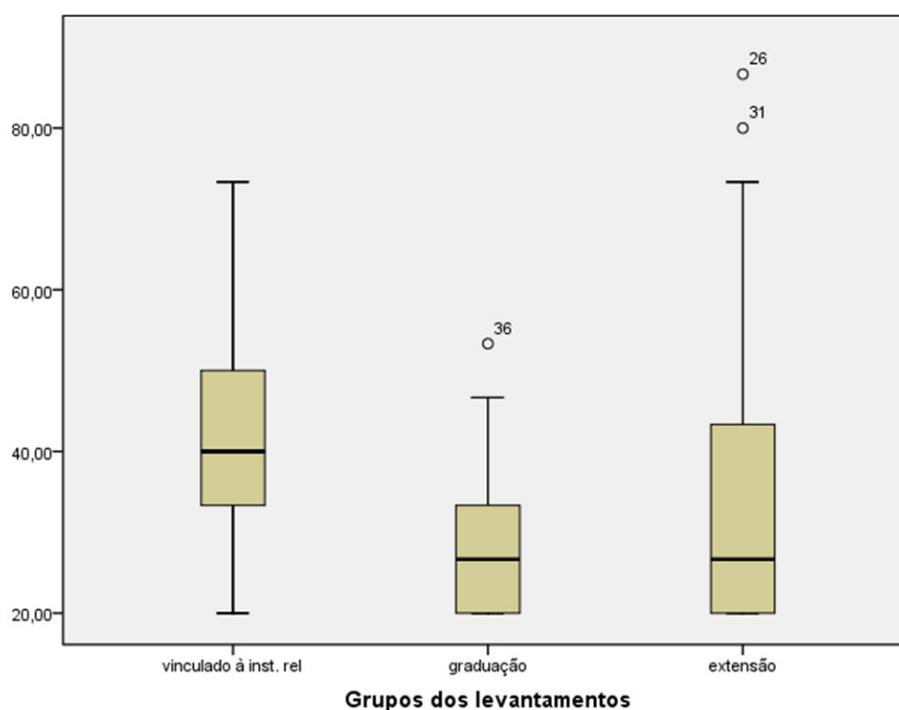
Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *software* SPSS (2017)

Na pontuação da motivação religiosa intrínseca tem-se que a amostra do grupo ligado à instituição religiosa demonstra valores mais altos que as demais. Sua distribuição vai do mínimo 70,00 pontos ao máximo em 100,00 pontos. A amostra do grupo de extensão (mediana 75,00 e média 76,18) tem distribuição mais uniforme e com valores superiores em relação ao do grupo da graduação (mediana 62,50 e média 61,46).

No geral, a orientação intrínseca apresenta os maiores scores dentre as demais orientações em todos os grupos. Contudo, por mais que a resposta intrínseca seja alta, ainda cabe perguntar o porquê, buscando compreender a justificativa do respondente quando se identifica mais com as afirmativas de orientação intrínseca.

Talvez dessa forma se consiga ir além do “verniz”, da resposta socialmente aceita em seu meio, e perceber se a justificativa é realmente de natureza intrínseca. Não surpreenderia se houvesse uma afirmação intrínseca associada a uma justificativa extrínseca, por exemplo. Essa questão é subsídio para discussão na etapa qualitativa do grupo focal.

Figura 14: *Boxplot* orientação religiosa extrínseca social



Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Já a pontuação na orientação extrínseca social apresenta diferença significativa na amostra do grupo ligado a instituição religiosa, em que a mediana é 40,00, e as demais têm valores idênticos de 26,67. De toda forma, essa orientação extrínseca social é a que apresenta as pontuações mais baixas, sendo menos influente na relação que os grupos estabelecem com a sua espiritualidade. Uma forma de interpretar esse resultado é que a orientação da religiosidade dos grupos não é centralizada nos espaços de socialização, mas sim voltada à conexão com o transcendente (intrínseca) e de benefícios pessoais (extrínseca pessoal).

Na continuidade do aprofundamento da análise das variáveis de estudo, elegeu-se utilizar análises de correlação. Em última instância, essas análises testam a hipótese do trabalho da relação entre a orientação da motivação religiosa e os escores da competência moral. Como são duas as principais variáveis de estudo, faz sentido utilizar análise bivariada, a qual pode ser usada para descrever o relacionamento entre pares de variáveis (BARBETTA, 2010). Dentre as possibilidades de análise bivariada, o coeficiente de correlação de Spearman é condizente com a natureza da amostra e o objetivo da pesquisa. Esse coeficiente mede a intensidade da relação entre variáveis ordinais. Usa, em vez do valor observado, a ordem das observações. Deste modo, este coeficiente não é sensível a assimetrias na distribuição, nem à presença de *outliers*, não exigindo, portanto, que os dados provenham de duas populações normais.

No coeficiente de correlação de Spearman, uma relação inversamente proporcional absoluta é igual a -1, enquanto a de uma absoluta relação positiva é 1, e o zero figura como posição intermediária (BARBETTA, 2010).

A seguir, apresentam-se apenas os resultados daqueles testes que demonstraram significância na correlação. Os demais quadros de correlação não presentes nessa seção estão no Apêndice 3.

Primeiramente, foi testada a correlação entre c-score total dos grupos de levantamentos de forma agregada com as diferentes orientações da motivação religiosa. A única correlação significativa foi com a orientação intrínseca (-,402), a qual se relacionou negativamente com os scores totais da competência moral, conforme o quadro abaixo evidencia.

Quadro 10: Correlação c-score total versus orientação intrínseca

Correlations			C-Score do MCT	Score da pontuação na orientação intrínseca
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000	-,402**
		Sig. (2-tailed)	.	,001
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,402**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,001	.
		N	64	64

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

A hipótese de trabalho de que há uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral é, então, rejeitada. A fim de confirmar se essa relação é presente na resposta dos três dilemas que compõem o c-score total, ou se ela concentra em um deles ou mais, como visto nas discussões sobre segmentação moral (BATAGLIA, 2010; LIND, 2000; FERREIRA, 2016), são realizados os testes de correlação entre a orientação intrínseca e cada um dos dilemas de forma separada.

Quadro 11: Correlação c-score dilema trabalhadores *versus* orientação intrínseca

Correlations			C-Score Dilema Trabalhadores	Score da pontuação na orientação intrínseca
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000	-,320**
		Sig. (2-tailed)	.	,010
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,320**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,010	.
		N	64	64

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 12: Correlação c-score dilema médico *versus* orientação intrínseca

Correlations			Score da pontuação na orientação intrínseca	C-Score Dilema Médico
Spearman's rho	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	1,000	-,424**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	64	64
	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	-,424**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	64	64

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 13: Correlação c-score dilema juiz versus orientação intrínseca

Correlations			Score da pontuação na orientação intrínseca	C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	1,000	-,476**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	64	64
C-Score Dilema Juiz	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	-,476**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	64	64

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Conforme observado nos quadros, todos os dilemas testados apresentaram uma correlação significativa e negativa entre c-score e a religiosidade intrínseca, confirmando a rejeição da hipótese de trabalho de que há uma relação positiva entre essas mesmas variáveis.

O dilema dos trabalhadores apresentou coeficiente de -0,320, sendo aquele com menor influência, ou mesmo ausência, do fenômeno de segmentação moral. Já os dilemas do médico (-0,424), e do juiz (-0,476) encontram influência mais significativa e corroboram a literatura discutida sobre o fenômeno da segmentação moral.

Feita a análise nos dados de forma agregada, o próximo passo consistiu em verificar se os diferentes grupos amostrais apresentam ou não correlações significativas entre seus c-scores totais e as orientações da motivação religiosa. Também se verificou como cada orientação distinta se relaciona com os c-scores dos dilemas de forma segmentada. Ao todo, foram realizados 12 testes de correlação por grupo amostral, totalizando 36 testes. Dado o volume de informações gerado, apresentam-se apenas os testes em que houve alguma correlação significativa (p valor em 0,05 ou 0,01); os demais podem ser encontrados no Apêndice 3.

A verificação inicia-se com o grupo vinculado à instituição religiosa.

Quadro 14: Correlação c-score total versus orientação intrínseca no grupo vinculado à inst. religiosa

Correlations			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,578*
		Sig. (2-tailed)	,019
		N	16

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 15: Correlação c-score total versus orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa

Correlations			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,525*
		Sig. (2-tailed)	,037
		N	16

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 16: Correlação c-score dilema dos trabalhadores *versus* orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa

			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,531*
		Sig. (2-tailed)	,034
		N	16

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 17: Correlação c-score dilema do médico *versus* orientação extrínseca pessoal no grupo vinculado à inst. religiosa

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,560*
		Sig. (2-tailed)	.	,024
		N	16	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,560*	1,000
		Sig. (2-tailed)	,024	.
		N	16	16

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 18: Correlação c-score dilema do médico *versus* orientação intrínseca no grupo vinculado à inst. religiosa

Correlations			C-Score Dilema Médico
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,621*
		Sig. (2-tailed)	,010
		N	16

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

De todos os grupos amostrais, aquele ligado a instituição religiosa foi o que apresentou mais vezes correlações significativas – ao todo, foram 5 ocorrências *versus* uma do grupo de extensão e uma do grupo da graduação. Todas as correlações observadas nesse grupo são de natureza inversamente proporcional, ou seja, negativa. As duas primeiras são do cruzamento entre c-score total e as orientações intrínseca (-0,578) e pessoal extrínseca (-0,525), ambas com um intervalo de confiança de 0,05 pontos. As mesmas naturezas de orientação aparecem negativamente relacionadas em outros dilemas de forma individual. A extrínseca pessoal nos dilemas dos trabalhadores (-0,531) e do médico (-0,560), e a intrínseca pessoal também no do médico (-0,621). Percebe-se que, para os sujeitos do grupo vinculado à instituição religiosa, quanto maior sua pontuação nas orientações, menor é seu desempenho na competência moral; tal relação se revela de modo mais evidente na orientação intrínseca e em dilemas sensíveis ao fenômeno da segmentação moral.

Por fim, a seguir apresentam-se os dois últimos quadros dessa análise estatística. O primeiro traz a única correlação significativa do grupo de extensão, seguido do último, com a também única correlação significativa do grupo da graduação.

Quadro 19: Correlação c-score dilema trabalhadores *versus* orientação extrínseca pessoal no grupo da extensão

Correlations			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal		Correlation Coefficient	-,700**
		Sig. (2-tailed)	,001
		N	19

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Quadro 20: Correlação c-score dilema trabalhadores *versus* orientação extrínseca pessoal no grupo da graduação

Correlations			C-Score Dilema Trabalhadores	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000	,420*
		Sig. (2-tailed)	.	,023
		N	29	29
Score da pontuação na orientação extrínseca social		Correlation Coefficient	,420*	1,000
		Sig. (2-tailed)	,023	.
		N	29	29

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Elaborado pelo autor por meio do *Software* SPSS (2017)

Apesar de haver apenas uma correlação significativa do grupo de extensão, essa é, de todos os testes realizados, aquela que apresentou o coeficiente mais perto da relação absoluta de inversão, com -0,700, quando correlacionados o dilema dos trabalhadores com a orientação extrínseca pessoal, num intervalo de confiança de 0,01 pontos.

O dilema dos trabalhadores evoca o princípio de solidariedade entre colegas de trabalho e a transgressão de normas sob justificativa desse fim. A orientação extrínseca pessoal é aquela voltada à religiosidade que busca segurança e conforto

individual. Sendo assim, a correlação negativa significativa é coerente com a representatividade desses itens, pois quando o sujeito tem como orientação mais forte a busca pelo conforto e segurança pessoal, pouco estará propenso a compreender argumentos que colocam em risco esse princípio.

O último quadro diz respeito à amostra do grupo da graduação. Ele apresenta a única correlação significativa positiva de todo o experimento – no caso, entre o c-score do dilema dos trabalhadores e a orientação extrínseca social (0,420), num intervalo de confiança de 0,05 pontos. A mesma interpretação dada ao Quadro 19 pode ajudar a compreender a correlação positiva do Quadro 20. A motivação extrínseca social lida com benefícios relacionados à socialização, o que pode valorizar a compreensão de diferentes argumentos que defendem a solidariedade entre pares, como aqueles discutidos no dilema do trabalhador.

Em suma, na etapa quantitativa, a hipótese do trabalho de que há uma relação positiva entre a orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral foi rejeitada. Os grupos apresentaram diferenças significativas entre si nos desempenhos dos dilemas morais e nas orientações de motivação religiosa. Também foi percebido o fenômeno da segmentação moral nas três amostras e possíveis interpretações foram traçadas para todos os achados. A seguir, o grupo focal busca compreender percepções e experiências individuais acerca do fenômeno de estudo, respondendo ao último objetivo específico do presente trabalho.

4.2 ANÁLISE: ETAPA QUALITATIVA

O presente item responde ao objetivo específico de compreender percepções e experiências individuais acerca do fenômeno, a fim de enriquecer a discussão e propor possíveis caminhos de interpretação. Conforme o método misto escolhido propõe, essa etapa pode ser confirmatória dos achados da etapa antecessora, e acessar a complexidade envolvida no fenômeno de forma concomitante.

Após apresentação da dinâmica do encontro para o grupo e apresentação pessoal de cada um dos participantes, as discussões se iniciaram. Como ponto de partida, o mediador estimulou o exercício da memória dos participantes, perguntando

sobre os dilemas respondidos nos questionários. Os participantes não se lembraram com clareza do teor dos questionários; apenas os 4 integrantes do grupo de extensão se lembravam do dilema do médico, sendo que, posteriormente, 3 desses revelariam que viveram situações semelhantes nas suas vidas.

Como o grupo não se lembrava com clareza, o mediador leu na íntegra o dilema do operário e, para fomentar a discussão, perguntou se alguém do grupo já havia passado por situação análoga. Um comentário interessante foi da participante M, que assim disse:

Eu já passei [por situação semelhante a esta]. Mas, mesmo assim, eu não acredito que se deva encobrir um erro com o outro. Começando que não me sinto digna de fazer parte de uma sociedade assim, de uma empresa assim, que trabalha com esse tipo de ética, que é contrária daquilo que eu penso. Então, é melhor estar fora que estar dentro.

Sua fala traz indícios de uma justificativa ética principialista, não negociando valores que considera absolutos, mesmo que isso lhe traga prejuízos (KIDDER, 2007).

Ao longo da discussão do grupo, outros integrantes também demonstraram justificativas éticas principialistas. Por exemplo, P, ao se colocar contra a tortura no dilema do juiz: “Eu não torturaria, porque eu acho realmente isso incorreto. Mesmo com o efeito daquilo ali, pelo meu princípio de que aquilo ali é totalmente inaceitável”.

O participante F também demonstrou tal inclinação, ao compartilhar sobre situações que viveu em ambiente de trabalho:

Eu trabalhava em uma consultoria que todos estavam sempre muito bem vestidos, social, e o Rio de Janeiro 45 graus no verão. Eu entrei no escritório de chinelo e calça jeans, depois, fui tomar um banho e troquei de roupa, tomei esporro na primeira, na segunda e terceira vez. Disse: “Isso não é para mim, vou embora”. Eu nunca deixei o meio influenciar no que eu era; eu sou o que sou. E por isso falo assim, eu não consigo ser uma pessoa para cada situação [...] Dentro da igreja eu sou a mesma pessoa que no trabalho, que no futebol e assim vai”.

Dentre o grupo, M, P e F são aqueles que trazem mais claramente indícios principialistas em suas falas, por vezes utilizando os elementos presentes no imperativo categórico da deontologia de Kant (1974).

Todavia, os mesmos sujeitos com evidências de preferência por justificativas éticas principialistas demonstraram, ao longo do debate, serem abertos a ouvirem opiniões alheias ao seu posicionamento, corroborando seu bom desempenho na competência moral mensurada na etapa quantitativa anterior, ou mesmo seu interesse no tema – critérios utilizados para convite de participação no grupo focal.

Um outro ponto interessante é o mix de justificativas éticas dadas para as diferentes situações. Um exemplo é dado por N, empreendedor da construção civil e funcionário público, o qual relata uma situação do seu dia a dia de trabalho em que, para fazer uma ligação de luz legal no município, há “uma burocracia terrível”; então, um caminho seria ligar “a luz no poste da CELESC sem o relógio medidor, porque a burocracia não deixava ele trabalhar [mestre de obras]”, porém, diante da situação, N traz a seguinte colocação com tom principialista: “Um erro não justifica o outro [...] mesmo que seja difícil, mas não vai justificar o cara roubar a luz” e, ao mesmo tempo, finaliza afirmando: “se não, depois, vamos ter problemas”. Como visto na fundamentação teórica, no principialismo o ato é bom ou mau devido à sua observância de preceitos morais, enquanto no consequencialismo o julgamento se dá pelas consequências desse ato. Nessa fala de N, sua justificativa inicia num tom principialista, porém termina revelando que irá fazê-lo também para não ter problemas, justificativa aderente à perspectiva consequencialista.

O mesmo se dá em dois momentos distintos com o participante P. Primeiramente, quando ele discute o dilema do médico e desenvolve uma argumentação com indícios pós-convencionais (KOHLBERG, 1981; 1984), dado que ele “ultrapassaria todos esses limites, os limites da lei, para poder atender aquela pessoa que sofre”, pois isso “seria mais uma questão de humanidade”. O princípio compreendido como “questão de humanidade” busca evitar o sofrimento, um elemento tipicamente consequencialista.

O segundo exemplo de P ocorre quando ele apresenta um dilema vivido em contexto amplo, entre sua orientação sexual e sua crença religiosa:

Também para colocar uma outra situação minha, eu sou católico; as pessoas conhecem como funciona a igreja católica, tem várias restrições em relação a muitas coisas. Eu sou de uma família católica, cresci dentro da igreja, fazendo curso, fazendo várias coisas, e eu sou homossexual. Então, chegou um momento que toda a minha criação católica... teve uma fase que eu falei: “Gente, olha...”. A igreja, em vários momentos, e as pessoas que participam da igreja falam que isso é errado, e que de alguma forma eu tenho que me corrigir para uma certa sexualidade que se diz correta. Então, eu tive uma escolha a fazer, tinham três opções, a que seria a mais fácil, que muitos amigos meus que cresceram em uma religião católica – minha cidade é muito católica, muito cristã, na verdade – a escolha mais fácil é largar a religião. A segunda opção seria você realmente se esforçar para poder mascarar a sua sexualidade, viver uma suposta heterossexualidade, heteronormatividade. E uma terceira opção, que foi a opção que eu escolhi, foi tentar na própria religião a resposta. Então, me aprofundi dentro dos estudos religiosos católicos, cristãos... e eu consegui achar a resposta. Eu fui em várias vertentes, eu me aprofundi e vi dentro da própria teologia pontos dentro do cristianismo que você conseguia ver, até por

erro de tradução... Você vê isso no Levítico (livro) e na carta de Paulo aos Tessalonicenses, que a gente tem o ponto que não permite a você deitar-se com um homem como se fosse mulher. Então, na verdade, o problema não é a relação homossexual em si, mas você se colocar na posição da mulher, então é você se “rebaixar”. Então, na verdade, a interpretação em cima que eu busquei, na verdade não era um problema em si com a homossexualidade, na visão de Paulo (o problema) é se colocar na posição da mulher, e na época de Paulo, a mulher era inferior; na verdade, ela era propriedade do homem. Historicamente, então, você deve olhar a palavra. Eu também tenho a visão de que a bíblia não é a palavra de Deus, mas a bíblia contém a palavra de Deus. Ela está criptografada ali, então você tem que aprofundar

Aqui, P deixa claro a influência da religião em sua criação, em sua escolha de fé e na cultura de sua família e cidade. Ao se ver em um dilema entre sua orientação sexual e o princípio religioso da heterossexualidade, buscou dentro das próprias escrituras resolver esse dilema, encontrando uma interpretação que lhe pareceu cabível.

Aprofundando a questão, as justificativas éticas podem ser apreciadas sob o olhar dos estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg (1981 e 1984), divididos em pré-convencional, convencional e pós-convencional. O primeiro nível diz respeito a uma moralidade externa, imposta, envolvendo punição ou hedonismo instrumental nas relações. Já o segundo o indivíduo reconhece que participa de um grupo maior, internaliza normas e zela por elas. Por fim, caracteriza o terceiro nível a capacidade individual de abstração das normas, a fim de observar se essas fazem sentido e quais são os caminhos possíveis. Esse último estágio é marcado por fundamentos universais (CARVALHO, 2003).

Independentemente de controvérsias da validade da interpretação de P, essa atitude tem indícios do estágio pós-convencional, pois questiona o *status quo* e busca observar para além da primeira camada. O participante P coloca que suas outras duas opções seriam sair da igreja ou mascarar sua sexualidade, ambas com teor do estágio convencional, que preza pela aceitação do grupo e zela pelas normas.

Como visto nos exemplos, as filosofias éticas presentes nas falas por vezes não se dão de forma pura; elas ocorrem como complementações das argumentações no trânsito entre essas, principalmente entre o principialismo e consequencialismo. Esse *mix* pode ter relação com o desenvolvimento da competência moral dos empreendedores em formação, os quais reconhecem a validade argumentativa de diferentes estágios morais e de justificativas éticas distintas.

Mais à frente na discussão, foi levantado outro exemplo relacionado ao mundo do trabalho. P retoma a discussão de seu dilema dizendo que “seria mais fácil (no trabalho), se eu mascarasse minha sexualidade. Mas eu entendo que minha essência é o que eu sou”. Pode-se interpretar nas entrelinhas que ir contra uma expectativa social não lhe parece fácil, porém, maior é a dor de não seguir seu princípio, ou seja, a minimização da dor é um elemento que faz parte da decisão, assim como o princípio, observando mais uma vez esse *mix* de justificativas éticas.

Outro momento que chamou a atenção foi a discussão do dilema do médico, em que M partilhou que viveu situação análoga:

Eu queria muito um filho. Era a terceira vez que estava grávida, já tinha tido abortos outras duas vezes. Eu estava com quase 8 meses e eu tive que optar, ou melhor, me disseram: “Quer fazer o aborto, ou quer esperar nascer?”. Só que o meu filho tinha síndrome de Edward. Para quem não sabe, é uma anomalia no cromossomo 17, ou seja, quanto mais baixa for a anomalia do cromossomo, mais incompatível com a vida é. E ali eu tive que optar, ou ter uma criança com... No meu caso, com problema no cérebro, não tinha fechado o céu da boca, tinha problema nos rins, tinha os dois pés e as duas mãos tortas... Eu optei por fazer o aborto. Porque o telefonema que recebi com o diagnóstico foi: “Seu filho é incompatível com a vida”. Quer dizer, estava com quase 8 meses, eu iria esperar mais mês e meio naquele sofrimento meu, dele, de toda a família, todos da família... e eu sou contra o aborto. E aí? [...] Então, mais ou menos como tem no dilema do médico, eu tive esse mesmo dilema. De ter que tomar uma decisão que é completamente contrária daquilo que eu pensava, penso. [...] Mas, no momento que nasce, é uma outra situação. Porque aí tem que registrar, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo outro. Você tem que fazer o funeral, enfim... Eu acho que é muito mais dolorido sobre isso, o sofrimento é muito maior, era uma coisa que eu não estava aguentando.

A experiência de M evidencia claramente um dilema entre seu princípio moral, “Sou contra o aborto”, entrando em conflito com um dilema prático, “Seu filho é incompatível com a vida”. Sua fala explicita sua opção pelo sofrimento menor – elemento da filosofia consequencialista – tanto seu, quanto de seu filho e de toda a sua família. A questão também toma forma de um dilema prático religioso, quando o princípio religioso da exclusividade divina do poder de dar e retirar a vida conflita com a situação prática de lidar com as consequências de levar ao fim o mesmo princípio (GRAAFLAND et al, 2006).

Ao discutir a questão, F traz um questionamento que apresenta uma outra perspectiva para o dilema compartilhado. Para F, as pessoas nessas situações buscam compreender o divino, no entanto, é o divino quem nos compreende, nos suporta em momentos extremos, em decisões difíceis, propondo um inversão de perspectiva. M concorda e diz “*porque a gente, numa situação dessa, vem força que*

“você não sabe de onde”. A participante C concorda e complementa *“Você só tem (essa força) no dia que você precisa. Você sabe, ali [...], vem força que a gente não (tem)”*. A fala de F sobre o suporte divino toma forma nessa última citação de C, em que um princípio metafísico sustenta o tangível, infundindo as virtudes necessárias, nesse caso, a virtude da fortaleza.

No contexto da formação empreendedora, situação semelhante é encontrada nos estudos de Serafim e Feuerschuttte (2015), cujos resultados indicam que os empreendedores preenchem os espaços de incerteza gerados pelas circunstâncias do mercado por meio da busca pelo “transcendente”, o que lhes oferece a segurança subjetiva necessária para a ação.

Na continuidade do debate, M coloca que *“as pessoas que passam por determinados problemas ou é porque elas têm que aprender, ou porque elas têm que ensinar”*, e todos do grupo concordam com sua colocação. Essa justificativa ética não se dá em relação ao ato em si, mas sim ao motivo pelo qual a situação veio a acontecer – nesse caso, para aprimorar a pessoa, a fim de que ela também possa ensinar. Esses são atributos relacionados à ética das virtudes (REALE, 2012)

Durante a discussão, o desenvolvimento de virtudes foi relacionado à prática religiosa. F coloca da seguinte forma: *“Já se a gente não tem essa base hoje (educação), acho que sim, a religião tem um papel muito importante para te preparar para os dilemas, porque quando você tem um apego religioso [...] eu acho que você consegue criar uma fortaleza muito maior com o que você encontra na vida”*. Nessa colocação se entende que a religiosidade cria fortaleza, uma virtude relacionada ao enfrentamento dos dilemas da vida.

Ainda sobre a fala acima, o estudo de Bloodgood (2008) observa o comportamento ético dos estudantes em uma situação real. O exercício envolve possível benefício financeiro para o comportamento não-ético, observando a influência do ensino da ética, da religiosidade e da variável inteligência no experimento. No geral, os resultados indicam que estudantes que vão mais frequentemente à igreja tendem a trapacear menos do que aqueles que vão com menor frequência. O estudo traz como possível explicação que o desencorajamento a trapacear vem do treinamento religioso, da crença que isso é errado e que pode trazer consequências negativas. Já os estudantes que cursaram a disciplina de ética nos negócios em geral não apresentaram desempenho diferente daqueles que não

cursaram. Porém, algumas variáveis parecem exercer mais influência em uns do que em outros. Por exemplo, a inteligência, mensurada por suas notas na universidade, modera essa relação. Se um estudante inteligente cursa a disciplina de ética, há uma tendência de encontrar melhora de performance.

O estudo mencionado conversa com a fala de F, porém, ao revés. Para o participante do grupo focal, quando não há uma base educacional forte, então, a religiosidade tem um papel mais preponderante. Enquanto que, para o estudo de Bloodgood (2008), quando não há a componente religioso, aí é que a educação pode fazer a diferença, como evidenciado em estudantes com bom desempenho acadêmico. De toda forma, em ambos os posicionamentos, a religiosidade influi positivamente no enfrentamento dos dilemas morais.

O participante N concorda com a colocação de F sobre a virtude da fortaleza e complementa: *“O que ele falou da religião, eu acho que ela ajuda você a tolerar, você tolera mais. O exemplo que eu estava dando no meu trabalho, se eu não fosse um pouquinho religioso eu explodia e quebrava os caras na porrada”*. Nessa fala, a virtude da temperança é destacada e associada à religiosidade, influenciando diretamente no comportamento do participante no ambiente de trabalho. A fala remete, ainda, à filosofia das virtudes, segundo a qual é necessário, para atingir a felicidade, submeter os apetites da alma sensitiva – impulsos e desejos – por meio das virtudes éticas. As virtudes éticas derivam, em nós, do exercício contínuo de ações e comportamentos sistemáticos, os hábitos (REALE, 2012). Esses podem, conforme citado no exemplo, desenvolver a temperança.

Explorando essa questão, o mediador pergunta a todos se a espiritualidade e a religiosidade podem ou mesmo devem fazer parte do mundo do trabalho. O grupo responde em convergência que esses já fazem parte do mundo do trabalho, pois estão vinculados à essência das pessoas, dela sendo indissociáveis. O participante P vai além e levanta a seguinte inquietação:

*P: Eu também não gosto muito dessa questão de você ter uma espiritualidade menos ou mais desenvolvida, o que que é isso? Eu acho que depende da pessoa.
M: das experiências que você teve...*

P: Exatamente. Eu digo mais, que você tem uma espiritualidade menos ou mais influente nas suas decisões. Se na hora de um dilema desse, seja qual for, você vai pensar primeiro em quê? Você vai colocar muito dessa questão: “Olha, pela minha espiritualidade, é errado roubar, mesmo que eu tenha que alimentar tal pessoa”, ou não, “é correto”, entendeu? Então depende muito. Eu acredito que a espiritualidade,

ela está mais ou menos influente nas suas decisões, e eu acho que é isso o real significado da coisa.

Essa perspectiva é geradora de *insights* para a pesquisa. Ao questionar uma espiritualidade menos ou mais desenvolvida, P traz a visão de que a ótica mais adequada para se enxergar a situação é, na verdade, a da centralidade da espiritualidade. Essa centralidade pode proporcionar fortaleza em situações extremas, acessando virtudes, como visto nas falas de M e C. Essa centralidade pode ser alicerce para levar os princípios às últimas consequências – mesmo que isso cause prejuízos ao próprio sujeito, como F expõe – ou mesmo para fortalecer hábitos que exercitam a temperança que as relações interpessoais podem exigir, conforme N coloca. Outros adjetivos empregados pelos demais participantes que aproximam a prática religiosa ao desenvolvimento de virtudes são “*âncora*”, “*equilíbrio*” e “*harmônico*”.

Se, por um lado, há colocações que evidenciam a religiosidade como moderadora de apetites, levando ao respeito e a uma convivência mais harmoniosa, há também falas que evidenciam o caráter restritivo, normativo e dogmático. Por exemplo, para M “*a religião é uma coisa que diz ‘faz assim’ e ‘faça assado’, ‘isso é pecado’ e ‘aquilo não é pecado’*”; nessa linha, N concorda e diz que “*senti que era um cabresto (religião)*”, e o participante H observa que a religião pode ser “*castradora*”. Ao analisar essas duas perspectivas distintas da religiosidade e a competência moral, percebe-se que aquela que favorece as virtudes pode fornecer ferramenta importante para analisar dilemas de diferentes pontos de vista, estimulando a capacidade reflexiva e o desenvolvimento da competência moral. Por outro lado, a religiosidade dogmática tende a buscar prescrições e respostas prontas, o que não favorece a capacidade reflexiva e compromete o desenvolvimento da competência moral.

Ainda nessa questão, por vezes durante o debate surgiram diferentes pontos de vista sobre o conceito de espiritualidade e religiosidade. Para M, a religião tem caráter restritivo e “*a espiritualidade te dá uma abrangência muito maior*”. M ainda critica o fato de que a religião envolve questões políticas; porém, ela não desenvolve esse argumento.

Então, no início da segunda hora de debate, F aborda diretamente a questão da diferença entre espiritualidade e religião. Apesar de a discussão estar acalorada, os participantes constroem um entendimento juntos e chegam ao consenso de que

“*espiritualidade é uma coisa, e religião é outra*”. Eles compreendem que a espiritualidade é “*individual*” e está alicerçada “*na experiência*”, enquanto a religião é uma “*convivência*” norteadora, que ensina “*valores éticos e morais*”. O consenso também sugere que uma influencia diretamente a outra, conforme P coloca: “*se sua espiritualidade bebe das suas influências, das suas experiências também, a religião, se você participou de alguma, é uma experiência sua [...] Ou você vai olhar e perceber que aquilo (religião) realmente é um espelho para mim, ou chega um ponto que você vai negar*”. Essa discussão vai ao encontro de Vitell (2009), que compreende que espiritualidade e religiosidade, embora distintas, se sobrepõem e têm forte conexão.

Por vezes, o debate foi tomado por argumentos relativistas. Por exemplo, na discussão do dilema do juiz, H assim diz: “*O que que é certo e o que que é errado? [...] O que você considera uma tortura? Se você embriaga uma pessoa intencionalmente e, com isso, ela perde a capacidade de controle e ela fala, isso é uma tortura ou não é uma tortura?*”. Outro participante também coloca dessa forma no exemplo: “*Você pega aí um fazendeiro que enche a lavoura de veneno e depois vende. E aquele lá que você vai lá na feirinha, paga mais caro porque esse aqui é o orgânico, mas ele comprou na Ceasa! [...] É ético? É moral? É errado? É certo? Para quem?*”. Diante de tais colocações, surge o seguinte diálogo que dissolve essas questões por meio do principialismo: “*F: Você faria isso? M: Eu não! F: Então é errado. M: Para mim é errado. F: Se você considera errado para ti, é porque seria errado em um todo*”.

Então, são suscitadas discussões sobre fatores de influência no desenvolvimento da competência moral. Quando o mediador questiona quais são as fontes que os participantes buscam para referenciar suas escolhas, P responde da seguinte maneira: “*Minha religião, que eu sigo, minha família, em meu repertório, também em questões acadêmicas e estudos*”. Temos evidentes aí os fatores da religiosidade, educação e estudos. Esses elementos são percebidos durante toda a pesquisa. Notadamente P, da amostra do grupo da graduação, foi um aluno que absorveu os conteúdos da disciplina de ética cursada no semestre anterior ao grupo focal, como visto na seguinte citação, que expõe características de diferentes estágios de desenvolvimento moral:

Lembra um pouco da disciplina de ética que a gente teve, [...] como você pode justificar alguma ação sua: “Eu vou fazer isso porque eu posso ser punido”, que

é uma justificativa, um pouco, que as crianças têm. Então “não vou colocar a mão nisso aqui, se não minha mãe vai me bater”. Aí você tem aquela questão de que “não vou fazer isso porque a lei não me permite”, né? Que é um pouco mais além, e também “eu não vou fazer isso porque eu me importo com você, sei que você é uma pessoa que tem seus direitos, e eu não vou fazer isso, então eu não vou fazer isso porque tenho essa consciência, independente de lei ou de qualquer coisa”.

Quando os participantes foram questionados sobre a possibilidade de uma educação que prepare para enfrentar os dilemas, todos concordaram que é possível, porém não veem que o caminho traçado pelo ensino formal e a educação familiar tem surtido um resultado positivo na sociedade. P traz o seguinte exemplo:

Foi até um momento de uma professora que eu tive na graduação, que tive aula com ela no início e depois encontrei ela depois de vários semestres, ela falou assim: “P, uma pergunta para você, só para você mesmo: o que você acha que aconteceu com os alunos? Porque eu estou percebendo que eles tinham uma cabeça muito mais aberta quando começaram na graduação do que agora, no final; vejo eles muito mais contidos, as ideias muito mais resumidas e bitoladas, do que quando entraram na graduação”. Eu falei, “Professora, é assim mesmo”, porque você entra – para mim a universidade não é um espaço que cumpre seu papel – e ao invés de você abrir a mente da pessoa, e de ali ela por si só pensar, claro, com base em tudo aquilo que tem, criar o seu próprio pensamento, ela é reprimida se não pensa da forma que os professores pensam. Então, eu acho que, dessa forma, que a educação hoje está, desde a base até o final, com professores impondo coisas na sala de aula, para todos os lados, para todas as ideologias e todas as formas de pensar – não estou dizendo que isso é um problema de metodologia, mas do próprio sistema em si – não dá para você fazer uma pessoa pensar melhor os dilemas morais ou ter talvez uma base maior, ou um repertório mais amplo para você conseguir tomar decisões diferentes na maioria. É isso que eu penso.

Para P, o sistema de educação que temos é “feito para punir as pessoas que erram” e que a pessoa “é reprimida se não pensa da forma que os professores pensam”, trechos que evidenciam estímulos para levar ao estágio pré-convencional e convencional, respectivamente. Porém, o que se almeja é “com base em tudo aquilo que tem (estudo), criar o seu próprio pensamento”, “fazê-las pensar por si só”, desenvolvendo características do estágio pós-convencional (BIAGGIO, 2002).

Há literatura que corrobora esse exemplo dado pelo participante. Estudos que se debruçam a compreender o desenvolvimento da competência moral em estudantes da área da saúde apontam que a educação de nível superior, ao invés de promover o desenvolvimento dessa competência, acaba por retrocedê-la (LANDIM et al, 2015; FEITOSA et al, 2013; HELKAMA, 2003; LIND, 2000). Percebe-se que os espaços de formação podem ser fontes de conhecimentos para o desenvolvimento da competência moral, como exemplificado na exposição de conteúdos aprendidos por

P, quanto podem contribuir para um retrocesso, como referenciados em estudos recentes sobre o tema.

Ao longo da discussão, D colocou poucas vezes sua opinião, mesmo que sempre estimulado pelo mediador. Especificamente nessa discussão, D concordou que o ensino e a religião são bases para a tomada de decisão. O participante H também concorda e entende que a educação é condição para a religiosidade saudável: *“Você precisa de educação, porque sem ela você não consegue ter uma religiosidade correta, se você não souber ler e interpretar as coisas. Então, é fundamental que haja uma educação”*. Já M vê que há uma educação que favorece a competência moral e outra que a deturpa, e uma se diferencia da outra através da capacidade reflexiva, conforme vai ficando claro ao longo desse estudo.

Outro fator de influência que perpassa todo o texto é a experiência de vida, as transformações do pensamento com os anos de vida e o enfrentamento de diferentes dilemas. Quando questionados diretamente sobre isso, N, M e H, todos do grupo de extensão, afirmam que suas capacidades de julgamento moral foram aprimoradas com o tempo. Essa colocação é contraposta quando olhamos para a pontuação geral no questionário da competência moral – o grupo de extensão, do qual participam apenas pessoas acima de 45 anos, obteve a mediana mais baixa (4,87) em relação aos grupos da graduação (15,29), nos quais há predominância de participantes de até 25 anos, e em relação ao grupo ligado à instituição religiosa (6,33), em que a amostra é mais heterogênea no que diz respeito às faixas etárias. É necessário um estudo mais aprofundado para compreender esse paradoxo entre essas percepções individuais contidas no grupo focal e os dados gerais.

Fecha o exercício do grupo focal a pergunta de como melhor preparar o empreendedor para enfrentar os dilemas morais. D inicia e coloca sucintamente da seguinte forma: *“A espiritualidade, ela fala muito alto nesse momento, a questão da experiência também. Porque a espiritualidade vai gerar essa experiência. E uma educação é fundamental [...] é o mínimo que tem para poder fazer com que o profissional do futuro, ou profissional atual, consiga lidar com os problemas que a gente coloca em questão”*.

Para P, quanto mais liberdade, mais o profissional é apto a decidir e buscar diferentes referências para o desenvolvimento da competência moral. A questão da

liberdade é tão central na fala, que figura como um princípio: “o que vai influenciar mais nisso, de preparar ou não o empreendedor, ou o profissional para esses dilemas morais, eu acho que realmente é a liberdade”. É possível perceber uma inclinação pós-convencional em sua fala, conforme ele continua dizendo sobre a

liberdade desde o início de você fazer suas escolhas, de você não ter um chinelo atrás [...] que vai influenciar em muito sua decisão. Então, eu acho que, desde o início, quanto mais liberdade, mais maturidade você vai ter para fazer suas escolhas mais coerentes. Talvez a possibilidade de você buscar coisas diferentes, talvez de você discordar da sua religião, sem que sua mãe surte com você, ou você buscar outros caminhos, então são coisas assim, que quanto mais reprimido que aquilo fica, você vai ter um repertório menor para você escolher e fazer uma decisão moral em cima das coisas que acontecem na vida.

O princípio da liberdade é o caminho para o desenvolvimento do empreendedor e, conforme colocado por P, conversa com a ética das virtudes de Aristóteles, onde “o fim do homem é a felicidade temporal da vida em conformidade com a razão, e que a virtude é o caminho dessa felicidade, e esta implica, fundamentalmente, na liberdade” (SANTOS, 1959, p.122).

A partir da colocação de P, M pondera que “você só pode ter liberdade se você tiver educação. Essa educação só vai ter se você tiver determinados limites”. Sua resposta à questão é centrada na educação parental, que ensina limites. Ela exemplifica a ausência desses limites na educação com o caso trágico que viveu durante seu trabalho de pós-graduação: “nós fomos atender uma vila [...] e ela disse no centro social para um dos meninos dali que o som estava super alto, vai lá e ‘dá um jeito naquilo lá’, e ele foi lá e esfaqueou o outro. Por quê? Para ele, na liberdade dele, na ética dele, no código de conduta dele, dar um jeito... e foi lá. Depois o próprio que esfaqueou foi cuidar do esfaqueado, ia lá e dava remédio, cuidava e tudo mais. [...] Então, a liberdade você só vai ter para poder exercer se você tiver uma consciência”. P concorda com M, e vê que a liberdade de um termina onde começa a do próximo.

N responde à pergunta da preparação com um exemplo voltado à questão do “bom senso” e “equilíbrio”. O equilíbrio pode ser compreendido como justa medida, e o bom senso como a sensatez – ambos elementos da ética das virtudes. A sensatez (*phrónesis*) é uma virtude base para o desenvolvimento das demais virtudes. Ela operacionaliza nossa capacidade de deliberar e optar, de se fazer a boa escolha. É

uma capacidade prática que aponta meios capazes de atingir os fins verdadeiros, sem, contudo, determinar quais são esses fins (ABBA, 2008). Essa capacidade proporciona a compreensão entre extremos, encontrando uma justa medida de onde se localizam as virtudes (REALE, 2012). Nesse sentido, N enxerga que a prática religiosa pode desenvolver o bom senso, concordando com o que Hartman (1998) aponta em relação ao estímulo que a prática religiosa tem nas virtudes e desenvolvimento de hábitos que influenciam as preferências e escolhas dos agentes.

Quando F responde à questão da preparação do empreendedor, ele retoma a questão da educação e diz que a educação que te ensina a refletir é aquela que melhor desenvolve e prepara, “*sempre incitando o debate e reflexão [...] para entender um pouco mais daquilo que estava ao redor*”. Ele exemplifica com a mudança dos sistemas educacionais dos países escandinavos, que evidenciaram uma melhora substancial da educação, ao introduzir um modelo voltado ao livre conhecimento e reflexão. Podemos interpretar que é a educação que vai além do convencional e ensina a debater (pós-convencional); é o caminho que F compreende como interessante para a preparação do empreendedor. H concorda com F e vê que a educação multidisciplinar, integrada, é o melhor caminho para preparar o empreendedor. C também responde nessa linha, e termina o debate dando ênfase à educação e atualização profissional como caminho para melhor preparar para os dilemas.

Ao colher percepções e experiências individuais acerca do fenômeno de estudo nessa etapa qualitativa, além de enriquecer a discussão e propor possíveis caminhos de interpretação dos dados quantitativos, a hipótese de estudo de que a espiritualidade – com sua expressão na religiosidade – desenvolve virtudes, melhor preparando as pessoas para identificar e resolver dilemas morais, foi aceita. Contudo, conforme percebido na discussão, essa religiosidade deve ser pautada na busca de uma capacidade reflexiva do sujeito, contribuindo para o desenvolvimento de sua competência moral.

4.3 DISCUSSÃO

Recapitula-se, primeiramente, os principais pontos da discussão feita na etapa quantitativa. A partir das análises descritivas, tem-se que a amostra do estudo é equilibrada em sua distribuição entre os grupos de levantamento e na distribuição de gênero. Os respondentes são jovens e adultos, qualificados em termos de escolaridade, autodenominados cristãos, e se percebem com algum grau de religiosidade.

Em relação à competência moral dos grupos, o grupo vinculado à instituição religiosa e o grupo de extensão apresentaram escores baixos, enquanto o grupo da graduação apresentou um escore médio. O desempenho do grupo da graduação pode estar relacionado com a qualidade/quantidade dos anos de estudo, e o desempenho do grupo vinculado à instituição religiosa, com a influência da própria natureza da instituição (LIND, 2000; BATAGLIA, 2010; FERREIRA, 2016). Os escores baixos dos alunos da extensão podem estar relacionados à faixa etária mais madura do grupo, cujos integrantes por vezes se mostram pouco abertos a opiniões contrárias às suas. Por hora, não foram encontrados estudos que melhor explorem essa questão.

Em relação às orientações da motivação religiosa, o grupo vinculado à instituição eclesial tem preferência por afirmativas vinculadas a fatores substantivos, universalistas, altruístas e humanitários (VALLE, 1998), ou seja, de natureza intrínseca. Contudo, o seu baixo desempenho na competência moral coloca em cheque essa constatação, pois demonstra pouca capacidade de compreensão de argumentos contrários aos seus, uma característica forte da natureza intrínseca que é pouco presente no grupo, quando observado seu baixo c-score.

Ainda sobre as orientações da motivação religiosa, o grupo da graduação, composto por jovens em sua maioria, tem as notas mais baixas do experimento. Possivelmente, esse grupo é aquele que menos busca ou tem ciência sobre sua estrutura de crença, diferentemente do grupo de extensão, cujos integrantes, mais maduros em idade, tendem a ser mais cientes de sua motivação religiosa.

Conclui-se que os grupos são diferentes entre si, tanto em relação à competência moral quanto em relação às motivações de orientação religiosa. Também foi possível observar que, em todos os grupos, o fenômeno da segmentação

moral se manifesta nos dilemas do médico e do juiz. Esse fenômeno pode ser relacionado à interferência cultural do fator religioso (LIND, 2000; BATAGLIA, 2010; FERREIRA, 2016).

Ainda é possível compreender que há uma terceirização do julgamento moral, ou mesmo abstenção da reflexão, dado que a resposta socialmente aceita toma o lugar da reflexão dirigida nos dilemas que apresentam a segmentação moral. Nessa mesma linha, o endosso de afirmações intrínsecas por parte do grupo vinculado à instituição religiosa também pode se apresentar como a resposta socialmente aceita em seu contexto, ou seja, o sujeito responde o que é esperado em sua qualidade de membro. No caso dessa instituição, o discurso intrínseco é parte da doutrina.

Por fim, nos testes de correlação, a hipótese de trabalho de que há uma relação positiva entre a orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral é rejeitada. As relações significantes são sobretudo negativas, sendo mais fortes no grupo vinculado à instituição religiosa e em dilemas sensíveis ao fenômeno da segmentação moral.

A rejeição dessa hipótese é convergente e, ao mesmo tempo, destoa de outros estudos sobre o tema. Primeiramente, os participantes são coerentes quando corroboram a correlação negativa das orientações extrínsecas com a componente moral, e divergem à medida que encontram a mesma correlação negativa entre a orientação intrínseca e a componente moral. Nesse sentido, Singhapakdi et al. (2013) emprega análises regressivas entre as orientações da motivação religiosa e a intenção ética, encontrando que gestores com orientações intrínsecas elevadas tendem a ser mais éticos em suas intenções (beta de 0,161 para um p valor de 0,05), e gestores com orientações religiosas extrínsecas tendem a ser menos éticos em suas intenções (beta de -0,068 para um p valor de 0,05).

O que se acabou de afirmar alinha-se com Walker et al. (2011), que relacionam as orientações da motivação religiosa com respostas dadas a 29 cenários éticos hipotéticos, amplamente utilizados em pesquisas sobre o tema (CONROY; EMERSON, 2004; SERWINEK, 1992; PETERSON et al., 2001). Os autores encontram que a religiosidade intrínseca está negativamente relacionada ao endosso de situações éticas questionáveis (beta de -0,16 para um p valor de 0,05), enquanto a religiosidade extrínseca está positivamente relacionada ao endosso dessas mesmas situações (beta de 0,29 para um p valor de 0,01).

Em artigo recente, Chen e Tang (2013), utilizando o questionário Propensity to Engage in Unethical Behavior Scale (PUB) também encontram que a religiosidade intrínseca está negativamente relacionada com as intenções antiéticas; este seria o lado positivo da religiosidade, segundo os autores, enquanto a orientação extrínseca social e pessoal, positivamente relacionada com intenções antiéticas, seria o lado negativo da religiosidade.

Diante do exposto, cabe observar que essa parcialidade – que de um lado corrobora e de outro diverge de pesquisas correlatas – pode ter origem na diferente forma de mensurar o componente moral. Enquanto os estudos verificam a intenção (SINGHAPAKDI et al, 2013; WALKER et al, 2011; CHEN e TANG; 2013), a presente pesquisa utiliza uma mensuração distinta, a da competência moral, sendo, a princípio, inédita na correlação desta com a orientação da motivação religiosa.

Ao perceber a correlação negativa entre motivação intrínseca e competência moral, pode-se tomar alguns caminhos de discussão. Um deles é aquele da resposta socialmente aceita, a qual recobre como um verniz a verdadeira opinião daquele que responde. Em alguns ambientes eclesiais – como o do grupo amostral vinculado à instituição religiosa – a religiosidade intrínseca é uma doutrina vigente. A busca espiritual pautada nos benefícios sociais, de convivência, assim como nos benefícios pessoais, por exemplo, a busca de conforto e segurança, são desencorajados nesse grupo. O discurso proferido pela liderança é substantivo em sua essência, onde os fiéis são encorajados a pautar sua relação com o metafísico como objetivo central de vida – um fim em si mesmo – e não como um meio para alcançar algo para benefício próprio. Sendo assim, as respostas de natureza intrínseca são aquelas socialmente esperadas nesse grupo.

Por outro lado, muitos fiéis não buscam uma espiritualidade pautada na reflexão, mas sim cartilhas prontas, confortáveis, sobre o que se deve ou não fazer. Essa demanda se mistura com o caráter dogmático que as instituições religiosas podem assumir, configurando uma dialética entre a vontade velada de abstenção da reflexão sobre questões complexas por parte dos membros e essa faceta prescritiva que as religiões podem assumir.

Entretanto, essa propensão parece pertinente para grande parte daqueles que têm uma busca espiritual pautada na religiosidade, mas não para todos. Da amostra do estudo, aqueles que obtiveram os c-scores mais altos dos grupos foram

convidados a participar do grupo focal, e nessa ocasião ficou evidente a sua capacidade de lidar com argumentos contrários aos seus, tanto em dilemas em contexto amplo, quanto em dilemas vividos no mundo do trabalho. Assim como no exemplo inspirado nos evangelhos contido na introdução deste trabalho, muitos buscam obter benefícios imediatos através da religiosidade, resolvendo questões que estão à flor da pele, mas poucos conseguem compreender a natureza mais sublime da busca espiritual e desenvolver virtudes. Dentre as características que diferenciam esses empreendedores em formação que desenvolvem virtudes, está a competência moral, expressa na sua capacidade de ouvir e compreender opiniões contrárias à sua, contemplar argumentos e exercitar a reflexão.

Além disso, no grupo focal como um todo, aqueles que justificavam seus argumentos com elementos da filosofia ética principialista foram dominantes no exercício, obtendo maior frequência de fala e centralidade de participação na discussão. Contudo, eram abertos a ouvir opiniões alheias aos seus posicionamentos e propensos ao debate, por exemplo, ao discordar de seus colegas num momento, e noutro propor consensos.

As filosofias morais, por vezes, se apresentaram complementado umas às outras, num mix de justificativas éticas. Percebeu-se que as argumentações transitavam principalmente entre o principialismo e consequencialismo. Conforme exposto, esse mix pode ter relação positiva com o desenvolvimento da competência moral dos empreendedores em formação, pois esses reconhecem a validade argumentativa de diferentes estágios morais ou de justificativas éticas distintas.

A hipótese de estudo de que a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, desenvolve virtudes foi aceita de forma parcial ao longo do grupo focal. Foi evidenciado nas falas que, quando a espiritualidade é um elemento central na vida do empreendedor, ela se manifesta com as seguintes virtudes: fortaleza em situações extremas; alicerce para levar princípios às últimas consequências, mesmo que haja prejuízos; hábitos que exercitam a temperança; qualidades de equilíbrio e harmonia. Contudo, a religiosidade que busca respostas prontas para questões complexas, que tende a terceirizar opiniões e desestimular a capacidade reflexiva tem o efeito contrário – ela pode adormecer as faculdades da racionalidade, tão caras para a filosofia da ética das virtudes.

Acessar virtudes por meio da religiosidade é mais complexo do que à primeira vista pode imaginar. Pode-se dizer que, em geral, aqueles com maior capacidade de ouvir e compreender opiniões contrárias às suas conseguem desenvolver virtudes com mais facilidade. Essa conjunção entre a competência moral e uma religiosidade virtuosa também é mais evidente nos indivíduos que demonstram preferência por justificativas éticas principialistas. Esses têm mais claro quais são seus valores e princípios, e pouco estão dispostos a tomar caminhos mais fáceis na argumentação. Eles tendem a apresentar uma visão virtuosa da religiosidade, refletida e demonstrada através da qualidade de apreciar diferentes argumentos, muitas vezes contrários aos seus, e se exercitar com isso.

Se, por um lado, a hipótese vista na etapa quantitativa, de que há uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral, foi rejeitada de forma ampla, quando analisamos alguns casos individuais, na etapa qualitativa, foi possível perceber e aceitar de forma parcial a hipótese de que a espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, desenvolve virtudes, principalmente se esses empreendedores em formação apresentam um escore elevado de competência moral e tendem a justificar suas ações no âmbito da filosofia moral principialista.

5. CONCLUSÃO

O estudo teve como objetivo central compreender como a espiritualidade influencia a competência moral dos empreendedores. Com base nas orientações da motivação religiosa (ALLPORT; ROSS, 1967) e na teoria de desenvolvimento moral (KOHLBERG, 1981; 1984), foram mensurados esses constructos por questionários validados e utilizados em pesquisas correlatas (BATAGLIA, 2010; LINARES, 2012) com indivíduos participantes de espaços de formação empreendedora (FEUERSCHÜTTE; SERAFIM, 2015).

Os objetivos específicos foram alcançados na medida em que: a) as abordagens sobre ética, espiritualidade e religiosidade no mundo do trabalho foram estudadas num exercício bibliométrico, e as componentes de estudo – metafísica, moral e empreendedora – foram decupadas e utilizadas como literatura base; b) a busca de metodologias de coleta de dados relacionadas à competência moral, espiritualidade e religiosidade foi cumprida, resultando na escolha do método misto de pesquisa (CRESSWELL, 2015), em que as hipóteses foram testadas num desenho sequencial exploratório (CRESSWELL; PLANO CLARK, 2013).

Por fim, dos dois objetivos específicos vinculados à hipótese do trabalho, um foi rejeitado, enquanto outro foi aceito de forma parcial. A hipótese de que há uma relação positiva entre orientação da motivação religiosa intrínseca e os escores de competência moral foi rejeitada, e a hipótese de que espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, desenvolve virtudes foi aceita de forma parcial. Essas respostas responderam aos objetivos específicos de identificar a relação entre motivação da orientação religiosa com a competência moral dos empreendedores, cumprido na etapa quantitativa, e de compreender percepções e experiências individuais acerca do fenômeno, cumprido na etapa qualitativa.

A pergunta de pesquisa é respondida ao longo do estudo. A espiritualidade, com sua expressão na religiosidade, influencia positivamente a competência moral do empreendedor, quando essa é acompanhada de exercícios reflexivos e é central à vida do indivíduo, manifestando-se em virtudes como a fortaleza em situações extremas, como alicerce para levar princípios às últimas consequências, mesmo que

haja prejuízos, hábitos que exercitam a temperança e as qualidades de equilíbrio e harmonia.

Algumas limitações desse estudo são inerentes ao próprio fenômeno estudado. Tanto a moral quanto a espiritualidade são objetos de difícil acesso, complexos e imbricados de subjetividade, sendo necessária a constante busca da tangibilização dos conceitos em ações, estruturas de pensamento e exemplos. Mesmo assim, o que é possível perceber do fenômeno através dos métodos científicos empregados é apenas uma pequena centelha do todo que subjaz a questão. Dada essa complexidade, foi escolhido o caminho da interdisciplinariedade para acessar o fenômeno. Ao buscar conhecimentos oriundos da filosofia e da psicologia, esse trabalho perpassa de forma cuidadosa por essas disciplinas, procurando submergir nos conhecimentos de forma isolada, numa justa medida, para manter o fôlego e emergir novamente. O trabalho também contou com um número limitado elementos de amostra, além do viés de interpretação do autor.

Mesmo assim, acredita-se que este trabalho cumpre o que se propõe, uma vez que encontrou resultados que discutem com a literatura. Sendo assim, se sugerem novas incursões:

- Realizar estudos que relacionem as orientações da motivação religiosa (RMOs) com a competência moral (MCT), a fim de comparar e discutir resultados;
- Averiguar o possível viés da resposta socialmente aceita da orientação intrínseca em grupos vinculados à instituição religiosa;
- Desenvolver estudos de metodologia experimental que acessem outras facetas da competência moral.

É pertinente, ainda, lembrar que o que motivou essa pesquisa foi compreender a dimensão do transcendente na formação empreendedora. Percebeu-se que, para desenvolver virtudes por meio da prática espiritual, é necessária uma busca refletida e baseada em princípios. Caso contrário, a religiosidade pode se configurar num impedimento ao desenvolvimento da competência moral do empreendedor em formação. Muitos têm a religiosidade imbricada em suas vidas, mas é necessário tocá-la de maneira virtuosa para acessá-la em essência.

REFERÊNCIAS

- ABBÀ, G. **A filosofia moral como investigação sobre a melhor vida a se conduzir**. Exposição breve e completa sobre o enfoque ético no pensamento de Aristóteles e Tomás de Aquino. *AQUINATE*, n. 6, 2008. pp. 22-44.
- ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles V. **Como ler livros**: O guia clássico para a leitura inteligente. São Paulo: É Realizações, 2011.
- ALBAUM, G.; PETERSON, R. A. Ethical attitudes of future business leaders: Do they vary by gender and religiosity? **Business and Society**, v. 45, n. 3, p. 300-321, 2006.
- ALLPORT, Gordon W.; ROSS, J. Michael. Personal religious orientation and prejudice. **Journal of personality and social psychology**, v. 5, n. 4, 1967.
- AMES et AL. O Arcabouço Metodológico da Teoria do Desenvolvimento Moral de Lawrence Kohlberg em Pesquisas sobre a Racionalidade nas Organizações: uma Análise dos Resultados Obtidos com o Uso do Defining Issues Test-2. 2016. **Anais do EnANPAD 2016** - Costa do Sauípe, Salvador/BA, 2016.
- AMES, M. C. F. D. C. **Moral da história**: dilemas, incerteza e a racionalidade de empreendedores econômicos e sociais. 2015. 392 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Administração, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas – ESAG, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2015.
- ANGELIDIS, John; IBRAHIM, Nabil. An exploratory study of the impact of degree of religiousness upon an individual's corporate social responsiveness orientation. **Journal of Business Ethics**, v. 51, n. 2, p. 119-128, 2004.
- ANSCOMBE, Gertrude Elizabeth Margaret. Modern Moral Philosophy¹. **Philosophy**, v. 33, n. 124, p. 1-19, 1958.
- ARJOON, Surendra. Virtue theory as a dynamic theory of business. **Journal of Business Ethics**, v. 28, n. 2, p. 159-178, 2000.
- ASHMOS, Donde P.; DUCHON, Dennis. Spirituality at work: A conceptualization and measure. **Journal of management inquiry**, v. 9, n. 2, p. 134-145, 2000.
- BABBIE, Earl J.; BENAQUISTO, Lucia. **Fundamentals of social research**. Cengage Learning, 2009.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003
- BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Ed. da UFSC, 7 ed. Florianópolis, 2010.

BATAGLIA, P. U. R., SCHILLINGER, M., & LIND, G. (2006). **Moral segmentation in MJT studies**: Cultural influences. Paper presented at the meeting of the Association for Moral Education, Fribourg, Switzerland.

BATAGLIA, P., AGATI, M. M., TORRES, S. S., CRIVELARO, D. B. Z., OLIVEIRA, D. D., & QUEVEDO, T. L. (2002). **The development of moral competence and religious commitment in Brazil**. Paper presented at the meeting of the Association for Moral Education, Chicago

Bataglia, P., Schillinger-Agati, M., Torres, S. S., Crivelaro, D. B. Z., Oliveira, D. D., & Quevedo, T. L. (2002, November). **The development of moral competence and religious commitment in Brazil. Paper presented at the meeting of the Association for Moral Education**, Chicago.

BATAGLIA, Patricia Unger Raphael. A validação do Teste de Juízo Moral (MJT) para diferentes culturas: o caso brasileiro. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, n. 1, p. 83-91, 2010.

BATAGLIA, Patricia Unger Raphael; MORAIS, Alessandra de; LEPRE, Rita Melissa. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia (Natal)**, p. 25-32, 2010.

BAUMHART, Raymond. **How Ethics Are Businessmen?** Harvard Business Review, v.6, n. 39, 1961.

BEEKUN, R.; WESTERMAN, J. Spirituality and national culture as antecedents to ethical decision-making: a comparison between the United States and Norway. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n. 1, p. 33-44, 2012.

BIAGGIO, Angela M. Brasil. Um estudo intercultural sobre julgamento moral: comparação entre universitários norte-americanos e brasileiros na escala de julgamento moral de Kohlberg. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v. 27, n. 2, p. 71-81, 1975.

BIAGGIO, Angela MB; KOHLBERG - ÉTICA, Lawrence. **Educação moral**. São Paulo: Moderna, 2002.

BIBERMAN, Jerry; ALTMAN, Yochanan. Welcome to the new Journal of Management, Spirituality and Religion. **Journal of Management, Spirituality & Religion**, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2004.

BIRD, Frederick Bruce. **The muted conscience: Moral silence and the practice of ethics in business**. Greenwood Publishing Group, 1996.

BJARNASON, Dana. Concept analysis of religiosity. **Home Health Care Management & Practice**, v. 19, n. 5, p. 350-355, 2007.

BLOODGOOD, James M.; TURNLEY, William H.; MUDRACK, Peter. The influence of ethics instruction, religiosity, and intelligence on cheating behavior. **Journal of Business Ethics**, v. 82, n. 3, p. 557-571, 2008.

BOK, Derek C. Can ethics be taught?. **Change: The Magazine of Higher Learning**, v. 8, n. 9, p. 26-30, 1976.

BRAMMER, S.; WILLIAMS, G.; ZINKIN, J. Religion and Attitudes to Corporate Social Responsibility in a Large Cross-Country Sample. **Journal of Business Ethics**, v. 71, n. 3, p. 229-243, 2007.

BRASIL. **Ministério da Educação**. ENADE – Brasília: Junho, 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/conceito-enade>>. Acesso em: 09 out. 2016.

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão**. IBGE Censo 2010 – Brasília: Junho, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 09 out. 2016.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRIMHALL, Andrew S.; BUTLER, Mark H. Intrinsic vs. extrinsic religious motivation and the marital relationship. **The American Journal of Family Therapy**, v. 35, n. 3, p. 235-249, 2007.

BRYMAN, A. **Quantity and quality in social research**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

BRYMAN, A. The end of paradigm wars. In: ALASUUTARI, P.; BICKMAN, L; BRANNEN, J. (eds.). **The SAGE Handbook of social research methods**. London: Sage, 2008, p. 11 – 25.

BYRD, Kevin R.; HAGEMAN, Andrew; ISLE, Dawn Belle. Intrinsic motivation and subjective well-being: The unique contribution of intrinsic religious motivation. **The International Journal for the Psychology of Religion**, v. 17, n. 2, p. 141-156, 2007.

CALABRETTA, Giulia; DURISIN, Boris; OGLIENGO, Marco. Uncovering the intellectual structure of research in business ethics: a journey through the history, the classics, and the pillars of Journal of Business Ethics. **Journal of Business Ethics**, v. 104, n. 4, p. 499-524, 2011.

CARNEIRO, L. C.; SERAFIM, M. C. Uma Análise Bibliométrica da Relação entre Ética e Espiritualidade/Religiosidade nas Organizações. In: XL **Encontro da ANPAD, 2016, Costa do Saúipe, BA**. Anais do XL Encontro da ANPAD, 2016.

CARVALHO, F. **Pedagogia da cooperação**. São Paulo: UNASPRESS, 2003.

CASH, Karen C.; GRAY, George R. A framework for accommodating religion and spirituality in the workplace. **The Academy of Management Executive**, v. 14, n. 3, p. 124-133, 2000.

CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Paz e terra, 1999.

CAVANAGH, Gerald F.; BANDSUCH, Mark R. Virtue as a benchmark for spirituality in business. **Journal of Business Ethics**, v. 38, n. 1-2, p. 109-117, 2002.

CHEN, Y.-J.; TANG, T. The Bright and Dark Sides of Religiosity Among University Students: Do Gender, College Major, and Income Matter? **Journal of Business Ethics**, v. 115, n. 3, p. 531-553, 2013.

CLARK, James W.; DAWSON, Lyndon E. Personal religiousness and ethical judgements: An empirical analysis. **Journal of Business Ethics**, v. 15, n. 3, p. 359-372, 1996.

COLLINS, Denis. The quest to improve the human condition: The first 1 500 articles published in Journal of Business Ethics. **Journal of Business ethics**, v. 26, n. 1, p. 1-73, 2000.

CONROY, Stephen J.; EMERSON, Tisha LN. Business ethics and religion: Religiosity as a predictor of ethical awareness among students. **Journal of business ethics**, v. 50, n. 4, p. 383-396, 2004.

CORNER, Patricia Doyle. Workplace spirituality and business ethics: Insights from an eastern spiritual tradition. **Journal of Business Ethics**, v. 85, n. 3, p. 377-389, 2009.

COSTA, A. E. da. **Desenvolvimento moral nas organizações: um estudo na Associação de Alcoólicos Anônimos**. 2015. 335 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Administração, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas – ESAG, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2015.

CRESSWELL, J. W. **A concise introduction to mixed methods research**. Los Angeles: Sage, 2015.

CRESSWELL, J. W; PLANO CLARK, V. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2013.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Miguel Pina; REGO, Arménio. As virtudes nas organizações. **Análise Psicológica**, v. 33, n. 4, p. 349-359, 2015.

DAMASIO, Antonio R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Editora Companhia das Letras, 2004.

DIMAGGIO, Paul. Aspectos culturais da ação e da organização econômica. **PEIXOTO, J.; MARQUES, R. A nova sociologia econômica: uma antologia**. Oeiras: Celta Editora, p. 167-194, 2003.

DO ESTUDANTE, Guia. **As melhores universidades do país**. Editora Abril, 2016.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Managing in a time of great change**. Harvard Business Press, 2009.

DU, X. et al. Religion, the Nature of Ultimate Owner, and Corporate Philanthropic Giving: Evidence from China. **Journal of Business Ethics**, v. 123, n. 2, p. 235-256, Aug 2014.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão social do trabalho; As regras do método sociológico; As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”)

EMERSON, T. L. N.; MCKINNEY, J. A. Importance of Religious Beliefs to Ethical Attitudes in Business. **Journal of Religion & Business Ethics**, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2010.

EMLER, Nicholas; RENWICK, Stanley; MALONE, Bernadette. The relationship between moral reasoning and political orientation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 45, n. 5, p. 1073, 1983.

EMMONS, Robert A. **The psychology of ultimate concerns: Motivation and spirituality in personality**. Guilford Press, 1999.

ENDEAVOR, Brasil. **Índice de Cidades Empreendedoras**. 2014. Disponível em [http:// http://info.endeavor.org.br/ice2014](http://http://info.endeavor.org.br/ice2014)

FEITOSA, Helvécio Neves et al. Competência de juízo moral dos estudantes de medicina: um estudo piloto. **Revista Brasileira de Educação Médica**, p. 5-14, 2013.

FELIN, Teppo; ZENGER, Todd R.; TOMSIK, Joshua. The knowledge economy: Emerging organizational forms, missing microfoundations, and key considerations for managing human capital. **Human Resource Management**, v. 48, n. 4, p. 555-570, 2009.

FERNANDO, M.; CHOWDHURY, R. M. M. I. The relationship between spiritual well-being and ethical orientations in decision making: An empirical study with business executives in Australia. **Journal of Business Ethics**, v. 95, n. 2, p. 211-225, 2010.

FERRERO, Ignacio; SISON, Alejo José G. A quantitative analysis of authors, schools and themes in virtue ethics articles in business ethics and management journals (1980–2011). **Business Ethics: A European Review**, v. 23, n. 4, p. 375-400, 2014

FERSHT, Alan. The most influential journals: Impact Factor and Eigen factor. Proceedings of the **National Academy of Sciences of the United States of America**, v.106, n.17, p. 6883-6884, abr. 2009.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, Henrique et al. O método de pesquisa survey. **Revista de administração**, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

FRY, Louis W. Toward a theory of spiritual leadership. **The Leadership Quarterly**, v. 14, n. 6, p. 693-727, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIACALONE, Robert A.; JURKIEWICZ, Carole L. **Handbook of workplace spirituality and organizational performance**. Me Sharpe, 2003.

GORSUCH, Richard L.; MCPHERSON, Susan E. Intrinsic/extrinsic measurement: I/E-revised and single-item scales. **Journal for the Scientific study of Religion**, p. 348-354, 1989.

GRAAFLAND, J.; KAPTEIN, M.; SCHOUTEN, C. M. V. D. D. Business dilemmas and religious belief: An explorative study among dutch executives. **Journal of Business Ethics**, v. 66, n. 1, p. 53-70, 2006.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. Ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GRIESSE, M. A. **Ética Empresarial e Responsabilidade Social Corporativa à Luz da Teoria de Julgamento Moral, de Lawrence Kohlberg**. Impulso, Piracicaba, 14(35): 33-48, 2003.

GUNDOLF, Katherine; FILSER, Matthias. Management research and religion: A citation analysis. **Journal of Business Ethics**, v. 112, n. 1, p. 177-185, 2013.

HARTMAN, Edwin M. The role of character in business ethics. **Business Ethics Quarterly**, v. 8, n. 03, p. 547-559, 1998.

HELKAMA, K. et al. Moral Reasoning and Values in Medical School: A longitudinal study in Finland. **Scandinavian Journal of Educational Research**, v. 47, n. 4, p. 399-411, 2003

HENRIQUE, Daniel Christian; DA CUNHA, Sieglinde Kindl. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, 2008.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, C.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2006.

HILL, Peter C.; HOOD, Ralph W. (Ed.). **Measures of religiosity**. Religious Education Press, 1999.

HOOD JR, Ralph W.; HILL, Peter C.; SPILKA, Bernard. **The psychology of religion: An empirical approach**. Guilford Press, 2009.

IBRAHIM, N. A.; HOWARD, D. P.; ANGELIDIS, J. P. The relationship between religiousness and corporate social responsibility orientation: Are there differences between business managers and students? **Journal of Business Ethics**, v. 78, n. 1-2, p. 165-174, 2008.

ISSA, T.; PICK, D. An interpretive mixed-methods analysis of ethics, spirituality and aesthetics in the Australian services sector. **Business Ethics: A European Review**, v. 20, n. 1, p. 45-58, 2011.

JAMES, William. **The varieties of religious experience**. Harvard University Press, 1985.

JEREZ, L. M. R. **A religiosidade como metamorfose em busca da plenitude: um estudo sobre o processo de construção da identidade de noviços franciscano,**

1995. 159 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura e outros textos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, p. 9-98, 1974.

KELLER, A. C.; SMITH, K. T.; SMITH, L. M. Do gender, educational level, religiosity, and work experience affect the ethical decision-making of U.S. accountants? **Critical Perspectives on Accounting**, v. 18, n. 3, p. 299-314, 2007.

KIDDER, R. M. **Como tomar decisões difíceis**: muitas vezes na vida você precisa escolher entre o certo e o certo. Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Gente, 2007.

KIM, Jaegwon. **Events as property exemplifications**. In: Action theory. Springer Netherlands, 1976. p. 159-177.

KING, S. M. Religion, Spirituality, and the Workplace: Challenges for Public Administration. **Public Administration Review**, v. 67, n. 1, p. 103-114, 2007.

KIRKPATRICK, Lee A. A psychometric analysis of the Allport-Ross and Feagin measures of intrinsic-extrinsic religious orientation. **Research in the social scientific study of religion**, v. 1, p. 1-31, 1989.

KIRKPATRICK, Lee A.; HOOD JR, Ralph W. Intrinsic-extrinsic religious orientation: The boon or bane of contemporary psychology of religion? **Journal for the scientific study of religion**, p. 442-462, 1990.

KISH-GEPHART, Jennifer J.; HARRISON, David A.; TREVIÑO, Linda Klebe. Bad apples, bad cases, and bad barrels: meta-analytic evidence about sources of unethical decisions at work. **Journal of applied Psychology**, v. 95, n. 1, p. 1, 2010.

KOHLBERG, Lawrence. Development of moral character and moral ideology. **Review of child development research**, v. 1, p. 381-431, 1964.

KOHLBERG, Lawrence. Essay on moral development. **The philosophy of moral development**, v. 1, 1981.

KOHLBERG, Lawrence. Essays on moral development: Vol. 2. **The psychology of moral development**: Moral stages, their nature and validity. 1984.

KOHLBERG, Lawrence. Psicologia del desarrollo moral: Trad Asun Zubiaur Zárate, Bilbao, Desclée de Brower, 1992. P. 52; 211.

KOLODINSKY, Robert W.; GIACALONE, Robert A.; JURKIEWICZ, Carole L. Workplace values and outcomes: Exploring personal, organizational, and interactive workplace spirituality. **Journal of Business Ethics**, v. 81, n. 2, p. 465-480, 2008.

KURPIS, L. V.; BEQIRI, M. S.; HELGESON, J. G. The effects of commitment to moral self-improvement and religiosity on ethics of business students. **Journal of Business Ethics**, v. 80, n. 3, p. 447-463, 2008.

LA BARBERA, Priscilla A.; GÜRHAN, Zeynep. The role of materialism, religiosity, and demographics in subjective well - being. **Psychology & Marketing**, v. 14, n. 1, p. 71-97, 1997.

LANDIM, Tiago Policarpo et al. Competence of Moral Judgment among Dentistry Students. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 1, p. 41-49, 2015.

LECLERC. In: TORRES, J. C. B. (org.). **Manual de ética**: questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis: Vozes; Caxias do Sul: EducS; Rio de Janeiro: BNDES, 2014. Cap. 1.

LI, N. Religion, opportunism, and international market entry via non-equity alliances or joint ventures. **Journal of Business Ethics**, v. 80, n. 4, p. 771-789, 2008.

LINARES, R. (2012). **O Envolvimento Religioso e a Sintomatologia Depressiva em Imigrantes Brasileiros**. Dissertação de candidatura ao grau de doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia Clínica. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

LIND, Georg. Moral regression in medical students and their learning environment. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 24, n. 3, p. 24-33, 2000.

LIND, Georg. O significado e medida da competência moral revisitada: um modelo do duplo aspecto da competência moral. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 13, n. 3, p. 399-416, 2000.

LIND, Georg. Off limits. A cross-cultural study on possible causes of segmentation of moral judgment competence. In: **Annual scientific meeting of the American Educational Research Association**. 2000. p. 24-28.

LONGENECKER, Justin G.; MCKINNEY, Joseph A.; MOORE, Carlos W. Religious intensity, evangelical Christianity, and business ethics: An empirical study. **Journal of business ethics**, v. 55, n. 4, p. 371-384, 2004.

LÓPEZ-RUIZ, O. J. **O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. Campinas, 2004. 375 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

LOUCHE, C.; ARENAS, D.; CRANENBURGH, K. From Preaching to Investing: Attitudes of Religious Organizations Towards Responsible Investment. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n. 3, p. 301-320, 2012.

MALTBY, J., Lewis, C. A., & Day, L. (1999). Religious orientation and psychological well-being: The role of the frequency of personal prayer. **British Journal of Health Psychology**, 4, 363–378

MARÔCO, João. **Análise estatística com o SPSS Statistics**. ReportNumber, Lda, 2011.

MARTES, Ana Cristina Braga; RODRIGUEZ, Carlos L. Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 117-140, 2004.

MARTINELLI, Dante P.; JOYAL, André. **Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas: experiências brasileiras e canadenses**. São Paulo: Manole, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2003.

MCCRACKEN, Janet; SHAW, Bill. Virtue ethics and contractarianism: Towards a reconciliation. **Business Ethics Quarterly**, v. 5, n. 02, p. 297-312, 1995.

MCDANIEL, Stephen W.; BURNETT, John J. Consumer religiosity and retail store evaluative criteria. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 18, n. 2, p. 101-112, 1990.

MEADOW, Mary Jo; KAHOE, Richard D. **Psychology of religion: Religion in individual lives**. Harpercollins College Div, 1984.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE, 1994.

MILL S. John. **Utilitarismo** (1861). Trad. Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MITROFF, Ian; DENTON, Elizabeth A. **A spiritual audit of corporate America: A hard look at spirituality, religion, and values in the workplace**. Jossey-Bass, 1999.

MOORE, George Edward; BALDWIN, Thomas. **Principia ethica**. Cambridge University Press, 1993.

MORENO, C. Moral education in higher education and the transformation of a concern: a historical account. In: **annual meeting of the Association for Moral Education, Cambridge, MA**. 2005.

MORGAN, D.; SCANNELL, G. Why should you use focus groups. **The Focus Group Guidebook**, p. 9-16, 1998.

MULGAN, T. **Utilitarismo**. Petrópolis: Vozes, 2012. Caps. 1 e 2.

NASH, Laura L.; MCLENNAN, Scotty; BLANCHARD, Kenneth H. **Church on Sunday, work on Monday: The challenge of fusing Christian values with business life**. San Francisco: Jossey-Bass, 2001.

NORMANDO, David; TJÄDERHANE, Leo; QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. A escolha do teste estatístico – um tutorial em forma de apresentação em PowerPoint. **Dental Press J. Orthod**, v. 15, n. 1, p. 101-106, 2010.

PANZINI, Raquel G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de psiquiatria clínica**. São Paulo. Vol. 34, supl1 (2007), p. 105-115., 2007.

PARBOTEEAH, K. Praveen; HOEGL, Martin; CULLEN, John B. Ethics and religion: An empirical test of a multidimensional model. **Journal of business ethics**, v. 80, n. 2, p. 387-398, 2008.

PARIZOT, I. A pesquisa por questionário. In: PAUGAM, S. (coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 85 – 101.

PEIFER, J. L. Morality in the financial market? A look at religiously affiliated mutual funds in the USA. **Socio-Economic Review**, v. 9, n. 2, p. 235-259, 2011.

PERES, Julio Fernando Pietro; SIMÃO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 1, p. 136-145, 2007.

PETERS, Tom; WATERMAN, Robert H. **In Search of Excellence**. New York: Warner Books, 1982.

PETERSON, R. et al. Effects of Nationality, Gender, and Religiosity on Business-Related Ethicality. **Journal of Business Ethics**, v. 96, n. 4, p. 573-587. 2010.

PHIPPS, K. Spirituality and Strategic Leadership: The Influence of Spiritual Beliefs on Strategic Decision Making. **Journal of Business Ethics**, v. 106, n. 2, p. 177-189, 2012.

PILKINGTON, Alan; MEREDITH, Jack. The evolution of the intellectual structure of operations management – 1980-2006: A citation/co-citation analysis. **Journal of Operations Management**, v. 27, n. 3, p. 185-202, 2009.

POOLE, Eve. Organisational spirituality: A literature review. **Journal of Business Ethics**, v. 84, n. 4, p. 577-588, 2009.

POWELL, Richard A.; SINGLE, Helen M. Focus groups. **International journal for quality in health care**, v. 8, n. 5, p. 499-504, 1996

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1989.

RASHID, M.; IBRAHIM, S. The Effect of Culture and Religiosity on Business Ethics: A Cross-cultural Comparison. **Journal of Business Ethics**, v. 82, n. 4, p. 907-917, 2008.

REALE, G. **Introdução a Aristóteles**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Cap. IV e V.

REGO, Arménio; PINHA E CUNHA, Miguel; SOUTO, Solange. Espiritualidade nas organizações e comprometimento organizacional. **RAE (eletrônica)**, v. 6, n. 2, 2007.

REST, James R. et al. DIT2: Devising and testing a revised instrument of moral judgment. **Journal of educational psychology**, v. 91, n. 4, p. 644, 1999.

ROBIN, Donald P.; REIDENBACH, R. Eric. Social responsibility, ethics, and marketing strategy: closing the gap between concept and application. **The Journal of Marketing**, v. 51, n. 1, p. 44-58, 1987.

ROTH, Louise Marie; KROLL, Jeffrey C. Risky business: Assessing risk preference explanations for gender differences in religiosity. **American Sociological Review**, v. 72, n. 2, p. 205-220, 2007.

ROZUEL, C.; KAKABADSE, N. Ethics, spirituality and self: managerial perspective and leadership implications. **Business Ethics: A European Review**, v. 19, n. 4, p. 423-436, 2010.

SANTOS, M. F. **Sociologia fundamental e ética fundamental**. Logos: São Paulo, 1959. pp. 121-177.

SCHNEEWIND. GUYER, P. (org.). **Kant**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009. Cap. 11.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Fundo de Cultura, 1961.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1990.

SERAFIM, M. C.; ANDION, C. Capital espiritual e as relações econômicas: empreendedorismo em organizações religiosas. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. 8, p. 564-579, 2010.

SERAFIM, M. C.; FEUERSCHUTTE, S. G. Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao 'espírito empreendedor'. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. 13, p. 165-182, 2015.

SERAFIM, M. C.; MARTES, A. C. B.; RODRIGUEZ, C. L. "Segurando na mão de Deus": organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo. **RAE (Impresso)**, v. 52, p. 217-231, 2012

SERAFIM, M. C.; ZAPPELLINI, M.; SANTOS, L. S.; CARNEIRO, L. C.; AMES, M. C. F. D. C. Na prática a ética é outra: Compreendendo os dilemas morais vivenciados na gestão pública. Relatório de Projeto de Pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 2016.

SERAFIM, M. C. **Ética no espaço da produção: contribuições da economia de comunhão**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2001.

SERWINEK, Paul J. Demographic & related differences in ethical views among small businesses. **Journal of Business Ethics**, v. 11, n. 7, p. 555-566, 1992.

SHANE, Scott; VENKATARAMAN, Sankaran. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of management review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHEEP, M. L. Nurturing the whole person: The ethics of workplace spirituality in a society of organizations. **Journal of Business Ethics**, v. 66, n. 4, p. 357-375, Jul 2006.

SHIMIZU, A. M. Os instrumentos de medida de julgamento moral elaborados com base na teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Ano III, Número 04, maio, 2005.

SIMPSON, John; WEINER, Edmund SC. **Oxford English dictionary online**. Oxford: Clarendon Press. Retrieved March, v. 6, p. 2008, 1989.

SINGHAPAKDI, A. et al. The Influence of Love of Money and Religiosity on Ethical Decision-Making in Marketing. **Journal of Business Ethics**, v. 114, n. 1, p. 183-191, 2013.

STEINGARD, D. S. Spiritually-informed management theory – Toward profound possibilities for inquiry and transformation. **Journal of Management Inquiry**, v. 14, n. 3, p. 227-241, 2005.

STEWART, David W.; SHAMDASANI, Prem N.; ROOK, D. W. **Focus groups: Theory and practice**. 1990.

TERPSTRA, David E.; ROZELL, Elizabeth J.; ROBINSON, Robert K. The influence of personality and demographic variables on ethical decisions related to insider trading. **The Journal of Psychology**, v. 127, n. 4, p. 375-389, 1993.

VALLE, Edênio. **Psicologia e experiência religiosa: estudos introdutórios**. Loyola, 1998.

VERGARA, S. C. **Gestão de Pessoas**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VITELL, S. J. The role of religiosity in business and consumer ethics: A review of the literature. **Journal of Business Ethics**, v. 90, Supplement. 2, p. 155-167, 2009.

WALKER, A. G.; SMITHER, J. W.; DEBODE, J. The Effects of Religiosity on Ethical Judgments. **Journal of Business Ethics**, v. 106, n. 4, p. 437-452, 2011.

WEAVER, Gary R.; AGLE, Bradley R. Religiosity and ethical behavior in organizations: A symbolic interactionist perspective. **Academy of management review**, v. 27, n. 1, p. 77-97, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: GERTH, H. H.; MILLS, C. W. (Orgs.). **Ensaio de Sociologia**. 5a ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 212-225.

WEBER, Max. **The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism: And other writings**. Allen and Unwin, 1930.

WONG, H. M. Religiousness, love of money, and ethical attitudes of Malaysian evangelical Christians in business. **Journal of Business Ethics**, v. 81, n. 1, p. 169-191, 2008.

WORDEN, S. Religion in Strategic Leadership: A Positivistic, Normative/Theological, and Strategic Analysis. **Journal of Business Ethics**, v. 57, n. 3, p. 221-239, 2005.

WUTHNOW, Robert. New directions in the study of religion and economic life. In: SMELSER, N. J.; SWEDBERG, R. (Eds.). **The handbook of economic sociology**. 2nd ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2005. p. 603-626.

ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHUTTE, S. G. O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 241 – 273, abr. – jun. 2015

ZINGANO, Marco. **As virtudes morais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Estatísticas descritivas separadas da composição das amostras

APÊNDICE B – Estatísticas descritivas dos escores da competência moral por grupo em cada dilema

APÊNDICE C – Resultados complementares dos testes de correlação entre c-score e motivações da orientação religiosa

**APÊNDICE A – Estatísticas descritivas separadas
da composição das amostras**

Descriptives					
	Grupos dos levantamentos		Statistic	Std. Error	
C-Score Dilema Trabalhadores	vinculado à inst. rel	Mean		26,2250	5,44988
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	14,6089	
			Upper Bound	37,8411	
		5% Trimmed Mean		24,6500	
		Median		25,9500	
		Variance		475,219	
		Std. Deviation		21,79953	
		Minimum		,00	
		Maximum		80,80	
		Range		80,80	
		Interquartile Range		30,78	
		Skewness		1,019	,564
		Kurtosis		1,283	1,091
	graduação	Mean		39,5341	4,23915
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	30,8506	
			Upper Bound	48,2176	
		5% Trimmed Mean		39,6474	
		Median		36,4055	
		Variance		521,141	
		Std. Deviation		22,82852	
		Minimum		,23	
		Maximum		76,19	
		Range		75,97	
Interquartile Range		36,18			
Skewness		,057	,434		

	extensão	Kurtosis		-1,015	,845
		Mean		28,5892	4,80127
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	18,5021	
			Upper Bound	38,6763	
		5% Trimmed Mean		27,6123	
		Median		22,8571	
		Variance		437,993	
		Std. Deviation		20,92827	
		Minimum		1,92	
		Maximum		72,84	
		Range		70,92	
		Interquartile Range		31,04	
		Skewness		,798	,524
		Kurtosis		-,482	1,014
C-Score Dilema Médico	vinculado à inst. rel	Mean		11,9250	4,12021
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	3,1430	
			Upper Bound	20,7070	
		5% Trimmed Mean		9,7667	
		Median		6,0000	
		Variance		271,618	
		Std. Deviation		16,48084	
		Minimum		,00	
		Maximum		62,70	
		Range		62,70	
		Interquartile Range		14,08	
		Skewness		2,216	,564
		Kurtosis		5,659	1,091
	graduação	Mean		30,9533	4,68078
95% Confidence Interval for Mean		Lower Bound	21,3651		

			Upper Bound	40,5414	
		5% Trimmed Mean		29,6987	
		Median		22,9730	
		Variance		635,382	
		Std. Deviation		25,20678	
		Minimum		,00	
		Maximum		88,16	
		Range		88,16	
		Interquartile Range		37,62	
		Skewness		,743	,434
		Kurtosis		-,559	,845
	extensão	Mean		24,7484	5,42951
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	13,3414	
			Upper Bound	36,1554	
		5% Trimmed Mean		22,9177	
		Median		20,8000	
		Variance		560,112	
		Std. Deviation		23,66668	
		Minimum		,00	
		Maximum		82,45	
		Range		82,45	
		Interquartile Range		28,71	
		Skewness		1,116	,524
		Kurtosis		,823	1,014
C-Score Dilema Juiz	vinculado à inst. rel	Mean		19,5631	4,21468
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	10,5798	
			Upper Bound	28,5465	
		5% Trimmed Mean		18,4329	
		Median		18,2250	
		Variance		284,216	

		Std. Deviation	16,85870	
		Minimum	,00	
		Maximum	59,47	
		Range	59,47	
		Interquartile Range	22,29	
		Skewness	,979	,564
		Kurtosis	,676	1,091
	graduação	Mean	42,6075	3,86985
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	34,6805
			Upper Bound	50,5345
		5% Trimmed Mean	42,6581	
		Median	46,6192	
		Variance	434,297	
		Std. Deviation	20,83979	
		Minimum	3,55	
		Maximum	83,83	
		Range	80,29	
		Interquartile Range	27,05	
		Skewness	-,347	,434
		Kurtosis	-,369	,845
	extensão	Mean	31,8157	4,89526
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	21,5311
			Upper Bound	42,1002
		5% Trimmed Mean	30,8162	
		Median	29,7778	
		Variance	455,307	
		Std. Deviation	21,33793	
		Minimum	,81	
		Maximum	80,82	
		Range	80,01	
		Interquartile Range	16,60	

		Skewness	,895	,524
		Kurtosis	,684	1,014

APÊNDICE B – Estatísticas descritivas dos escores da competência moral por grupo em cada dilema

Grupo vinculado à instituição religiosa

Gênero

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	13	81,3	81,3	81,3
	Feminino	3	18,8	18,8	100,0
	Total	16	100,0	100,0	

Grau de escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Básico até ensino médio	2	12,5	12,5	12,5
	Ensino superior incompleto	5	31,3	31,3	43,8
	Ensino superior completo	1	6,3	6,3	50,0
	Pós-graduação	8	50,0	50,0	100,0
	Total	16	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	até 25 anos	4	25,0	25,0	25,0
	de 26 até 35 anos	4	25,0	25,0	50,0
	de 36 até 45 anos	5	31,3	31,3	81,3
	de 46 até 55 anos	3	18,8	18,8	100,0
	Total	16	100,0	100,0	

Denominação religiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cristão Evangélico	16	100,0	100,0	100,0

Grau de religiosidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito religioso	11	68,8	68,8	68,8
	Um pouco religioso	5	31,3	31,3	100,0
	Total	16	100,0	100,0	

Grupo extensão**Gênero**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	10	34,5	34,5	34,5
	Feminino	19	65,5	65,5	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Grau de escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ensino superior incompleto	28	96,6	96,6	96,6
	Pós-graduação	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	até 25 anos	26	89,7	89,7	89,7
	de 26 até 35 anos	3	10,3	10,3	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Denominação religiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cristão Evangélico	2	6,9	6,9	6,9
	Cristão Católico	14	48,3	48,3	55,2
	Espirita	8	27,6	27,6	82,8
	Religiões Orientais	1	3,4	3,4	86,2
	Ateu ou Agnóstico	3	10,3	10,3	96,6
	Outros	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Grau de religiosidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito religioso	4	13,8	13,8	13,8
	Um pouco religioso	23	79,3	79,3	93,1
	Nada religioso	2	6,9	6,9	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Grupo graduação**Gênero**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	6	31,6	31,6	31,6
	Feminino	13	68,4	68,4	100,0
	Total	19	100,0	100,0	

Grau de escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Básico até ensino médio	6	31,6	31,6	31,6
	Ensino superior incompleto	8	42,1	42,1	73,7
	Ensino superior completo	3	15,8	15,8	89,5
	Pós-graduação	2	10,5	10,5	100,0
	Total	19	100,0	100,0	

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	de 46 até 55 anos	11	57,9	57,9	57,9
	de 56 até 65 anos	6	31,6	31,6	89,5
	mais de 66 anos	2	10,5	10,5	100,0
	Total	19	100,0	100,0	

Denominação religiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cristão Evangélico	1	5,3	5,3	5,3
	Cristão Católico	9	47,4	47,4	52,6
	Espirita	7	36,8	36,8	89,5
	Outros	2	10,5	10,5	100,0
	Total	19	100,0	100,0	

Grau de religiosidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito religioso	5	26,3	26,3	26,3
	Um pouco religioso	14	73,7	73,7	100,0
	Total	19	100,0	100,0	

APÊNDICE C – Resultado complementares dos testes de correlação entre c-score e motivações da orientação religiosa

Correlations

			C-Score do MCT	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000	-,199
		Sig. (2-tailed)	.	,114
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,199	1,000
		Sig. (2-tailed)	,114	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score do MCT	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000	-,223
		Sig. (2-tailed)	.	,076
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,223	1,000
		Sig. (2-tailed)	,076	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000	-,216
		Sig. (2-tailed)	.	,086
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,216	1,000
		Sig. (2-tailed)	,086	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,125
		Sig. (2-tailed)	.	,324
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,125	1,000
		Sig. (2-tailed)	,324	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,086
		Sig. (2-tailed)	.	,499
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,086	1,000
		Sig. (2-tailed)	,499	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score Dilema Juiz	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000	-,191
		Sig. (2-tailed)	.	,132
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,191	1,000
		Sig. (2-tailed)	,132	.
		N	64	64

Correlations

			C-Score Dilema Juiz	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000	-,165
		Sig. (2-tailed)	.	,193
		N	64	64
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,165	1,000
		Sig. (2-tailed)	,193	.
		N	64	64

Grupo graduação vinculado à instituição religiosa

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,101
		Sig. (2-tailed)	,709
		N	16

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,406
		Sig. (2-tailed)	,119
		N	16

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	,088
		Sig. (2-tailed)	,746
		N	16

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,017
		Sig. (2-tailed)	.	,949
		N	16	16
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,017	1,000
		Sig. (2-tailed)	,949	.
		N	16	16

Grupo extensão

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	,057
		Sig. (2-tailed)	,816
		N	19

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,118
		Sig. (2-tailed)	,630
		N	19

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,260
		Sig. (2-tailed)	,282
		N	19

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,449
		Sig. (2-tailed)	,054
		N	19

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,223
		Sig. (2-tailed)	,360
		N	19

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação intrínseca
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,050
		Sig. (2-tailed)	.	,838
		N	19	19
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,050	1,000
		Sig. (2-tailed)	,838	.
		N	19	19

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,160
		Sig. (2-tailed)	.	,513
		N	19	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,160	1,000
		Sig. (2-tailed)	,513	.
		N	19	19

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,375
		Sig. (2-tailed)	.	,114
		N	19	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,375	1,000
		Sig. (2-tailed)	,114	.
		N	19	19

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,196
		Sig. (2-tailed)	,422
		N	19

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,066
		Sig. (2-tailed)	,789
		N	19

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	19
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,426
		Sig. (2-tailed)	,069
		N	19

Grupo Graduação

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,233
		Sig. (2-tailed)	,223
		N	29

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,005
		Sig. (2-tailed)	,981
		N	29

Correlations

			C-Score do MCT
Spearman's rho	C-Score do MCT	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	-,024
		Sig. (2-tailed)	,902
		N	29

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,297
		Sig. (2-tailed)	,118
		N	29

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	-,132
		Sig. (2-tailed)	,495
		N	29

Correlations

			C-Score Dilema Juiz
Spearman's rho	C-Score Dilema Juiz	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	,038
		Sig. (2-tailed)	,843
		N	29

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação intrínseca
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	-,310
		Sig. (2-tailed)	.	,101
		N	29	29
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	-,310	1,000
		Sig. (2-tailed)	,101	.
		N	29	29

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca social
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	,111
		Sig. (2-tailed)	.	,566
		N	29	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca social	Correlation Coefficient	,111	1,000
		Sig. (2-tailed)	,566	.
		N	29	29

Correlations

			C-Score Dilema Médico	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Médico	Correlation Coefficient	1,000	,138
		Sig. (2-tailed)	.	,475
		N	29	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	,138	1,000
		Sig. (2-tailed)	,475	.
		N	29	29

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores	Score da pontuação na orientação intrínseca
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000	,092
		Sig. (2-tailed)	.	,635
		N	29	29
	Score da pontuação na orientação intrínseca	Correlation Coefficient	,092	1,000
		Sig. (2-tailed)	,635	.
		N	29	29

Correlations

			C-Score Dilema Trabalhadores	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal
Spearman's rho	C-Score Dilema Trabalhadores	Correlation Coefficient	1,000	,135
		Sig. (2-tailed)	.	,487
		N	29	29
	Score da pontuação na orientação extrínseca pessoal	Correlation Coefficient	,135	1,000
		Sig. (2-tailed)	,487	.
		N	29	29

ANEXOS

ANEXO A – Enunciados dos dilemas morais contidos no questionário do MCT

ANEXO B – Escala da orientação da motivação religiosa

ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido

ANEXO A – Enunciados dos dilemas morais contidos no questionário do MCT

Dilema dos Operários: Devido a existência de demissões aparentemente infundadas, alguns operários de fábrica suspeitam que a chefia esteja ouvindo as conversas dos empregados através de um microfone oculto, e usando tais informações contra os empregados. A chefia oficialmente nega essas acusações enfaticamente. O sindicato declara que só tomará providências contra a companhia quando forem encontradas provas que confirmem as suspeitas. Sendo assim, dois operários decidem arrombar o escritório administrativo e roubam uma transcrição de uma gravação que prova a alegação de espionagem por parte da chefia.

Dilema do Médico: Havia uma mulher com câncer e não existia nenhuma esperança de salvá-la. Ela estava sofrendo de dores terríveis e tão fraca que uma dose maior de um analgésico como morfina, por exemplo, a mataria. Durante um período de temporária melhora, ela implorou ao médico que lhe desse morfina suficiente para matá-la. Ela disse que não poderia suportar a dor muito tempo mais e que estaria morta em poucas semanas de qualquer modo. O médico atendeu seu desejo.

Dilema do Juiz: O serviço secreto de um país europeu tem evidências de que um grupo terrorista está planejando um ataque de bomba a um trem muito usado no horário de rush. O ataque está previsto para amanhã. Os terroristas pretendem matar duzentas pessoas e o grupo é conhecido por sua crueldade. O serviço secreto prendeu uma mulher que se sabe ser uma das líderes do grupo terrorista. Há evidências de que a mulher participou do plano de ataque. A polícia acredita que poderia prevenir o ataque se conseguisse que ela falasse. Eles entrevistaram a mulher por várias horas. Entretanto, ela se recusa totalmente a cooperar. O serviço secreto teme que a mulher não fale antes que seja muito tarde para prevenir o ataque. Portanto, eles pedem a permissão ao juiz responsável pela investigação, a permissão para torturá-la e obrigá-la a falar. Nesse país a tortura é proibida por lei. A despeito disso, o juiz deu permissão para torturar a mulher visando prevenir o ataque e salvar a vida de várias pessoas.

ANEXO B – Escala da orientação da motivação religiosa

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não tenho certeza	Concordo parcialmente	Concordo fortemente
1. Gosto de ler sobre a minha religião.	<input type="checkbox"/>				
2. Vou à Igreja porque me ajuda a fazer amigos.	<input type="checkbox"/>				
3. Não tem grande importância aquilo em que acredito, desde que eu seja bom.	<input type="checkbox"/>				
4. É importante para mim dedicar tempo à meditação e à oração pessoal	<input type="checkbox"/>				
5. Tenho muitas vezes uma percepção forte da presença de Deus	<input type="checkbox"/>				
6. Rezo principalmente para obter alívio e proteção.	<input type="checkbox"/>				
7. Faço grande esforço para viver a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.	<input type="checkbox"/>				
8. O que a religião mais me proporciona é conforto em situações de problemas e sofrimento.	<input type="checkbox"/>				
9. A oração é para paz e felicidade.	<input type="checkbox"/>				
10. Apesar de ser religioso não deixo que isso influencie a minha vida quotidiana.	<input type="checkbox"/>				
11. Vou à Igreja principalmente para estar com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>				
12. A minha abordagem à vida baseia-se na minha religião.	<input type="checkbox"/>				
13. Vou à Igreja principalmente porque eu gosto de encontrar pessoas as quais eu conheço lá.	<input type="checkbox"/>				
14. Apesar de acreditar na minha religião, há outras coisas mais importantes na vida.	<input type="checkbox"/>				

ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido

PESQUISA: “De Mim Saiu Virtude”: Espiritualidade e Comportamento Moral em Grupos de Formação Empreendedora

As informações contidas nesta folha, fornecidas por Lucas Carregari Carneiro e Maurício Custódio Serafim têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntário(a) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ele(a) será submetido(a).

- 1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: observando especificamente de que forma espiritualidade expressa em práticas religiosas pode influenciar o comportamento moral.
 - 2) Participantes da pesquisa: Membros de participantes de Grupos de Formação Empreendedora
 - 3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você irá responder um questionário sobre o tema. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do coordenador do projeto e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
 - 4) Sobre a coleta: Os questionários serão auto administrados em locais propícios e o pesquisador estará disponíveis para eventuais dúvidas.
 - 5) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da(o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.
 - 6) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes aos estudos no tema, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos de forma agregada, respeitando a privacidade individual.
 - 9) Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.
 - 10) Liberdade de recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem nenhuma penalização.
- Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Florianópolis, _____ / _____ / _____

Telefone para contato: _____

Assinatura do Voluntário: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Contatos:

Lucas Carregari Carneiro. Telefone: (48)99919-1341 email carregari.lucas@gmail.com. Endereço: Servidão Arara Azul, 76 – Campeche, Florianópolis/SC, Brasil.

Escola Superior de Administração e Gestão – Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade do Estado de Santa Catarina